

Semana

REVISTA DA

Nosso Departamento
Especializado: P. 11



Nº 11 — 15 março 58 — Cr\$ 10,00

**EXCLUSIVO:
VOANDO COM
AS ARTISTAS
DE PERNAS
PRO AR**

Lady
Maxwell:
Por que
Linda
Christian
voltou

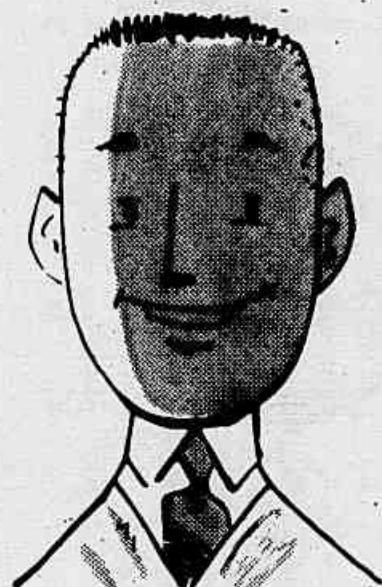
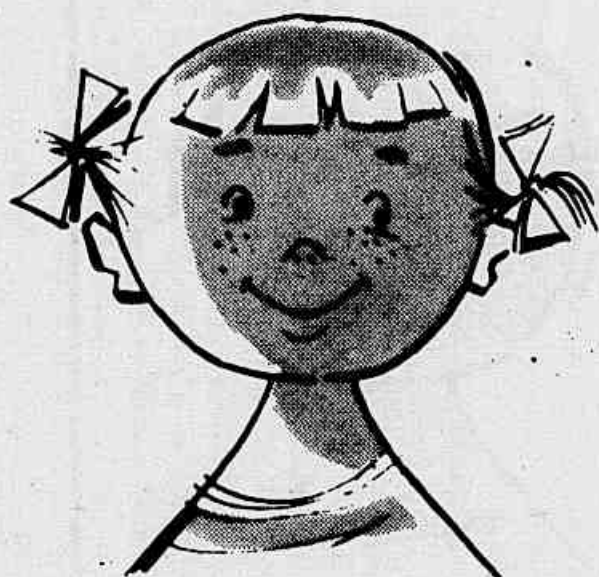
ENCONTRO COM FIDEL CASTRO O RAPTOR DE FÂNGIO

SEJA SAUDÁVEL BEBA

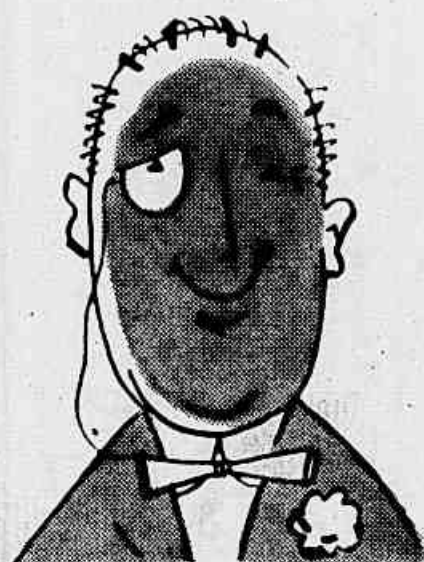
CARACÁ

ANÚNCIOS QUE NÃO EXISTEM - VII





O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURÓ**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito, Antônio Melo. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrozio, Rafael, Raf, Babinki. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES**: Internacional — Stel-
lan Baciu. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paraíba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio &**
TV — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Frie-
drich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luís de Azevedo. **Médico** — Sílvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady.
Teatro — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. — **REVISTA DA SEMANA** —
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Enderêço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação —
22-9570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. As-
sinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00. — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**

Assistente de Publicidade — **J.M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

Director-Comercial — **JOFFRE AMADO**

LEIA:

NACIONAL 8 — O Governo Juscelino engasgado com café

A CAPA 11 — Maria Aparecida do Pôsto Seis

INTERNACIONAL 15 — Encontro com Fidel Castro o Raptor de Fângio

ENTREVISTA 17 — Cascudinho, no Canto do Muro

NOVELA 20 — O Urso — William Faulkner

LIVROS 23 — Satyro & Gargiulo Marcam Passo

HUMOR 24 — Fifi e a Trufa Chilena — Orson Welles

67 — Raf

60 — Mr. Abernathy

TEATRO 26 — A Compadecida vai a Paris?

MISTÉRIO 27 — Reconhecido o Fantasma de Dick Turpin

EXCLUSIVO 34 — Voando com as artistas de pernas pro ar

PSICOLOGIA 45 — Como evitar a fadiga e a neurose

CULINARIA 48 — Luis, Diário de um Gastrônomo

CIENCIA 50 — Pólo Norte — 6

GENTE 52 — O Homem que Inventou Ferdinando

MEMÓRIAS 55 — O Drama de João Alberto — Rafael Corrêa de Oliveira

NO ESPAÇO 57 — Como é a Lua que o homem vai conquistar

POLÍTICA 61 — Esquema da Operação-Cego

SOCIAIS 64 — Lady Maxwell Informa

OPINIÃO 66 — Aluízio Alves



CONTÉ



Ê LE chegou na redação eram cinco horas da tarde e disse que podia buscar Rossana e trazê-la exclusiva, mas precisava vencer a barreira do tempo. Em duas horas (expediente encerrado) conseguiu lugar de ida para Recife e foi.

Ele: Hélio Polito, chefe do nosso Departamento Especializado (seção de Fotografia), especialista em fotografar aqui e no estrangeiro as coisas boas da vida.

As 4,40 horas da madrugada chegou a Recife, deu uma voltinha no Capibaribe, fotografou uma mulher na praia, voltou ao aeroporto.

Aí, o DC7-C já estava na pista com Rossana e tudo. Não havia lugar. Foi ao balcão da companhia, disse que tinha de ver Rossana de qualquer maneira, afinal disseram que ele só podia viajar no bar.

Viajou.

Durante quatro horas de viagem foi o único fotógrafo a bordo, bateu duzentas chapas, conversou com as moças, fez fichas de inscrição do Departamento.

E depois ainda foi fotografado por uma atriz ao lado de outra atriz e acabou sendo convidado para conhecer Paris e fotografar "Pigalle", com Jeanne Moreau de cicerone.

Resultado nas páginas 34 a 41.

NEUSA de Carvalho, uma estudante brasileira na Universidade de Massachusetts, entrevistou, com exclusividade para a REVISTA DA SEMANA, o pai de Ferdinando Buscapé, Al Capp.

Ele não sabia que Lil Abner era "Ferdinando" e que Daisy (Margarida) era "Violeta", e anuncia para "qualquer dia destes" uma aventura de seu herói no Brasil.

KRAFFT A. Ehrich, cientista ligado à Divisão de Astronáutica da Força Aérea Americana, prognosticou esta semana que pequenos grupos de exploração poderão desembarcar na Lua por volta de 1970, "ou até antes".

Segundo os seus cálculos, a viagem lunar será feita na seguinte escala: no período de 1958 a 1960 um foguete será disparado até às proximidades da Lua e outros darão impactos no satélite; de 1960 a 1962, já será possível lançar foguetes que circunavegarão o satélite natural da Terra; antes de 1964, foguetes de prova já estarão descendo na Lua. Pouco depois, já haverá desembarques de foguetes com instrumentos; antes de 1966, foguetes tripulados chegarão nas proximidades da Lua para operações de reconhecimento; e no período de 1967 a 1970 haverá o primeiro desembarque de um homem na Lua.

O primeiro grupo que descer ali vai decidir sobre a conveniência da construção, ou não, de uma base lunar permanente.

Enquanto esta base não for construída, os homens voltarão às cavernas.

Leia na página 57: "Como é a Lua que o Homem Vai Conquistar".

O cônego O'Grady (nosso Editor Astronáutico) informa: 33 dias depois do lançamento do primeiro "Explorador", falhou a experiência de colocar em órbita um segundo, mais pesado e que deveria entrar em órbita "rasante", isto é, de pouca altitude. É preciso não confundir este que falhou com o anunciado "satélite fixo" que os americanos prometem lançar. Este será fixo ou imóvel apenas na aparência, por girar em torno da Terra no mesmo tempo em que esta gira sobre si mesma.

Um satélite fixo, de modo absoluto, é impossível.

APRENDA

A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA



BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro "Como Aprender a Dançar", já em 8.ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo.

O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 h às 22 h à Avenida Liberdade, 120, 2.º andar — conj. 8 — São Paulo.

Loção
XAMBU

DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON n.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON n.º 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Figueira Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de BEL-HORMON n.º

NOME N.º
RUA
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

A VENDA

ALMANAQUE EU SEI TUDO

EM TODAS AS BANCAS

Gynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal. 1.202

LEIAM

EU SEI TUDO

CONTOS — ROMANCES —
CIÊNCIAS — HISTÓRIA —
CURIOSIDADES — CINEMA
— LITERATURA E MUITOS
OUTROS ASSUNTOS —

Preço — Cr\$ 10,00

CARTAS

MODERNISMO

"Jaguar, Ambrozio, Marius, Babinski são excelentes ilustradores entre outros que compõem a equipe da R.S. Parceladamente, como fizeram com Ambrozio, vocês poderiam falar sobre cada um deles, principalmente, de Raf."

César Mendonça, D.F.

MODA

"Primeira vez que li alguma coisa sobre o sucessor de Dior, Saint-Laurent. Gostei".

Gilda Viçosa, Natal

BOCCACIO

"Muito forte o conto de Boccacio".

Marina Soares, D.F.

DÚVIDA

"Boccacio é Bocage?"

Vitor Silva, D.F.

§ Uns dizem que sim. Outros, que Boccacio é o poeta português Manuel Maria Barbosa ou Bocage.

Editor

CERTEZA

"Sei que Boccacio é Bocage, poeta português".

Fernando Ferreira, Maceió

ELOGIO

"A R.S. está acertando na escolha de contos clássicos para oferecer aos leitores. A ilustração, por outro lado, do conto de Boccacio estava magnífica".

Melo Rodrigues, Recife

INÉDITA

"... e o ineditismo da capa do número especial de Carnaval agradou..."

Maria Fernanda Silva, D.F.

DESENHO

"... e ficou muito bom aquele palhaço desenhado ao lado da chamada da matéria na capa do número especial de Carnaval..."

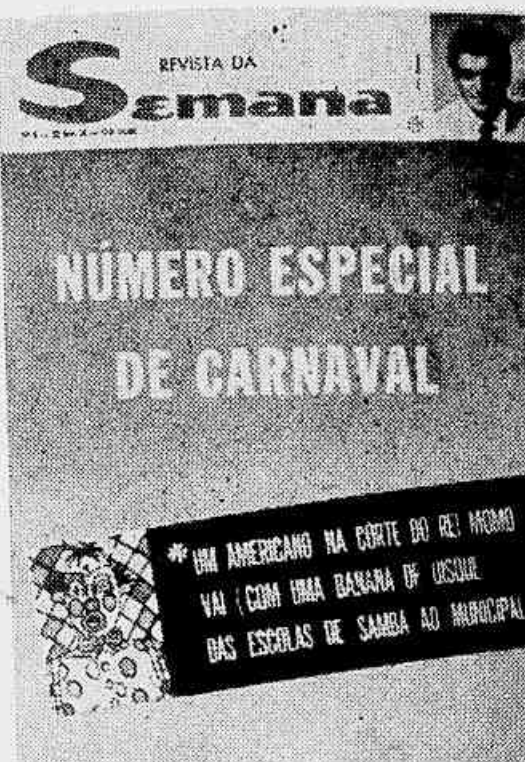
Jorge Sales, D.F.

VENDA

"... fator preponderante na venda de uma revista é a sua capa. E a do número 8, especial de Carnaval, foi muito boa, contribuindo para que naturalmente a revista alcançasse maior vendagem, é o que suponho".

Sebastião Fonseca, Vitória
§ Acertou.

Editor



ORIGINAL

"Tôda a R.S. n.º 8 me agradou, principalmente a sua capa, em vermelho com letras amarelas".

Orlando Cardoso, S. Paulo

ANÚNCIO

"Anúncios que não existem eu não entendo".

Amílcar Silva, D.F.

INTELIGENTE

"Ambrozio foi muito feliz no seu inteligente anúncio que não existe no número 8 da R.S. Digam a ele para fazer outros".

Fernandes Calçada, D.F.

BELEZA

"Belo corpo da mulher que aparece na primeira fotografia do número 8 da R.S. num baile de Carnaval".

Jorge Leitão, Pôrto Alegre

DECÊNCIA

"Moderada e decente a R.S. em seu primeiro número (8) de Carnaval em 1958".

Belarmina Rosália, D.F.

AUTOR

"... e quem é o autor da reportagem sobre o Baile das Atrizes?"

Vitor Nunes, D.F.

§ A REVISTA DA SEMANA.

Editor

PALPITE

"Acertou a R.S., antes mesmo da decisão do júri, no resultado do desfile das Escolas de Samba, apontando Portela como vencedora".

Miguel Stein, S. Paulo

AMOR

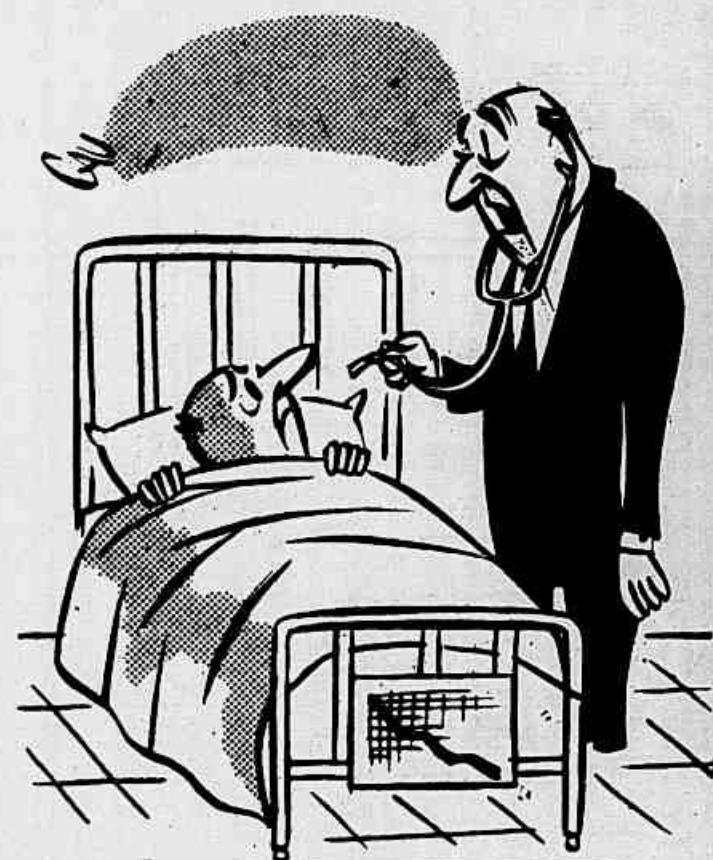
"Cacareco" conquistou meu coração apaixonado. Também os bichos sabem amar".

Marita Luz, D.F.



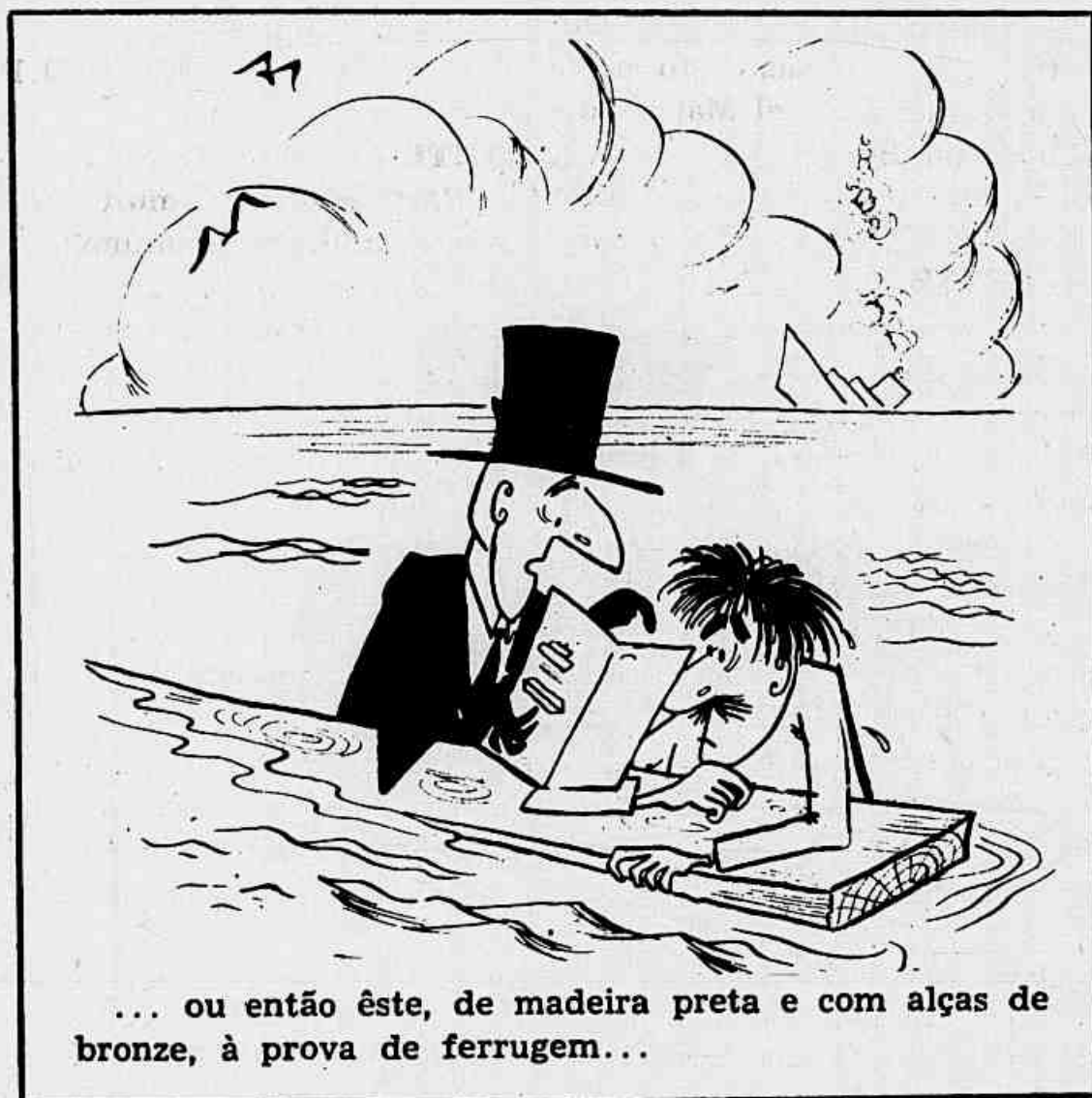
Daqui há 15 anos olharei para trás e me lembrarei desse momento como um dos melhores da minha vida, miragem ou não miragem...

W. C. HOLLINGSWORTH



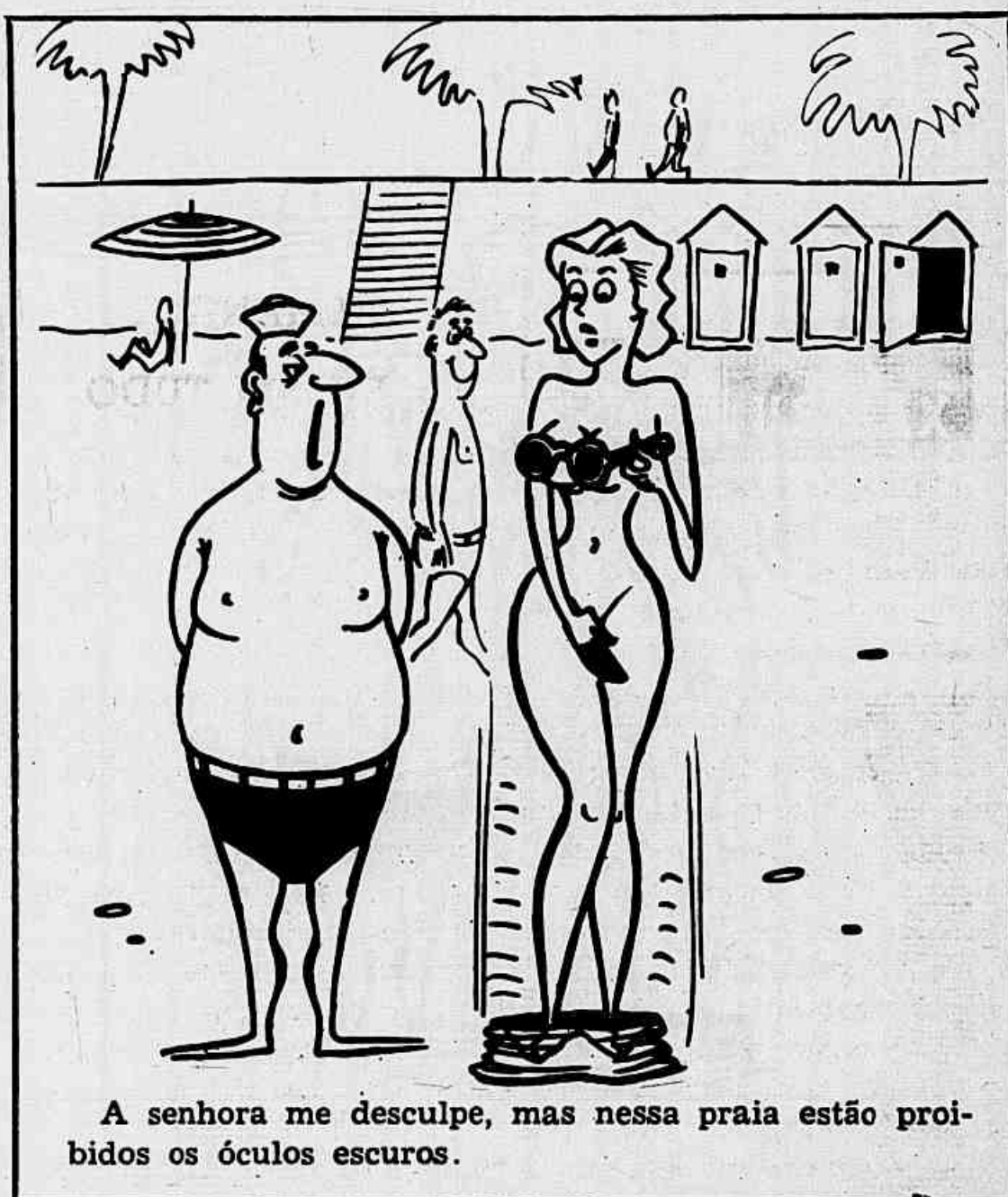
Eu, se fôsse o senhor, não compraria mais nenhum long-play.

CAU



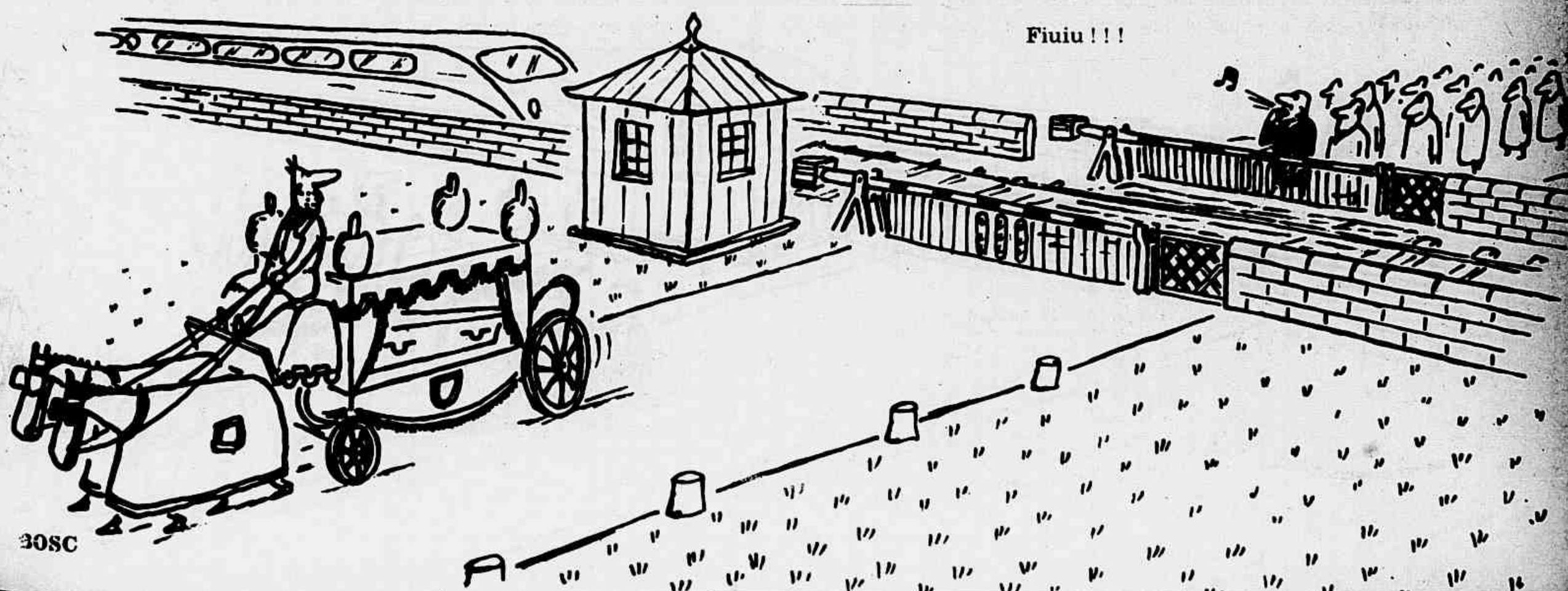
... ou então este, de madeira preta e com alças de bronze, à prova de ferrugem...

GUY BARA



A senhora me desculpe, mas nessa praia estão proibidos os óculos escuros.

CLAUDE RAYNAUD



Fiuiu!!!

O GOVERNO JUSCELINO ENGASGADO COM CAFÉ

NACIONAIS

A PRIMEIRA FUMAÇA com cheiro de café que fôr identificada pelos produtores e que não estiver saindo de uma cafeteira poderá criar para o governo JK uma situação de difícil controle, segundo acreditam os técnicos no assunto.

A situação está tão grave que já provocou até choques entre o sr. José Maria Alkmim — ministro da Fazenda e criador da atual política do café — e o sr. Juscelino Kubitschek. Embora ambos desmintam êsses choques e o sr. Juscelino chegue até a fazer discursos apoiando e elogiando a política cafeeira de seu auxiliar, a verdade é que a antiga amizade entre eles está um pouco abalada.

Um inquérito do Estado-Maior do Exército (e que as autoridades militares negam tenha existido) mostrou ao sr. Juscelino Kubitschek que o sr. Alkmim tem mentido o tempo todo e que "mesmo que tenha adotado essa política na certeza de que era boa, continua com ela por teimosia".

Os resultados desse inquérito provocaram do sr. Juscelino duas frases ouvidas por mais de uma testemunha:

"Você mente para o povo e quer mentir para mim também"; e "O que você está fazendo é um jogo pessoal, no seu interesse".

A reação do sr. Alkmim — não imediata — foi comentar que "o Juscelino está tão envolvido por êsses milicos que já nem pensa mais sozinho".

A segunda reação, mais positiva (e que, no entanto, ainda não resultou ao menos em esperança) foi lançar uma série de declarações e entrevistas com a idéia de vender café à

União Soviética. Esse café, que seria vendido a preços mais caros que os do mercado, trariam para o governo um grande crédito e daria aos soviéticos, como compensação, o reatamento que eles vêm pleiteando (ainda particularmente).

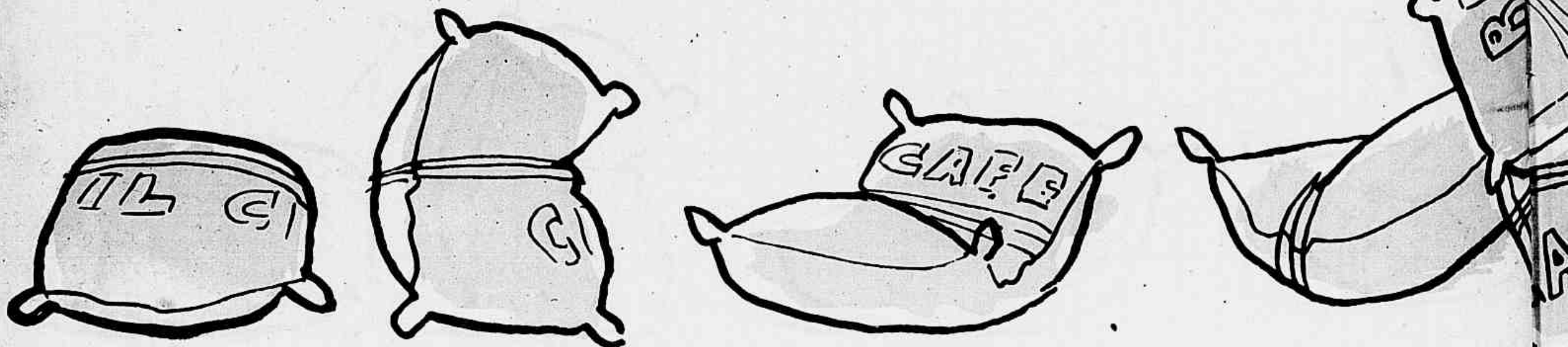
Outra solução para o sr. Alkmim seria conseguir os 100 milhões de dólares de empréstimo no Eximbank (Banco de Importação e Exportação dos Estados Unidos). Mas essa solução, segundo ainda os entendidos no assunto, seria ótima não para o Brasil, mas para o sr. Alkmim.

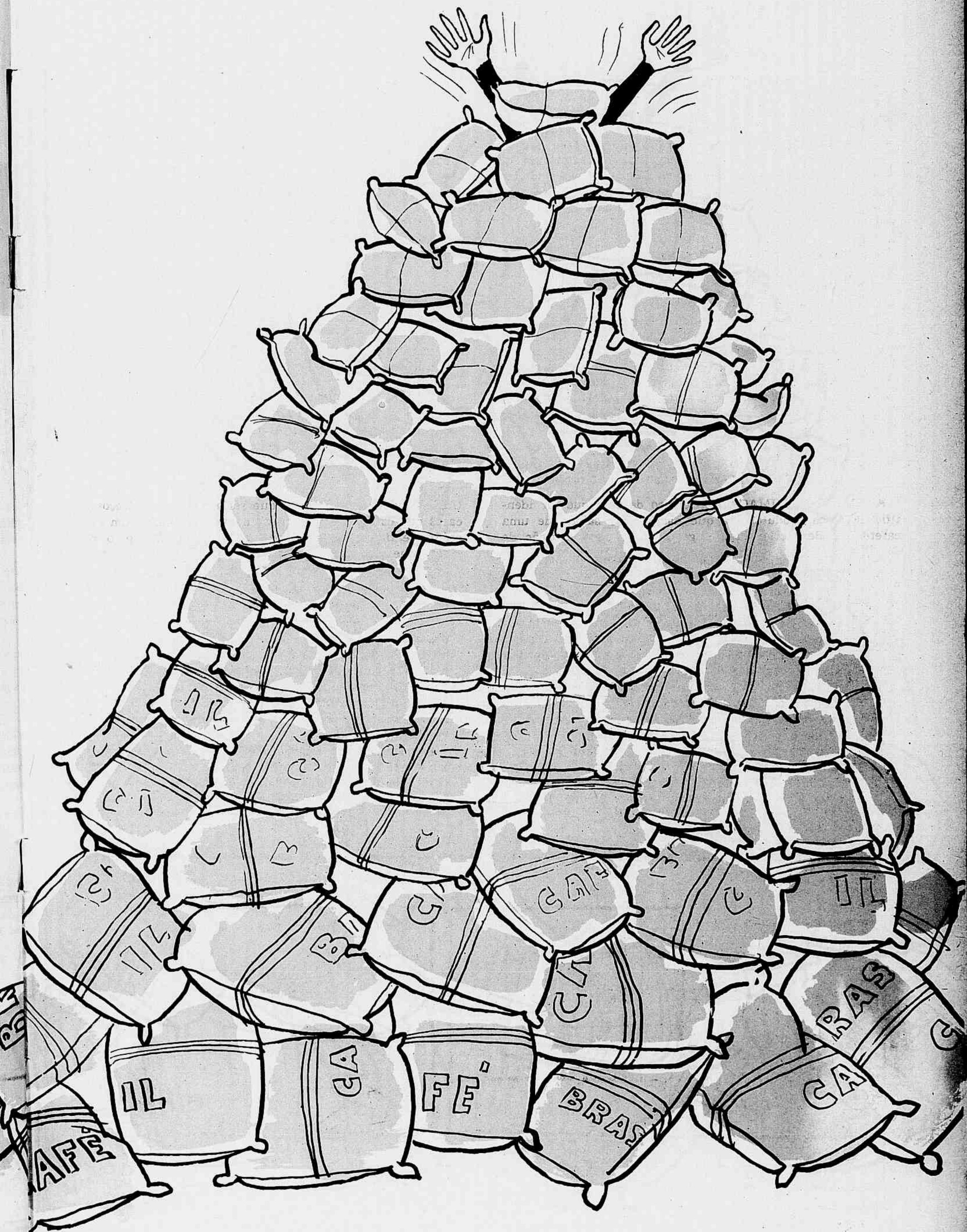
O que os técnicos destacam mais, no entanto, é o fato de ninguém — a não ser o sr. José Maria Alkmim — entender a atual política do café. Principalmente porque a situação está tão grave quanto a que antecedeu imediatamente a grande crise de 1929.

A defesa do café, que em 1957 custou ao Brasil emissões no total de 11 bilhões de cruzeiros, está custando também um preço muito alto em dólares (que não temos) pela intervenção do Brasil na Bolsa de Nova Iorque (intervenção que o governo continua negando).

Essa defesa ameaça custar muito mais que a última (esquema Oswaldo Aranha, 1954) que nos custou 11,5 milhões de dólares, além dos prejuízos indiretos.

Com os cafés da safra 1957-58 fomos num barco em que já afundamos várias vezes. E os técnicos, alarmados, dizem que "é difícil compreender, em nossos dias, como se comete o erro de fazer uma política de valorização para um produto em excesso, estimulando mercados concorrentes". Esses téc-





ESTAMOS NO MESMO BARCO, QUE AMEAÇA AFUNDAR RÁPIDAMENTE

nicos não podem entender como é que alguém vai registrar um contrato de venda de café e as autoridades do IBC compram esse café dez vezes mais caro.

Mas a coisa se reveste de aspectos muito mais perigosos: recolhemos vários outros naufragos em nosso barco. Na reunião do México, em outubro do ano passado, o delegado brasileiro, sr. Paulo Guzzo, deu-se ao luxo de fazer uma frase histórica: "Estamos todos no mesmo barco, deveremos remar juntos". Mas a guarnição é desigual e a marola é forte, além de termos um patrão ruim.

BRASIL COMPRA EM NOVA IORQUE

Por que razão o Brasil intervém nas operações da Bolsa de Nova Iorque? A pergunta tem resposta. Alguns operadores vinham oferecendo abaixo dos preços defendidos pelo Brasil, cafés que, aparentemente, não possuíam, com o objetivo evidente de forçar a baixa. Nessas condições, resolveu o Brasil aproveitar a oportunidade que se oferecia para uma lição. Como as entregas das vendas efetuadas estariam previstas para março, o Brasil entrou no mercado comprando a esses operadores que, não encontrando cobertura para suas vendas, teriam que usar a alternativa da liquidação pela diferença, o que se traduziria num vultoso prejuízo para os operadores e lucros para o governo brasileiro, apontado como titular efetivo da maior parte das posições "compradas" para o mês que começa.

RISCO DE PERDER

A euforia que dominou os meios oficiais da política do café, com respeito a essa operação, não chegou a contaminar os meios comerciais. Esses, conhecendo melhor o "background" dos negócios, sabem da maleabilidade dos regulamentos da Bolsa de Nova Iorque e da defesa que esta faz de seus operadores. Mas, pelo visto, as próprias condições reais do mercado poderão fazer malograr a manobra do Brasil. De acordo com boletins de operadores e do próprio Bureau Pan-Americano do Café, de fins do mês passado, existiam, nos armazéns e nas docas de Nova Iorque, já aprovados para entrega na Bolsa, 596 lotes de 250 sacos do Contrato B, total esse superior à posição em aberto no referido contrato para entrega em março, que era, no fim da semana passada, de 591 lotes.

Se os números não mentem e se não há segredos maiores no mercado, estaríamos diante de uma encruzilhada ingrata,

a que teríamos sido arrastados mais uma vez pela política de valorização. Os vendedores estariam cobertos, e o Brasil não poderia dar a lição pretendida de forçar uma liquidação que lhes seria ruínosa, mas arriscado a receber duro castigo. Das 147-750 sacas vendidas "a descoberto", o Brasil seria comprador e deveria receber 110 000 sacas, com o que elevaria seu estoque em Nova Iorque a 200 000 sacas, pois já em dezembro recebera 90 000 sacas.

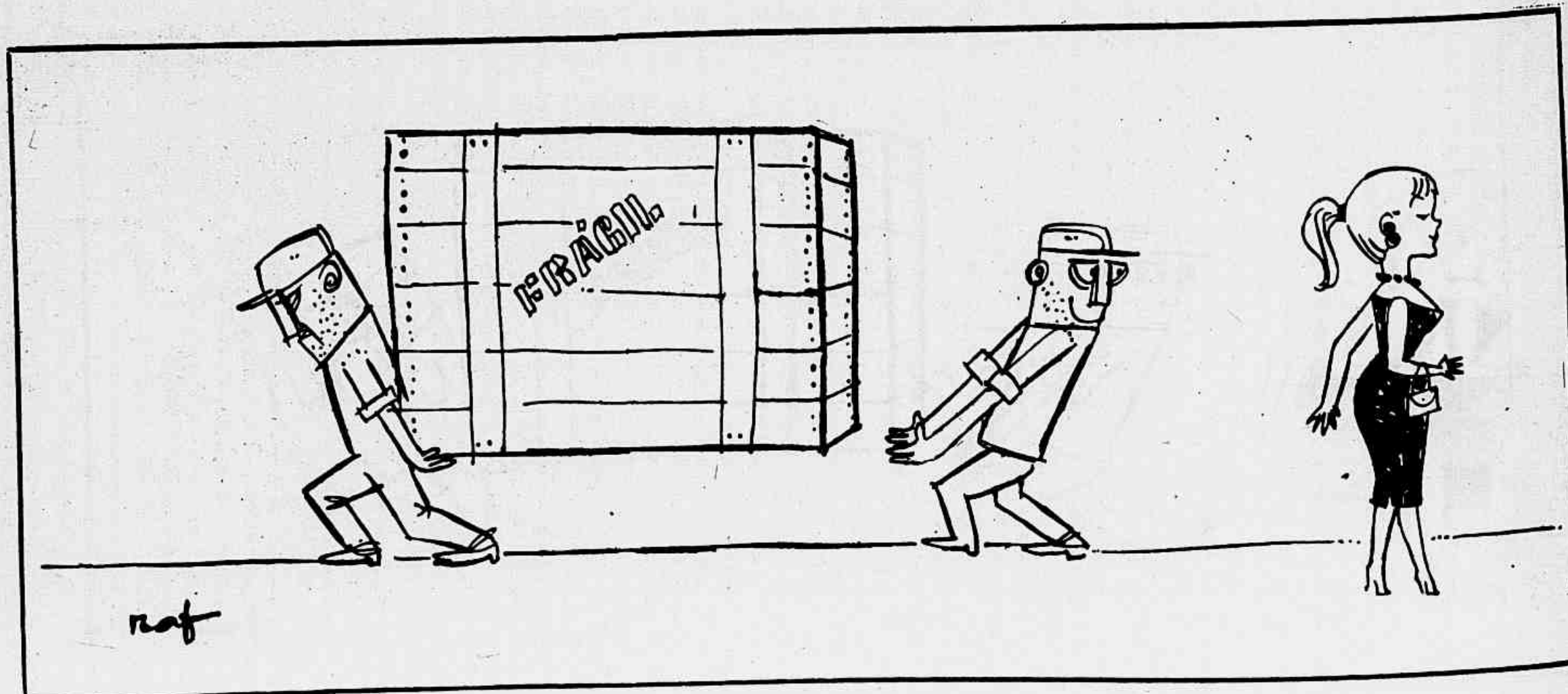
A SITUAÇÃO INTERNA

Não resta a menor dúvida de que as medidas postas em prática pelo governo brasileiro defendem os interesses do produtor nacional, pelo menos a curto prazo. Os estoques oficiais — remanescentes das compras de 1954 e mais as compras de 1957-58 — formam estoques que se aproximam de 8,0 milhões de sacas, com as quais o IBC obstrui os portos de exportação, único recurso de que pode lançar mão para filtrar as saídas.

A exportação de café em janeiro e fevereiro não deve ter alcançado 1,5 milhão de sacas, com um deficit, pelos cafés não embarcados, de aproximadamente 80,0 milhões de dólares para a receita cambial. A queda das exportações é a arma com que contam os operadores de café do Brasil, pois a nossa pobreza de divisas não nos permitirá resistir: entramos numa guerra sem ter os paíais abastecidos. A prova dos apertos está na recente decisão do IBC, de liberar os cafés da série comum no porto de Santos, com o que acredita seja possível estimular os embarques. Mas os estoques nunca foram tão altos: em 31 de janeiro, mais de 13 milhões de sacas, o volume mais considerável pelo menos das últimas seis safras.

Mas, enquanto no Brasil a inquietação é nos termos do exposto, devemos ter em vista as inquietações alheias, pois "estamos no mesmo barco". A diferença de preços a favor dos cafés suaves pode indicar, até certo ponto, que há brechas no barco, dando margem a vasamentos. Países pequenos e médios produtores não se conformam muito bem às disposições do Convênio do México, que obrigam a reter percentagens do exportável, além do que devem mobilizar, para financiamentos, recursos nem sempre disponíveis no seu mercado.

As reuniões em Bogotá, México e outra vez Bogotá, num vai e vem de representantes, a vinda ao Rio do sr. Vito Sá, o presidente do Bureau Pan-Americano do Café, patenteiam a inquietação internacional que afeta a economia cafeeira.





MARIA APARECIDA
DO PÔSTO SEIS

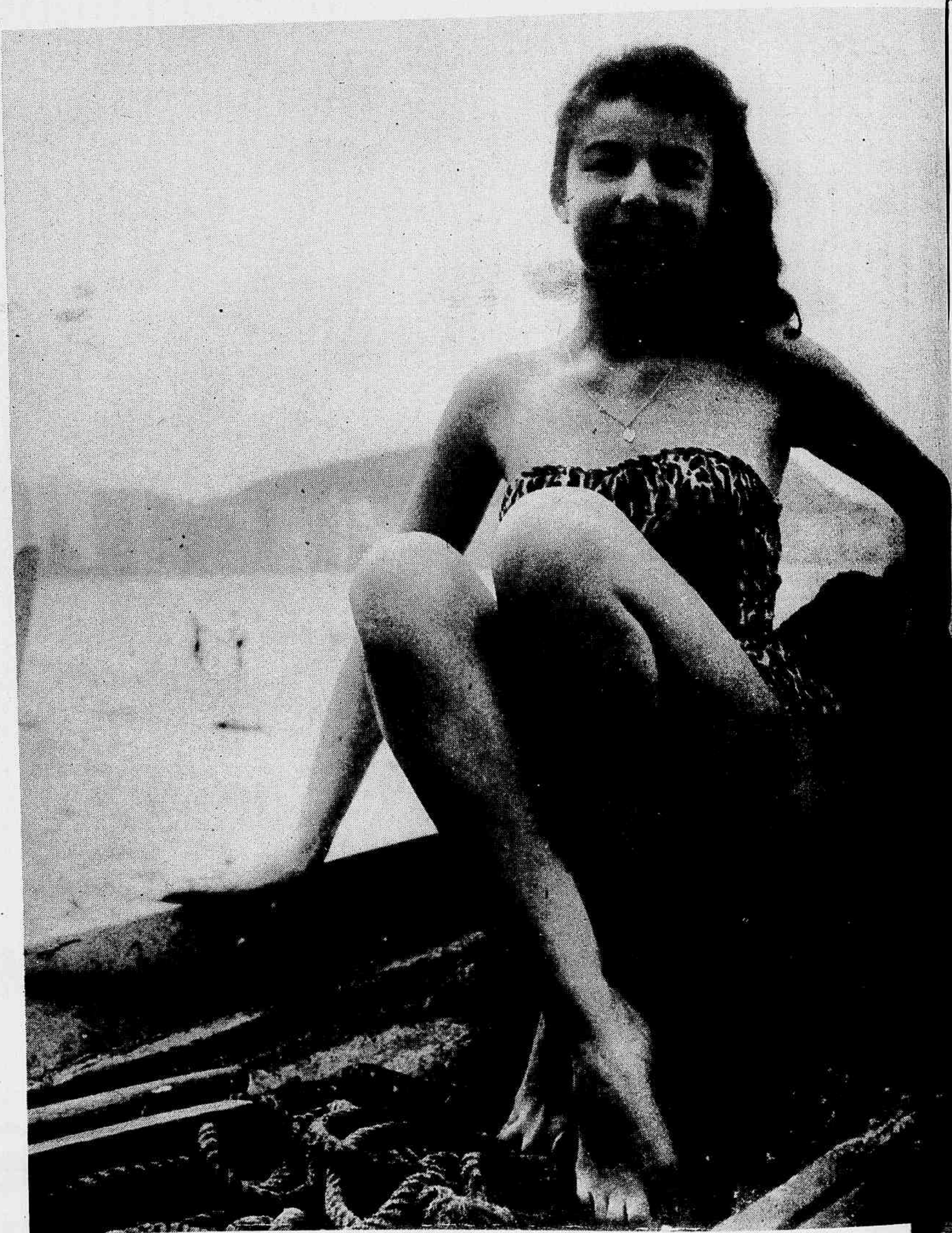
ELA QUER UM MARIDO ASSIM, ASSIM, MAS DEIXA POR 50%

MARIA APARECIDA morava em Copacabana e trabalhava na cidade, mas um dia deixou o emprego "porque ficava sem tempo para amar o mar". Hoje ela continua morando em Copacabana, vai à praia todos os dias e, quando alguém lhe pergunta o que é a felicidade, finge não ouvir, põe um toque enigmático no sorriso e murmura: "Como é gostoso ver os homens olhando quando passamos de maiô..."

Maria Aparecida é a garôta das fotos e nós não vamos desviar sua atenção falando nos centímetros das medidas dela. Mas se você é um esteta exigente e tem o sentido exato da proporcionalidade, aqui vai a informação do nosso Depar-

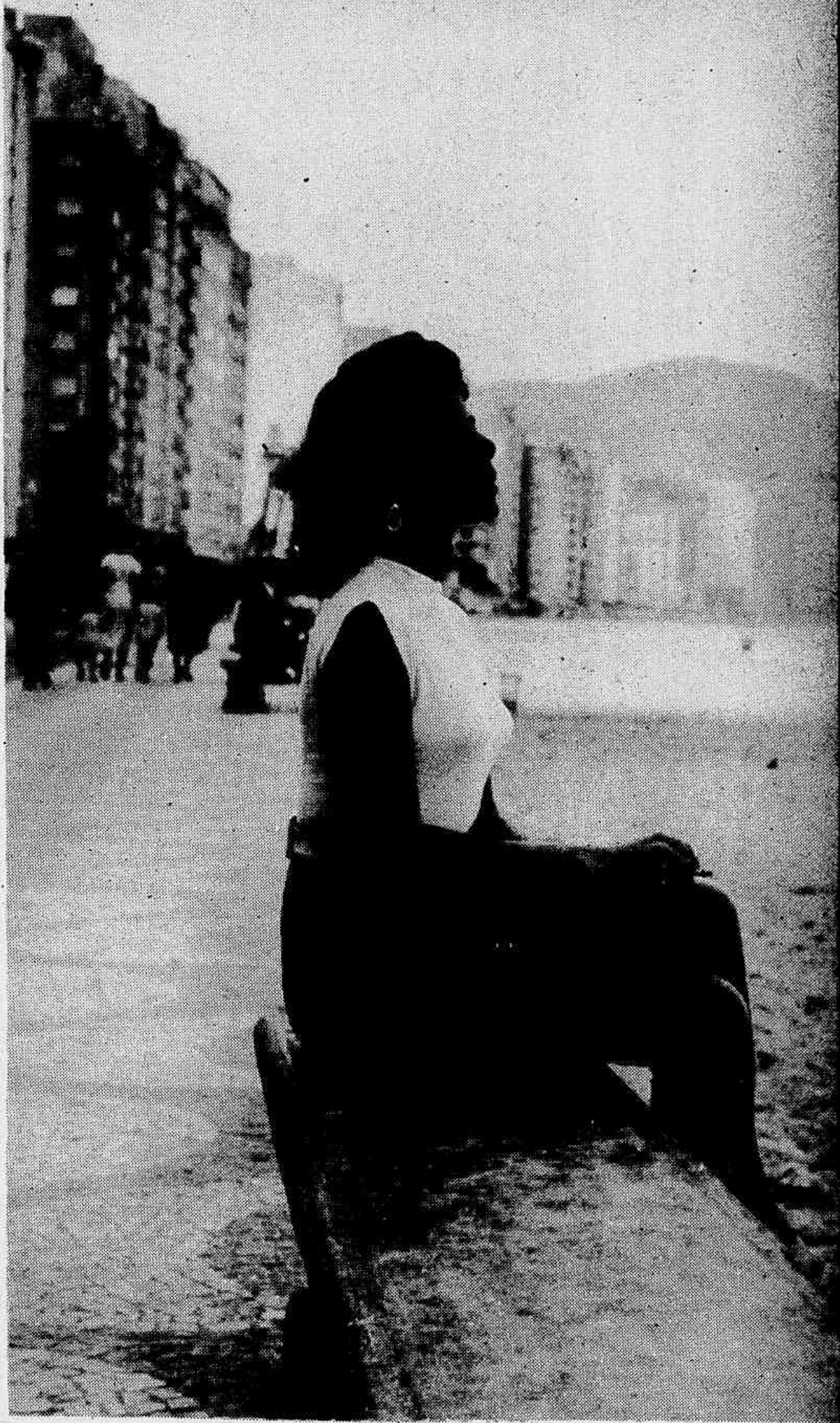
tamento Especializado: só Maria Aparecida dá o máximo à sua fita métrica.

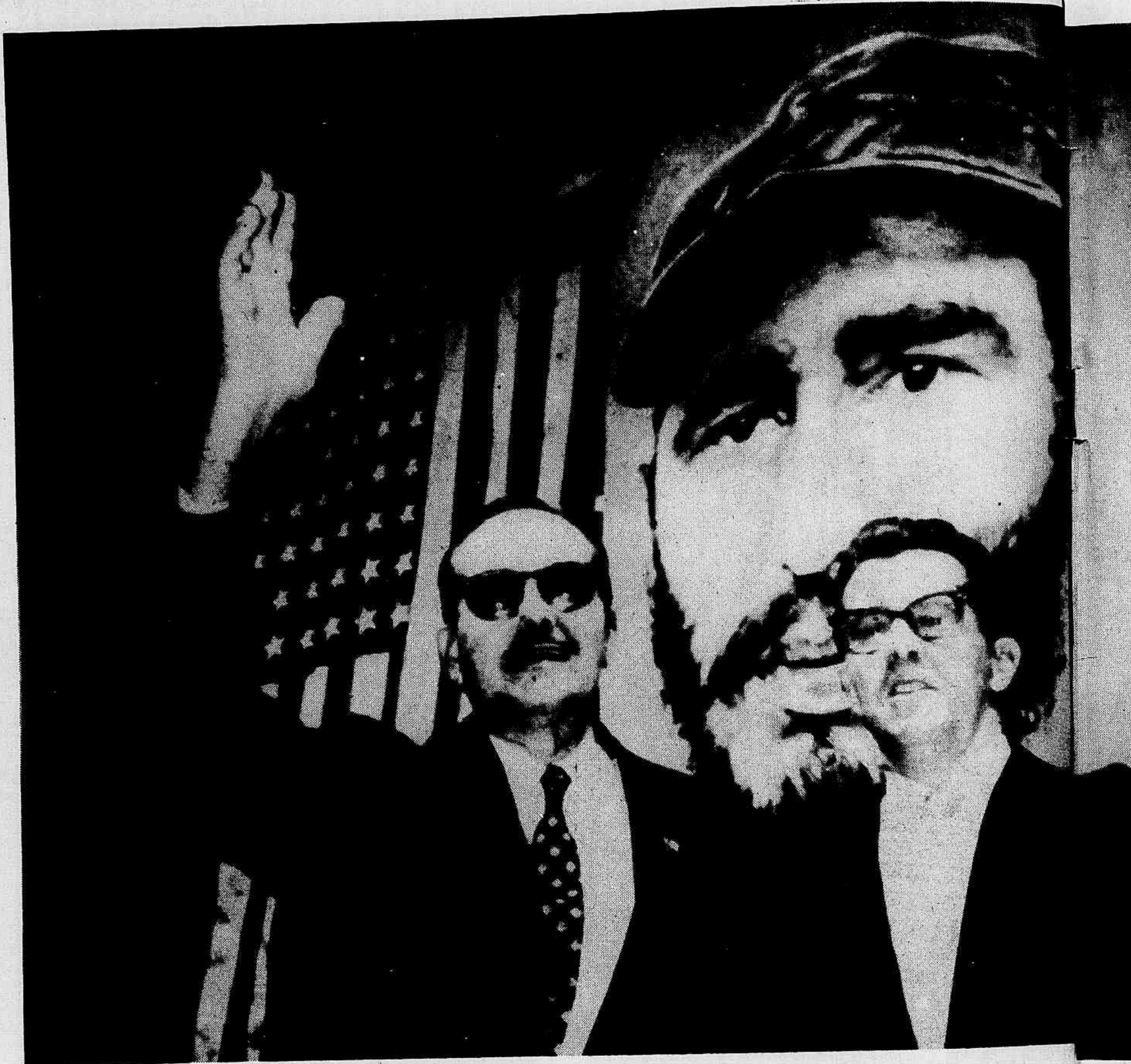
As vezes ela vem à cidade, mas não demora. Nem nota que todos viram a cabeça para o lado onde ela passa. Na Cinelândia ou na rua do Passeio, e quando acontece que ela pára no sinal e tem que prestar atenção e repara que estão reparando nela toma um susto e olha de repente para ver se não saiu de maiô. Aí ela se lembra que está ficando de noite e pede a Nossa Senhora de Copacabana do Posto Seis (que é sua madrinha) para o dia amanhecer logo, pois ela não vai à praia de noite por causa de que praia no escuro pode ter lobishomem.



Maria Aparecida é infeliz no amor. Existe alguém em sua vida e ele não se define. Ela já fez uma promessa a Santo Antônio dos Barbadinhos, mas não resolveu: agora fica sem ânimo para substituí-lo no coração e vai ficando só com o mar.

Ela diz que se pudesse escolher um marido sob medida escolheria um "alegre, simpático, fiel, carinhoso, honesto, rico, com boa saúde e bem sério". Mas reconhece que juntar tudo isso num homem só é muito difícil e diz que deixa por 50%. E se nem assim — aceita um que apenas "não seja chato, ciumento demais e de gênio ruim".





Manuel Urrutia, de mão levantada, fala durante um comício. A seu lado, o porta-voz do "Movimento", Mario Llerena. Ao

QUANDO TRÊS "PISTOLEROS" do Movimento 26 de Julho irromperam no hall de um dos maiores hotéis de Havana, imobilizando o campeão automobilístico Juan Manuel Fângio, que estava conversando tranqüilamente com alguns amigos, este acreditou, primeiro, tratar-se de brincadeira de mau-gosto.

Sòmente quando um deles, que se aproximara do campeão mundial, lhe encostou a pistola na nuca, Fângio se deu conta de que se tratava de algo de mais sério do que imaginava.

Paralisados, os homens que conversavam com êle, ficaram pregados ao solo, sem pronunciar uma só palavra, enquanto o pentacampeão saía lentamente, acompanhado pelo jovem da pistola, que lhes sussurrara ao ouvido: "Vamos, por favor, se não queres que aperte o gatilho".

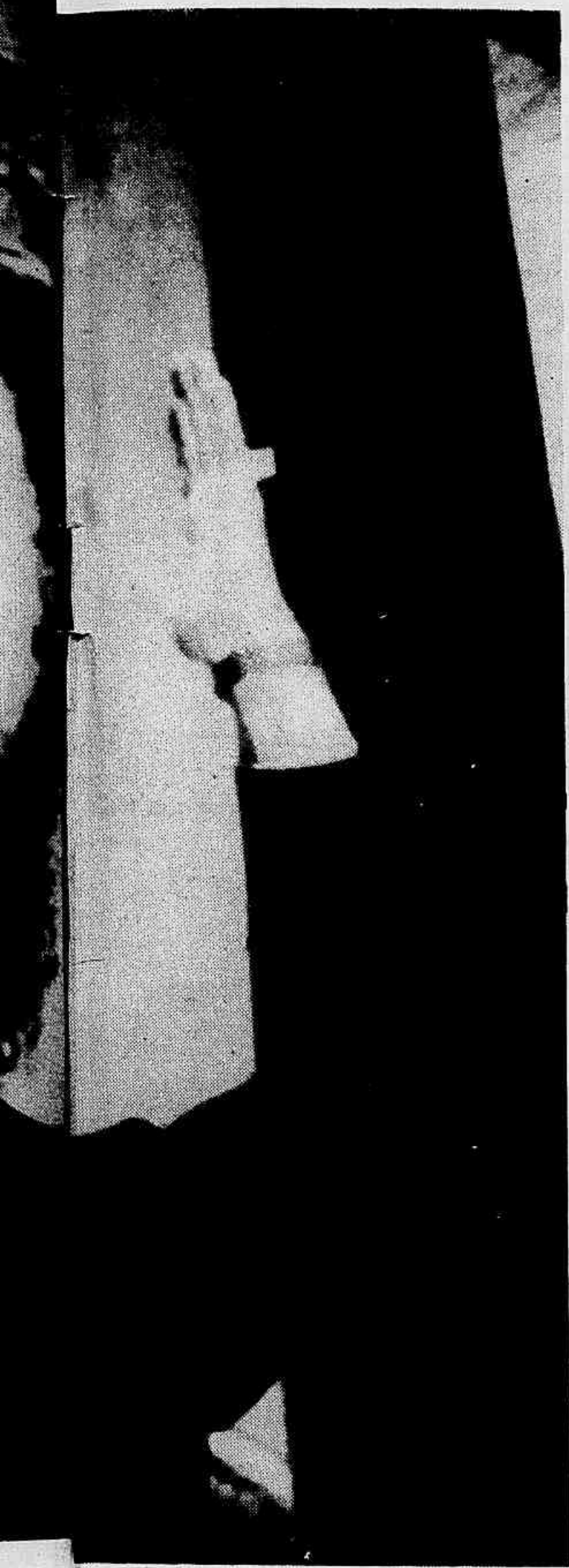
Um minuto mais tarde, um carro que se encontrava estacionado na próxima esquina, pôs-se lentamente em marcha, seguido por outros dois automóveis que surgiram como por encanto.

Quando os empregados do hotel e os amigos de Fângio, que assistiram o rapto (que parecia autêntica fita de mocinho, fazendo reviver as melhores tradições do "far-west") deram o sinal de alerta, já era tarde. Juan Manuel Fângio e os

três rapazes do 26 de Julho haviam desaparecido nalguma parte de Havana. Se acrescentarmos que a capital cubana tem mais de um milhão de habitantes, será inútil dizer que as buscas empreendidas pela polícia ficaram sem resultado: como se a terra os houvesse engolido, Fângio e seus raptos ficaram escondidos num apartamento familiar, que sòmente mais tarde foi descrito pelo campeão, que dizia que "nenhum hotel de Havana poderia possuir melhores acomodações".

Num breve relato escrito após a sua libertação para a UP, o campeão mundial contou algo sòbre seu rapto, dizendo que foi, sem dúvida, "o rapto mais civilizado e mais cortês que possa ser imaginado", e que durante o tempo em que ficou prisioneiro dos jovens, a dona do apartamento em que se encontravam, não cansou em preparar os melhores pratos, enquanto os raptos conversavam com êle sòbre a corrida da qual ia participar, e sòbre automobilismo em geral.

O próprio Fângio, como os círculos políticos e desportistas de Havana, e a polícia também, deram-se conta imediatamente de uma coisa que aliviou em Buenos Aires a mulher do campeão, Beba Fângio: não se tratava de ato de terrorismo dirigido contra Fângio, que nada tinha que temer quanto a sua segurança pessoal, mas de uma demonstração de força, visando provar que em Cuba não existe segurança



ENCONTRO COM FIDEL CASTRO

UMA HORA NO QG DO HOMEM
QUE MANDOU RAPTAR FÂNGIO

fundo, retrato de Fidel Castro.

do indivíduo, que a polícia do general Fulgêncio Batista não presta, e que a corrida automobilística organizada sob o patrocínio do ditador não dependia d'êste, mas sim dos elementos da oposição, isto é, das tropas de choque do Movimento 26 de Julho, que, faz mais de um ano, mantém em estado de guerra não somente a província de Oriente, mas toda a ilha de Cuba.

O rapto de Juan Manuel Fângio não ficou, porém, como um ato isolado: enquanto o corredor argentino estava sendo levado para "lugar ignorado e seguro", outros comandos suicidas realizavam, quase paralelamente, os seguintes atos:

- 1.º queima de um dos maiores engenhos açucareiros, pertencente a uma sociedade norte-americana;
- 2.º incêndio dos cheques do Tesouro Nacional, num banco em pleno centro de Havana;
- 3.º enforcamento de vários agentes do governo, especialmente na província de Oriente, QG do Movimento 26 de Julho;
- 4.º assassinio do filho de um dos oficiais-comandantes que dirigem a repressão contra o exército de guerrilheiros;
- 5.º ataque contra uma composição ferroviária; e, finalmente,
- 6.º assalto a duas emissoras radiofônicas, onde os locutores

foram obrigados, sob a mira das pistolas, a ler uma proclamação do Movimento, e, depois, a encerrar a audição-relâmpago, gritando: "Viva o Movimento 26 de Julho!"

Enquanto isto, nos Estados Unidos, em Nova Iorque, dois homens dirigem a ação dos partidários do Movimento: trata-se de Manuel Urrutia, ex-juiz da Corte Suprema de Justiça, que se demitiu por causa das arbitrariedades cometidas pelo regime do general Batista, fugindo para o exterior, onde se juntou aos jovens revolucionários, e de Mario Llerena, conhecido escritor cubano, um dos dirigentes do "Comité Cubano do Congresso pela Liberdade da Cultura", transformado atualmente em porta-voz do Movimento 26 de Julho nos Estados Unidos.

Estafetas que mantêm a ligação entre o QG rebelde e os exilados saem e entram nos Estados Unidos, sendo frequentemente presos, mas nem por isto o Movimento deixa de complicar a vida do regime, que já está por um fio.

Enquanto, em Nova Iorque, Mario Llerena fala e pensa, alguém age no interior de Cuba, elaborando as operações de repressão, assistido por um estado-maior de jovens entusiastas, entre os quais vários cidadãos norte-americanos residentes em Cuba, que se deram conta de que Batista é, atualmente, um dos mais sangrentos tiranos do Continente.

Estendeu a mão e disse: "Fidel Castro a sus ordenes".

A alma e o cérebro de todo este movimento que transformou Cuba em um vulcão, sobre o qual se encontra sentado o general Batista, chama-se Fidel Castro Ruiz, advogado de 34 anos de idade, ex-líder estudantil, patriota valente, orador de massas, homem corajoso e íntegro, que, no dia em que se deu conta de que a ditadura de Batista destruirá a vida cubana, transformando o país num enorme barril de pólvora, saiu para o México, acompanhado de amigos fiéis, para dar vida ao Movimento 26 de Julho, cujo primeiro escopo era a libertação de Cuba.

Desde o início, Batista foi o inimigo número um do Movimento; apesar de sua mocidade, Fidel Castro conseguiu polarizar em torno de si quase todos os dirigentes da oposição, elaborando uma plataforma política, que exigia a renúncia de Batista, e sua substituição por Manuel Urrutia, magistrado íntegro e respeitado em todos os círculos.

EM SETEMBRO DE 1956, o autor destas notas encontrava-se na Cidade do México, morando num pequeno hotel, Calle Ignacio Mariscal, e participava de uma reunião interamericana do Congresso pela Liberdade da Cultura. No mesmo andar em que se encontrava seu quarto, moravam os integrantes da delegação cubana: o poeta e ensaísta Raul Roa, o escritor Pedro Vicente Aja e Mario Llerena.

Reunimo-nos todas as manhãs, tomando café com leite e "pan dulce", e falávamos sobre opressão e opressores, sobre liberdade e tirania, sobre as ditaduras que assolam este Continente: sobre Trujillo e Somoza, e, naturalmente, sobre Fulgêncio Batista, ex-aliado dos comunistas cubanos, ex-colaborador do líder stalinista Juan Marinello, carrasco da mocidade cubana, perseguidor dos movimentos estudantis.

Numa noite, enquanto estávamos regressando de uma festa onde ouvimos música haitiana e tomamos alguns "jaiboles", Llerena, que é homem de pouca fala, aproximou-se de mim, dizendo: "Baciu, você precisa conhecer a pessoa que amanhã será o mais célebre homem de Cuba e das Caraíbas: Fidel Castro Ruiz". Respondi que não tencionava ir a Havana, mas sim à Guatemala, onde devia encontrar-me com o coronel Carlos Castillo Armas. Mario Llerena deu uma gargalhada e disse: "Castro está aqui no México. Muito poucos sabem disto, mas se queres visitá-lo, diga-me para que possa preparar o encontro. Não é coisa fácil conversar com ele, pois a polícia mexicana e os agentes de Batista estão à sua procura. Hoje mesmo chegaram dois com ordem de matá-lo".

Na tarde seguinte (azul e ensolarada), comecei minha excursão, acompanhado por Llerena e dois jovens cubanos de bigode pelo chamado "barrio cubano" da capital mexicana.

A impressão que se tem ao penetrar no bairro, não deixa de ser das mais estranhas. O ar tipicamente mexicano desaparece como por encanto, não mais se ouve o espanhol um tanto cantado do povo mexicano, saem as caras mexicanas, e todo o movimento e ambiente parecem de outro país.

Pequenos restaurantes, em cujas portas são penduradas garrafas de rum cubano, charutarias com "puros" enormes nas vitrinas meia empoeiradas, grupos de homens falando em voz baixa nas esquinas, de maneira que até uma conversa sobre "baseball" parece uma conspiração.

Ao passar parte de um destes grupos, um dos meus acompanhantes fez um sinal discreto e Llerena pediu que parássemos. Dois outros rapazes, altos e fortes, aproximaram-se de nós, olhando-me com ar meio desconfiado. De fato, naquelas circunstâncias, a presença de um "gringo" poderia parecer bastante suspeita. Llerena conversou durante alguns instantes com os jovens, e, em seguida, eles se viraram sorridentes para mim, dizendo: "Mucho gusto, señor periodista".

Depois, começamos a caminhar, como uma pequena expedição, entrando num corredor escuro, atravessamos um pátio deserto, cortamos uma ruela tranqüila, completamente deserta, no fundo da qual se via outro pátio, onde brincavam algumas crianças. Depois de atravessar mais uma rua, en-

tramos numa casa, cujo quintal dava para um pequeno jardim meio abandonado, no meio do qual se erguia uma casa de pedra. Antes de que Llerena chegasse a bater na porta, esta se abriu e eu me dei conta de que, apesar do calor da tarde, todas as janelas e as portas da casa de pedra estavam herméticamente fechadas. Outro rapaz alto, que parecia irmão dos meus acompanhantes, começou a examinar-nos com atenção.

"Es el periodista brasileño", disse então um deles, meio nervoso. Um instante depois, estávamos no meio de uma sala pobremente mobilada: uma cama, uma mesa repleta de livros e papéis, além de três cadeiras de madeira simples. Um homem ainda jovem, de bigode fino, estendeu-me a mão, dizendo simplesmente: "Fidel Castro a sus ordenes".

Pouco depois, estávamos sentados em torno da mesa, tomando café, e enquanto Mario Llerena discutia com um dos rapazes, Castro começou a falar explicando-me que se tratava de encontro informal, e que lamentava muito não poder fazer declarações, pois a menor indiscrição era capaz de criar grandes complicações, atrapalhando seus planos. Anunciou-me, sorrindo, como se houvesse falado de algo comum, que estava em vias de preparar a invasão de Cuba, e que para este fim contava com algumas centenas de "muchachos" ("como estes", disse, mostrando meus acompanhantes) decididos, que estavam prontos, aguardando apenas a ordem de partida.

Disse ainda Castro que bem sabia que sua luta não ia ser fácil, e que a república de Cuba se transformará, queira ou não, num barril de pólvora, pois a ambição de Batista é ultrapassada apenas por sua falta de honestidade. Enquanto isto, num mapa pendurado na parede, mostrava-me com o dedo o rumo que os barcos deviam seguir dentro de breve, sob seu comando. "Formei-me em direito", disse sorrindo, "mas tenho que empunhar as armas, pois em meu país não existe mais nem lei, nem justiça: Batista tem transformado Cuba num matadouro".

Ao perguntar qual era seu programa, ele disse que, antes de mais nada, era o combate ao ditador, e tentando sintetizar seu pensamento, completou: "Honestidade na vida pública, liberdade e respeito das liberdades individuais". E acrescentou: "Num país onde a vida democrática é uma realidade, esta plataforma poderá aparecer algo de ultrapassado. Em Cuba, porém, isto tem que ser conquistado com a ponta das baionetas. O que não deixaremos de fazer."

Após mais alguns minutos de conversa, durante os quais pôde apreciar as qualidades de "causeur" de Castro, deixamos a casa escondida, voltando à vida real, em pleno coração da capital mexicana.

Três dias depois, Mario Llerena regressava para Havana, e um mês mais tarde, Fidel Castro desembarcava em Cuba, exatamente no ponto que, naquela tarde mexicana, me havia indicado, colocando seu dedo no mapa, como por acaso.

No início, o desembarque foi ridicularizado pelas autoridades, que chegaram até a anunciar a morte de Castro num choque com as forças do governo. Pouco depois, Batista anunciou enfaticamente que havia exterminado todos os núcleos revolucionários, e que Castro fôra obrigado a se esconder nas selvas da Siera Maestra, de onde suas tropas o obrigaram a fugir.

Desde então passaram-se mais de 18 meses. Fulgêncio Batista vive escondido em seu palácio, de onde dirige a ditadura, transformando, ao mesmo tempo, seu país num campo de concentração. Em seu QG nas montanhas, Fidel Castro prossegue a campanha que me anunciou em sua casa mexicana, auxiliado não somente pelos "muchachos", mas como havia vaticinado durante nossa conversa, pelo povo, que, apesar de todas as proibições, se tem transformado em apoio do Movimento 26 de Julho.

Fidel Castro não é um homem comum. Nem seu movimento. Basta ver o que disse Fângio quando foi libertado, depois de ser impedido de participar da corrida e de ganhar dinheiro: "Pela causa que foi, valeu a pena".



CASCUDINHO, NO CANTO DO MURO

FOI NA RUA das Virgens que nasceu Luiz da Câmara Cascudo, em Natal, no Rio Grande do Norte, no ano de 1898. Hoje, com 60 anos, tem quarenta e oito livros escritos e editados, sem falar nos 44 ensaios (estudos e conferências, separatas) e as 10 traduções e edições anotadas. Mas Cascudo não parou. Muito ao contrário. Escreve hoje com maior gosto e facilidade, do que fazia antes. Ele diz que os assuntos surgem misteriosamente. Anota em um papel, e um dia recebe como que uma ordem, para começar. Aí apaixona-se pelo tema e só descansa quando termina. "Quando o livro está concluído já me sinto pago, tal o prazer que me dá em elaborá-lo" — diz o escritor. E continua:

— O meu último livro, já no prelo (Editôra José Olímpio), terá o título "Canto de Muro — Romance de Costumes". O jornalista pernambucano, Andrade Lima Filho, comentando o título, disse: "deve ser a história de uma doméstica com um fuzileiro..." Mas não é nada disto. Esse livro foge completamente ao meu estilo. Tanto assim que pretendia publicá-lo com um pseudônimo. Nêle não existe nenhum personagem humano. Trata da vida, e costumes, de animais ou insetos, ainda não domesticados pelo homem. O *escaravelho*, por exemplo, me comeu uns três meses de vida. Mas eu

matei uns 80. Quase acabo com a espécie... Para escrever esse livro levei mordidas de morcego, escorpião e outros bichos, além de ter ficado dias e dias, observando todos os movimentos da saúva e a construção de seus formigueiros. Mas valeu a pena. Agora estou escrevendo, "Da etnografia em geral". Será o livro da minha vida.

Luiz da Câmara Cascudo formou-se em 1928 na Faculdade de Direito do Recife, e casou logo no ano seguinte com D. Dália Freire. Faz questão de dizer que a esposa é realmente uma flor. Do matrimônio nasceram dois filhos: Fernando Luiz (formado em Direito e jornalista) e Ana Maria (4.º ano jurídico e adjunto do 3.º promotor), ambos solteiros.

— Família de 300 anos, ela (Ana Maria) é a única que tem pendores jurídicos — comenta Cascudinho. Aliás foi minha aluna o ano passado. Não a pude reprovar, mas obriguei-a a estudar mais que os outros...

O autor da "Antologia do Folclore Brasileiro" reside à rua Junqueira Alves, em um casarão que comprou aos herdeiros de seu sogro. As paredes do seu gabinete de trabalho são inteiramente autografadas. Pessoas as mais diversas deixaram lá as suas assinaturas ou escreveram qualquer coisa. Ary Barroso perpetuou nelas os versos da sua "Aquarela do



Brasil", o cineasta Lima Barreto fez uma observação curiosa: "ao homem sem parceiro — o que não quer parceiro". Encontramos também a assinatura do popular humorista "Jararaca" junto a de um famoso cientista espanhol... Existem outras, de Vilas-Lôbos, Munhoz da Rocha, JK, de uma centena de personalidades no mundo da política, da música e das letras.

Muitos desses autógrafos têm histórias interessantes. Um dia, Câmara Cascudo estava sentado, lendo, despido da cintura para cima, como gosta de fazer no calor. Entrou um homem acompanhado de uns três ou quatro e foi perguntando:

— Escritor Luiz da Câmara Cascudo?

— Exatamente.

— Muito prazer, Juscelino Kubitschek.

E continuou:

— Eu sei que todo mundo que vem aqui tem que deixar a assinatura na parede.

Puxou uma cadeira, trepou em cima, autografou, despediu-se e desapareceu.

— Homem esquisito aquele — comenta Cascudo. — Nunca mais o vi, desde aquele dia.

Pouca gente sabe que o grande etnógrafo foi deputado estadual. Não fez campanha ou discurso, e nem sabia ao menos que era candidato. Foi indicado à revelia pelo então governador Juvenal Lamartine. Após as eleições, um amigo acordou-o pelo telefone e disse: "Deputado não dorme". Foi aí que soube que havia sido eleito... Mas o seu mandato durou apenas seis dias, pois tudo acabou com a revolução de 1930. Neste curto período de parlamentar chegou a fazer uns três discursos e foi designado para a comissão de educação e cultura.

— Desencantei-me com a política. Aquilo foi o mesmo que levar chumbo na asa. De qualquer forma não sirvo para isso. Não sou doutor em algodão e nem em intriga política — comenta Cascudo com humor.

Apesar de não gostar de política, é um entusiasta da democracia brasileira. "A gente só sente bem a coisa quando sai do Brasil para o exterior" — comenta. "É uma questão de formação orgânica do povo. Fala-se muito na ditadura de Vargas. Mas ela foi a mais branda que já existiu no mundo inteiro. Lamentável é que estejamos regridindo em algumas coisas: antigamente um político (João Alfredo, por exemplo) ao abandonar as lides, possuía apenas a casa para morar, um relógio e dezoito mil réis. Hoje, é melhor nem comentar..."

Quando se pergunta se já teve outras profissões, responde com orgulho:

— Sempre fui professor. Únicamente e amorosamente, professor. Estou certo de que não me amiguei, casei mesmo com a educação. Ganho apenas sete mil cruzeiros ensinando em duas Escolas (Direito e Filosofia). Prefiro entretanto ser professor de província, mas ser professor.

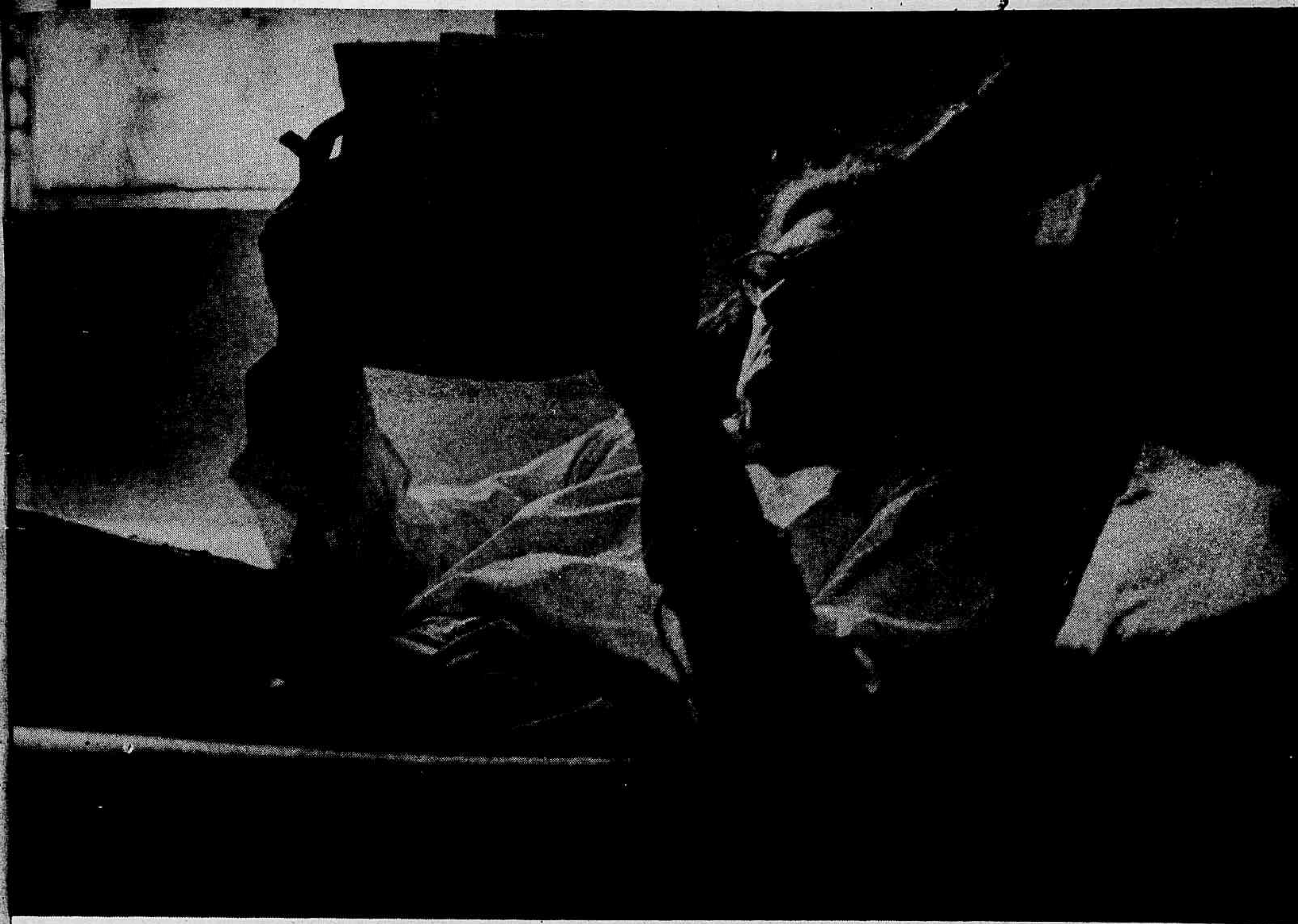
Com uma bagagem literária tão fabulosa, causa admiração que ainda não seja da Academia Brasileira de Letras. Ele justifica:

— Sabe que nunca pensei nisso? Creio que a Academia é para os que residem lá. Eu moro a 2 400 quilômetros de distância... Em todo caso tenho alguns de seus membros que são bons amigos.

Afrânio Peixoto certa vez disse que Cascudo é "um provinciano incurável". Ele retifica: "Sou um provinciano profissional". Outros o taxam de "pombo-correio": "é só deixá-lo solto e volta logo ao pombo..." José Américo acha que ele "inventou o nordeste", e com esta frase, dedicou-lhe um dos seus livros. Com todas essas coisas ele delicia-se. É a prova de que tem realmente uma legião de amigos.

Relembrando os seus tempos de estudante, Câmara Cascudo se entristece por que a mocidade de hoje, em vez de reunir-se para discutir os seus próprios interesses (casa para o estudante pobre, barateamento do livro, etc.), sofre influência de interesses velados e se envolve em problemas que nada têm a ver com a classe (petróleo e outros assuntos que não lhe dizem respeito). Também acha chocante ver que hoje existe a vitória da habilidade contra a inteligência, "pessoas que chegam ao cúmulo de ensinar natação sem se molhar..."

Na sua vida existem passagens as mais engraçadas possíveis. Certa vez foi convidado pelo prefeito de Areia Branca



Cascudo (na rêde) está a 2.400 kms. da academia

para fazer um discurso sôbre a fundação da cidade. No meio da falação se referiu a Ilha de Mário Tacaca. Quando terminou recebeu muitas palmas, mas o prefeito chamou-o a um canto com a cara apreensiva e lhe disse:

— Você é o homem de mais prestígio que eu conheço. Foi o primeiro a falar aqui na Ilha de Mário Tacaca sem levar pedrada ou peixeirada...

De outra feita, em 1944, foi ao Rio assistir um Congresso. Havia lá um professor que não lhe deu a "mínima bola". Um dia aproximou-se dêle, como que para subestimá-lo, e perguntou:

— Então o senhor se dá a estudos de antropologia e etnografia?

— Efetivamente — respondeu Cascudo, com humildade.

— Desta forma, para melhorar a sua cultura, devia ler Koster.

— Muito obrigado pela ajuda, professor. Aliás, o livro de Henry Koster que o senhor se refere (Viagens ao Nordeste do Brasil) foi traduzido para o português por mim.

Outro episódio interessante aconteceu em 1947. Viajava novamente ao Rio, em um avião "pinga-pinga", tendo como um dos companheiros um homem vestido num terno branco impecável. Aquela figura bem trajada, cabelos bem penteados, intrigou-o profundamente. Na última escala do avião, não resistindo mais a curiosidade, perguntou ao senhor que estava sentado ao seu lado:

— Quem é aquêle de branco?

— É o escritor Câmara Cascudo. Vai para a Europa a convite do governo de dois países.

— Ah, sim!... — exclamou Cascudo, que nunca ouvira o seu nome pronunciado com tanta ênfase...

Em tudo êle acha motivo de humor. A revista "Manchete" publicou que êle nasceu em 1905 e em Recife.

— Por que não escreveu retificando? — perguntamos.

— Você acha que eu vou desmanchar uma coisa boa dessas?

Queremos saber um pouco da sua vida privada. Como conheceu a esposa, etc. É aí que êle estrila:

— Você está maluco! Isso é o meu "copyriter". Se eu lhe contar isso não tenho o que dizer se algum dia resolver escrever a minha auto-biografia. Ao público já dou o livro. A minha vida particular me pertence inteiramente...

Luiz da Câmara Cascudo escreveu o seu primeiro livro em 1921: "Alma Patrícia" (figuras literárias do Estado). "O pior livro do mundo" — diz êle — "mas maravilhoso do ponto de vista emocional". Em seguida veio "Joio", em 1924 (literatura e cultura), recebendo a seguinte referência elogiosa de "Fon-Fon": "O título está errado. A última letra é um A." De lá para cá não tem parado. Média de mais de um livro por ano.

Deixando a parte literária de lado, perguntamos quais os seus planos para o futuro. Êle nos pega carinhosamente pelo braço, até a porta, e aponta para uns dizeres escritos em latim, no azulejo, e que traduzido significa:

"Encontrei o pôrto. Esperança e fortuna, adeus. Muito me iludiste. Ide iludir aos outros agora".



O URSO

CAP. I

WILLIAM FAULKNER

TINHA DEZ ANOS. Mas aquilo já começara antes, muito antes do dia em que afinal escreveu a idade com dois algarismos e viu pela primeira vez o campo de caça onde o seu pai, o major Spain, o velho general Compson e os outros passavam duas semanas todo mês de novembro e outras duas todo mês de junho.

Já herdara deles, nessa altura, sem nunca os ter visto sequer, o medonho urso da pata aleijada numa armadilha que, numa área de quase cento e cinquenta quilômetros de profundidade, ganhara direito a um nome, a uma designação definida, como um homem.

Há muitos anos que ele ouvia a história: a lenda dos celeiros roubados, de leitões e cevados, de vitelos levados inteiros para a floresta e devorados; de armadilhas e fossos desfeitos e cães mutilados e mortos; de chumbadas de caçadeira e até de carabina atiradas quase à queima-roupa com menos resultado do que se fôsse um punhado de ervilhas atiradas por uma criança — um corredor de ruína e destruição que começara antes do seu nascimento e através do qual corria, não muito depressa, mas com a deliberação implacável e irresistível duma locomotiva — o vulto hirsuto e medonho.

Já antes de ver o urso ele lhe surgia na consciência, aparecia-lhe nos sonhos, muito antes de ter sequer avistado os bosques onde o animal deixava a sua pegada torta: felpudo, enorme, de olhos vermelhos, antes grande do que medoso — grande demais para os cães que tentavam acossá-lo, para os cavalos que tentavam derrubá-lo, para os homens e as balas que o perseguiam; grande demais para a própria região a que estava limitado. Com o seu completo sentido devinatório de criança parecia vê-lo inteiro, muito antes de ter pousado a vista sobre qualquer deles: sobre a solidão selvagem e condenada, de orlas constante e covardemente cortadas e roídas por homens com machados e arados, que as temiam por serem selvagens, homens sem

conta e sem nome uns para os outros na região onde o próprio urso ganhara nome, através da qual corria não só um animal mortal, mas um anacronismo, indomável e invencível, vindo dum tempo já morto, um fantasma, epitome e apoteose daquela vida selvagem que o enxame de homens covardes lacerava numa fúria de ódio e de terror, como pigmeus à volta das patas de um elefante sonolento; e sobre o velho urso solitário, indomável e só, viúvo, sem filhos, absolvido da mortalidade — um velho Priamo, privado da mulher, que tivesse sobrevivido a todos os filhos.

Até os dez anos de idade, quando chegava o mês de novembro, o rapaz via o carroção com os cães, as camas, a comida, as armas, o pai dele, o negro Jim da Tennie e o índio Sam Fathers — filho de uma escrava e de um chefe de índios Chickasaw, todos partindo pela estrada para a vila, para Jefferson, onde o major e os outros os reuniriam. No entender do rapaz, aos sete, oito e nove anos, eles não iam ao Vale Fundo para caçar ursos, veados, mas para se encontrarem, o que faziam anualmente, com o urso que nem sequer pensavam em matar. Voltavam após duas semanas de caça, sem troféus, sem peles nem cabeças. Nem ele esperava por elas. Nem temia sequer que o carroção trouxesse alguma coisa. Acreditava que quando fizesse dez anos e o pai o levasse também à caça nas duas semanas de novembro, ele seria apenas um dos participantes, com o pai, o major e o general Compson, com os outros, com os cães que tinham medo de o acossar e as caçadeiras que nem sangue lhe faziam, no cortejo anual de homenagem à imortalidade do velho urso.

Até que ouviu os cães. Foi na segunda semana da sua primeira caçada. Parou a ouvi-los, com o Sam Fathers, de encontro a um enorme carvalho, ao lado do cruzamento em que tinham passado já nove manhãs. Ouvira-os já uma vez antes disso, numa manhã da semana anterior — ouvira um murmúrio, que ecoava pelos bosques molhados, crescendo agora em

vozes separadas, possíveis de reconhecer e chamar pelo nome. Levantou a espingarda e armou o cão, como o Sam lhe ensinara e de novo se imobilizou, enquanto o alarido, a corrida invisível se aproximava, passava e morria ao longe. Quase lhe parecia ver o veado macho, fulvo, côr de fumo, retesado pela velocidade, voando, desaparecendo — os bosques, a solidão cinzenta ainda a vibrar mesmo depois da algazarra dos cães ter desaparecido.

— Agora solte o cão — disse Sam.

— Tu já sabias que eles não vinham para aqui.

— Sabia. Quero que aprenda o que deve fazer quando não disparar. É depois que se perde a oportunidade de atirar que acontecem desastres aos homens e aos cães.

— Seja como fôr — disse ele — não passava de um veado.

E agora, na décima manhã, ou viu outra vez os cães. Aprontou a espingarda comprida e pesada, como o Sam lhe ensinara, ainda antes do índio falar. Mas desta vez não havia veado, nem côro retumbante de cães a correr sobre um rastro fácil, era um latir fatigante, uma oitava acima, com qualquer coisa além de indeciso e de abjeto até. Nem se movia, muito depressa, levando muito tempo passando para longe do alcance do ouvido, deixando depois no ar aquele eco, agudo, levemente histérico, abjeto, quase lamentoso — sem sentimento de perseguir qualquer animal fugitivo, oculto, côr de fumo, herbívoro. E o Sam, que lhe ensinara a armar a espingarda antes de mais nada, a tomar posição de onde pudesse ver tudo e depois não se mexer nem bulir na espingarda, viera para o lado dele; o rapaz ouvia o índio respirando sobre o seu ombro e via a curva arqueada das narinas do velho.

— Ah — disse Sam. — Nem se dá ao trabalho de correr. Vem andando.

— É o velho Ben! — gritou o rapaz.
— Mas aqui! Aqui tão em cima!

— Faz isto todos os anos — disse o índio. — Uma vez. Possivelmente para ver quem veio este ano, se é gente que saiba atirar ou não. Se já teremos o cão capaz de o acossar e o agarrar. Vai levá-los ao rio, e depois manda-os para trás. Bem, podemos voltar também; vai ver o aspecto deles quando chegarem de volta ao acampamento.

Quando chegaram ao acampamento os cães já os esperavam, dez deles encolhidos atrás da cozinha. O rapaz e o índio acocoraram-se para espreitar na escuridão onde se tinham amontoado, silenciosos, de olhos reluzentes a acender e a apagar; e nem um único som — só aquele eflúvio de qualquer coisa mais do que um cão, mais forte do que um cão e não apenas animal ou fera; porque nada houvera diante daquele latir abjeto e quase doloroso, senão a solidão selvagem. E quando o undécimo cão chegou, ao meio-dia, todos olhando para ele, até o velho Tio Ash, que se dizia cozinheiro antes de mais nada, e Sam tratou-o com terebentina e massa de untar os eixos, passando na orelha (em tiras) e no ombro. E para o rapaz o autor daquilo continuou a não ser criatura viva, mas sim a solidão selvagem que, inclinando-se por momentos, castigara com uma pancada leve a temeridade do cão.

— Tal e qual um homem — disse Sam. — Como gente. Foi demorando, demorando o mais possível, adiando a ocasião de ter coragem, sabendo perfeitamente que mais tarde ou mais cedo teria de ganhar coragem para poder continuar merecendo o nome de cão, e sabendo antecipadamente o que lhe aconteceria quando a coragem chegasse.

Nessa tarde, montado na mula caolha do carroção, que não se importava com o cheiro do sangue (nem, como lhe contaram, com o dos ursos), e com Sam ao lado montado na outra, cavalgaram durante mais de três horas naquele dia de inverno. Não seguiram nenhuma senda, nenhum atalho, que ele visse; acharam-se quase imediatamente numa região desconhecida para eles. Então, compreendeu porque lhe dera Sam a mula menos espantadiça. A outra parou e tentou voltar e fugir — mesmo quando o índio desceu, bufando, aos empurrões e puxões às rédeas, enquanto Sam as agarrava e incitava a mula a correr, gritando para ela, pois não queria arriscar amarrá-la. Obrigou-a a avançar enquanto o rapaz descia da sua.

De pé, ao lado de Sam, na obscuridade da tarde que morria, olhos no tronco apodrecido e virado, estripado e riscado por marcas de garras; e na terra molhada ao lado dele, a pegada da enorme pata de dois dedos, torta. Agora sabia que cheiro sentira quando espreitara os cães encolhidos debaixo da cozinha. Pela primeira vez compreendeu que o urso que passou pela sua consciência e aparecera nos seus sonhos desde que se conhecia como gente, e que, portanto, devia ter existido na consciência e nos sonhos do pai, do major e até do velho general Compson, desde que eles, também, se conheciam, — esse

(Continua na pág. 47)





"Deixa ver se me lembro com qual delas estava, antes do telefone tocar".

Satyro & Gargiulo Marcam Passo

NAO SABEMOS se aquêles que tanto elogiaram o primeiro romance de Ernani Satyro — e que se chamam Guimarães Rosa, Drummond de Andrade, José Lins do Rêgo, Olívio Montenegro, Amando Fontes, Mauro Motta, Adonias Filho, Wilson Martins, Temistocles Linhares e Sérgio Milliet, entre outros —, seriam capazes de repetir seus elogios em relação ao romance número dois, "Mariana", agora aparecido.

Não lemos, é verdade, esse "O Quadro Negro" que mereceu de Guimarães Rosa nada menos de 3 leituras; assim, não poderemos fazer um cotejo entre o primeiro e o segundo livros do deputado Satyro, nem afirmar-se, em relação a "O Quadro Negro", é "Mariana" um avanço, um marcar passos, ou um retrocesso. Teremos apenas de externar uma opinião sobre o livro de agora, e é a partir dele que examinaremos os méritos de romancista do senhor Ernani Satyro.

De início, cabe ressaltar que o autor fugiu, aparentemente, à tentação de escrever mais um típico "romance nordestino": "Mariana", se possui certa parte de seu entrecho transcorrida no sertão, nem por isso pode ser classificada naquele capítulo de nossa prosa de ficção, que "A Bagaceira" inaugurou, e que tantos escritores modernos continuam teimando em dilatar. Cumpre em seguida dizer que, em "Mariana", ao contrário de tantos livros de prosa atuais, a memória cedeu lugar à imaginação. E a imaginação é hoje em dia algo de tão extraordinário, em nossas letras, que só por ela merece Ernani Satyro um voto de louvor.

Mas, além dessas duas peculiaridades, que nos apresenta "Mariana" que já não tenhamos antes lido? Qual sua contribuição ao desenvolvimento do romance nacional, agora que já se escoaram dois anos, desde a publicação de "Grande Sertão: Veredas" — indiscutivelmente um marco, em nossa história literária?

Se compararmos "Mariana" ao livro de Guimarães Rosa, veremos que é um romance antidiluviano — o dilúvio sendo representado, é claro, por "Grande Sertão: Veredas". Pois há livros, sempre os houve, que aparecem com a força de grandes convulsões geográficas, e ante os quais é mister — como no poema de Rilke — mudarmos a própria vida.

Por causa disso é que, após o aparecimento de "Grande Sertão: Veredas", já

não nos causa tão boa impressão romance como esse "Mariana": porque, indiscutivelmente, é algo que pertence ao passado, que, se tem a cabeça projetada na atualidade, repousa, de pés e mãos, em experiências já concluídas, que tiveram sua validade somente na época em que floresceram. Assim, se não podemos dizer se "Mariana" é um avanço ou um retrocesso, na carreira de ficcionista de Ernani Satyro, na prosa de ficção brasileira atual é sem dúvida alguma um marcar passos, um romance que nada traz de típico, de não visto.

Quanto ao livro em si, seu defeito principal não está no enredo — que é frágil, e narra a história de uma jovem estranha e de comportamento imprevisível, Mariana, que após um casamento falho, busca escapar ao mesmo pelo adultério —, porém na linguagem, que contém demasiados lugares-comuns. De resto, o estilo do autor é apenas discreto, e sua inabilidade em descrever cenas e situações pode ser provada com a seguinte passagem, em que narra a lua-de-mel de Mariana com o filho de seu padrinho:



"Ainda se preparava para deitar-se, quando viu, no meio do quarto, o quadro horripilante: Pedrinho em traje de Adão, branco e horrível, a pular como um macaco" (página 11). O duplo emprêgo do "horrível" e do "horripilante" talvez ainda pudesse ser desculpado, mas nunca o lugar-comum do "traje de Adão", e muito menos o mau gosto de "a pular como um macaco".

A parte melhor do romance nos pareceu aquela em que o autor rememora a infância e adolescência de Mariana, lançando para tal mão de um processo retroativo, não original, decerto, porém, que sempre dá resultados. O desfecho do livro não traz novidades. E se aqui e ali admiramos uma anotação psicológica ou um lance mais sutil, a impressão geral

que nos restou, ao fim da leitura, é a de que "Mariana" não passa de um livro comum, sem méritos excessivos nem excessivos defeitos; justamente aquilo que Carlos Drummond de Andrade afirmou não ser "O Quadro Negro": "um romance a mais, entre tantos outros" (1).

O que ficou acima dito em relação a "Mariana", pode ser aplicado, com as adaptações indispensáveis, ao livro de poemas "Chão de Sal", de Bruno Gargiulo, há semanas lançado em Campos, em meio a várias festividades. Aliás, curioso fenômeno de nossa época é esse, de se comemorar, com coquetéis, lançamentos de livros e outorgas de prêmios literários; apenas, sobre tal modismo, que talvez traduza a frivolidade em que vivemos quase todos na atualidade, e o lado por assim dizer do *society* de boa parte de nossa literatura, deverá pronunciar-se antes o sociólogo que o mero comentarista de livros. Mas vamos a "Chão de Sal".

O volume se compõe de 41 poemas, distribuídos em quatro cadernos: "País do Longe", "Chão de Sal", "Ritmo do Abandono" e "Cristo Submerso", esse decerto o melhor. São 41 poemas — e nenhum verdadeiro Poema. Quarenta e um velhos poemas modernos, sem qualquer seiva de renovação, sem qualquer contribuição pessoal: Bruno Gargiulo, com eles, repete outros poetas e se repete a si mesmo.

Será esse o livro que esperamos de um poeta ainda moço? Certamente que não: os jovens devem procurar caminhos novos — os abertos pelos gloriosos velhos de 1922 já estão por demais usados —, e por eles continuar a caminhada, do ponto em que foi interrompida pelos senhores citados. Ou é assim, ou então a Literatura não passará de estagnação, de repetição monótona de meia dúzia de fórmulas.

"Chão de Sal" não é um malôgro: seu autor é um poeta — tem sensibilidade e certo *métier* —, ou poderá vir a ser um poeta. Para tal, porém, precisa mudar de rumo, mesmo sacrificando ao silêncio o gosto natural de cada um pela letra de fôrma. Tal como se nos apresenta agora, sua mensagem poética não poderá subsistir (2).

(1) Ernani Satyro: "Mariana". Romance. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1957. 312 páginas. Capa de Luiz Jardim.

(2) Bruno Gargiulo: "Chão de Sal". Poesia. Jornal de Letras, Rio de Janeiro, 1958. 75 páginas. Ilustrações de Vera Tormenta.

FIFI E A TRUFA CHILENA



ORSON WELLES

HOVE UMA VEZ uma trufa que quase desencadeou uma guerra mundial. Não era uma trufa qualquer e sim uma **Tuber Melanospurum** — uma coisinha preta que costuma botar no fígado de ganso. Os porcos as desenterram, mas raramente chegam a comê-las. Cada porco a revolver a terra debaixo de um carvalho na província francesa do Perigord está sempre acompanhado por um agricultor de olhos de lince e bolsos cheios de milho. O porco fica com o milho, e o agricultor consegue pela trufa uns bons cobres (ou joli sou).

Brillat-Savarin, o Shakespeare dos mestres-cucas, referiu-se à trufa como "o diamante negro da cozinha" — e as tais raízeszinhas são vendidas como tal.

Nos meses de outono, uns porcos otimistas desenterram no norte da Itália uma trufa branca extraordinária e suculenta — na realidade de um branco acinzentado. Esta, depois de ralada em flocos transparentes como papel, é pulverizada nos fofos risotos de Milão. Mas por sorte tão soberbas raridades se estragam com facilidade e não resistem a grandes viagens — daí a minha história.

Aconteceu em Paris e o trágico herói era ministro do Gabinete Francês.

O vilão era uma trufa.

Esta trufa não era branca nem preta.

Quer passar por cinzenta — disse Henri, o cozinheiro do ministro. — Mas a verdade é que é de um verde abominável.

A trufa, além disso, era enorme. Tinha o tamanho de um cantalupo e era oriunda do Chile, onde o pai da mulher do ministro outrora estivera em poste.

As lembranças infantis desta senhora a respeito das trufas chilenas eram tão maravilhosas que ela usara de sua influência e o surpreendente exemplar, agora sob os olhos cheios de suspeita do seu cozinheiro, viera de avião de Santiago a Paris, na mala diplomática.

Sua Excelência, o ministro, a princípio, tomara por algum exótico espécime meteorológico, enquanto o primeiro subsecretário, com uma quedazinha pelo melodrama, teve a precaução de imergir a trufa num vaso com água, com a impressão de estar lidando com uma bomba.

Madame, a esposa do ministro, não perdeu tempo com explicações. Como todos sabiam, um jantar oficial da mais alta importância estava programado para aquela mesma noite.

— Estamos em julho — argumentou ela. — As trufas brancas da Itália não podem ser encontradas e quanto às pretas, todo mundo as come diariamente.

Esse último ponto não era inteiramente exato, é claro, mas seu marido conten-

tou-se em insinuar que talvez seus convivas de honra, como dignatários da Rússia Soviética, não poderiam, numa breve estada em Paris, ter comido à saciedade as trufas brancas.

— As trufas do Chile — contestou madame com firmeza — constituirão uma agradável novidade. Avisem o cozinheiro que a use com o peixe. — E com esta ela abandona a nossa história porque o jantar era uma reunião inteiramente masculina.

— Não seria bem avisado — observou o ministro com típica atenuação da verdade — ignorar os desejos de minha mulher. Além disso, os russos não notarão a diferença.

Mas o cozinheiro, homem de temperamento forte, não se deixou convencer.

— Penso na responsabilidade! — exclamou estendendo o braço para manter à maior distância a musguenta trufa. — Dezesseis representantes da Rússia Soviética da mais alta categoria! E se morrerem?

— Ora, vamos, Henri, não transforme isso num drama.

— Drama? — e, largando a trufa no chão, Henri começou a sacudir os braços. — Drama? Permita que assegure a Vossa Excelência que misturar tal raiz no molho de um peixe e servi-lo a um grupo de homens disciplinados pelos mais diretos métodos de ação política, não é fazer drama, mas encorajar a tragédia!

— Ele está pensando em represálias — murmurou o primeiro subsecretário em tom discreto.

— Bem, Henri, não se esqueça de que o ministro aí estará para garanti-lo.

— Vossa Excelência se esquece a quem devo lealdade em primeiro lugar.

— Naturalmente, o seu orgulho profissional...

— Não estou me referindo a isso, em absoluto. E sim à minha posição como membro do Partido Comunista.

O ministro esquecera por completo que o seu cozinheiro era comunista. — Ah, isso torna a questão meio esquerda, não é mesmo?

— Já estou sendo suspeitado de divergência de opinião — disse Henri. — Imagine a sorte que me aguarda se uma simples indisposição gástrica...

— Henri, minha mulher responde por estas trufas.

— Ela é uma brava senhora, Excelência.

— Agora se um de vocês consentisse em bancar a cobaia... — sugeriu o ministro.

Seguiu-se um silêncio meio constrangido, perturbado, apenas pelos fungos de Fifi, uma velha cadela pequinesa.

— O caso se resume nisso — observou

o ministro, com os olhos fixos na paisagem lá fora da janela:

— Ou corremos o risco de envenenar toda a delegação soviética, ou então nos rebelaremos contra as ordens expressas de minha mulher. Qualquer das possibilidades está fora de cogitação. Fifi! Volte aqui com isso!

A CADELINHA PEQUINESA abocanhara a trufa e a arrastava pelo assoalho de parquet. O primeiro subsecretário deu um salto à frente assim que Fifi enterrou os dentes na polpa verde do vegetal; mas isso imobilizou-se de repente: a cachorrinha mastigava, com evidente prazer, um generoso bocado do acepipe chileno. Um olhar terrível se espelhara no rosto do ministro.

— Outrora — murmurou ele no tom que geralmente reservava para os funerais de grande pompa — este velho e doente animalzinho teria sido morto sem maiores discussões. Dá-lhe outro pedaço de trufa. Se ela sobreviver até à hora do jantar poderemos tranquilamente servir o menu segundo foi determinado por minha mulher. Mas se Fifi morrer, foi por uma boa causa: a segurança da República Francesa.

Na hora do jantar todo mundo respirava mais desafogado. Fifi era talvez a única exceção. Não que a trufa lhe tivesse feito mal, em absoluto. É que sempre, ao anoitecer, a asma de Fifi piorava um pouco. O ministro a deixou sair para espairar no jardim e voltou-se de coração leve para receber os convidados.

Uma hora mais tarde o camarada vice-comissário do Serviço de Pesca Soviético já se achava de pé levantando um brinde à paz. Henri transformara a odiosa trufa num dos seus triunfos mais sutis, misturando-a com alho e cogumelos na preparação de um molho de vinho branco, engrossado com manteiga e gemas de ovo.

OS RUSSOS TODOS tinham limpado os respectivos pratos com pão, repetindo a dose, e agora estavam na segunda taça de um excelente champanha. O ministro se congratulava pelo sucesso diplomático, quando o primeiro subsecretário lhe escoregou um bilhete escrito a lápis. A mensagem dizia simplesmente:

FIFI MORREU.

O ministro balbuciou umas escusas e correu para a cozinha.

— Chamem uma ambulância! — exclamou. — Se os russos morrerem aqui no Ministério, o governo será derrubado".

Sua mão gelou no telefone. Uma ambulância não daria para nada: havia dezesseis pessoas na delegação. A idéia
(Continua na pág. 47)

A compadecida vai a Paris?

QUANDO MARIA DELLA COSTA esteve em Portugal, correu boato entre nós de que a sua companhia iria tomar parte no Festival do Teatro das Nações, daquele ano, em Paris, representando o Brasil com "O Canto da Cotovia", de Anouilh — o maior e melhor papel que Maria já interpretou. Entretanto, a notícia era simplesmente boato, não chegando a se tornar realidade.

Fala-se agora, novamente, que o Brasil foi convidado a participar do Festival deste ano, estando Paschoal Carlos Magno incumbido de indicar os elementos e a peça a ser encenada. Segundo pessoas bem informadas, Paschoal estaria propenso a enviar a Cia. Tônia-Celi-Autran, com "A Compadecida", de Suassuna, sob a direção de Adolfo Celi.

Custamos a acreditar em tal afirmativa. Não há dúvida de que "A Compadecida" é uma excelente peça, que a CTCa tem um bom nível e que Celi é um diretor competente. Mas é necessário que se saiba que o Festival das Nações vai se realizar em Paris, diante de um enorme e culto auditório, mas ignorando totalmente o nosso idioma. O Brasil apresentando a peça de Suassuna não lograria um mínimo do êxito que desejamos. O público não poderia apreciar a finura do texto, os detalhes da "mise-en-scène" e a expressão dos atores. Por que, então, o Brasil se faria representar nessas condições?

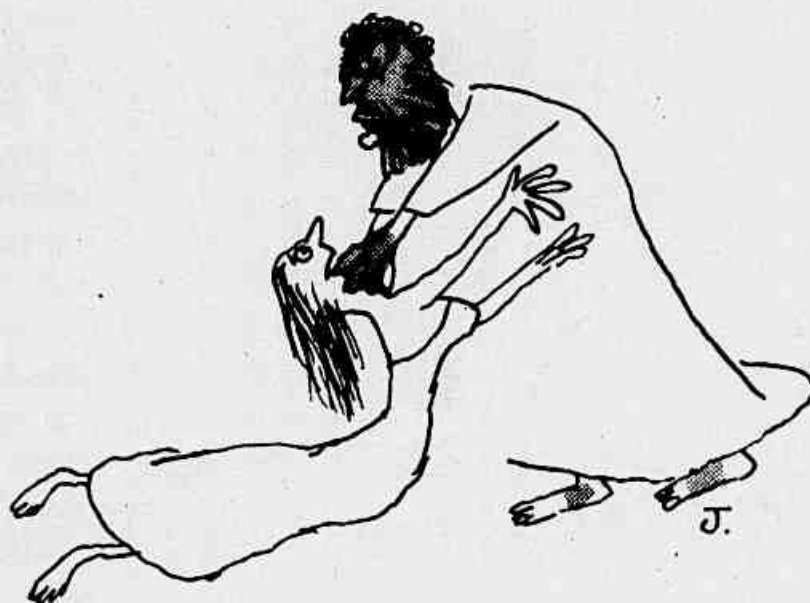
O mais acertado, parece-nos, é preparar um espetáculo de autor clássico ou contemporâneo, divulgado em livro e já apresentado nos palcos dos principais centros. O auditório, conhecendo o texto, poderia apreciar o nosso teatro, aquilatar o padrão do espetáculo. O Japão, há pouco tempo, conseguiu um expressivo êxito nesse Festival, exibindo uma companhia de mímica e músicas características, superando a ignorância da língua japonesa.

Esperamos que Paschoal Carlos Magno reflita melhor nessa sua decisão, tão importante para a propaganda de nosso país. Sabemos de antemão que haverá muitos descontentes, julgando-se injustiçados. Mas de qualquer forma o caso é muito sério e não poderá ser resolvido antes de uma minuciosa ponderação.

INTERNACIONAIS

ANDRÉ ROUSSIN acabou de adaptar "The Great Sebastians", que Alfred Lunt e Lynn Fontaine criaram na Broadway na temporada passada. O primeiro a ler essa adaptação foi Vittorio de Sicca, que seria um intérprete ideal.

A CRÍTICA parisiense tem recomendado o "Procès à Jesus", de Diego Fabbri, recentemente encenado no Théâtre Herbertot. A peça italiana é um processo em trajes modernos, para decidir se Jesus era ou não o Messias.



CATHIA CARO, uma garôta de 14 anos (embora afirmasse ter 16), foi indicada para um bom papel em "Vu d'un pont" ("A View from the bridge") de Arthur Miller, que o Théâtre Antoine vai apresentar com Raf Vallone, sob a direção do inglês Peter Brook. Os jornais começaram a publicidade em torno de Cathia, até que Brook, apesar de reconhecer-lhe o talento, achou melhor substituí-la por Evelyne Dassary (filha do conhecido cantor Jean Dassary). Quando Cathia soube da decisão, fez tamanho escândalo (com receio de voltar para o colégio interno) que acabaram oferecendo um contrato

para "double", sob a condição de a pequena se inscrever no curso dramático de Julien Bertheau. A mãe da menina, porém, não aceitou a oferta, fazendo-a voltar ao pensionato. Cathia já havia trabalhado ao lado de Jean Marais no filme "La Tour, prends garde!"

BREVEMENTE EM Londres haverá a estréia de "Pour Lucrèce", de Jean Giraudoux, numa tradução de Christopher Fry, sob a direção de Jean-Louis Barrault, que pela primeira vez dirige em língua inglesa. Os dois principais papéis serão interpretados por Vivien Leigh e Claire Bloom, vividos em Paris, respectivamente por Edwige Feuillère e Madeleine Renaud.

A ÓPERA de Pequim vai se exibir no fim de abril em Paris, no Teatro das Nações. Apresentarão ballets japoneses do Kabuki (25 homens) e a Ópera Coreana (27 mulheres).

CURIOSIDADES da Broadway:

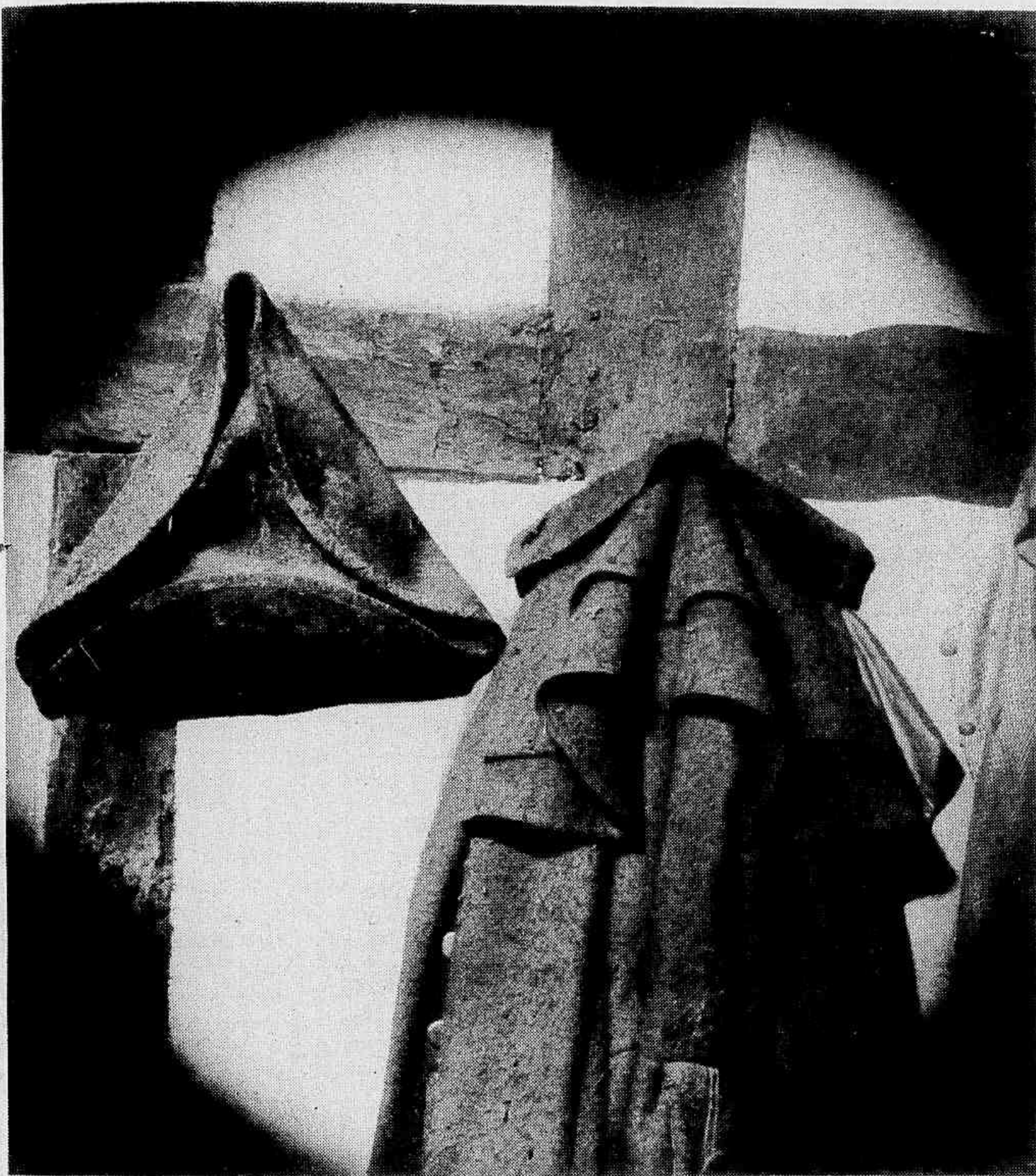
A Broadway possui cerca de 30 salas de espetáculos, com preços variando de 160 a 500 cruzeiros a localidade para o teatro de comédia, atingindo até 700 nos musicais. No câmbio-negro, os preços dos principais teatros chegam até a 5 000 cruzeiros a poltrona!

Na temporada 56-57, estrearam 83 espetáculos, assim distribuídos:

- 39 peças novas.
- 15 reprises (Shakespeare, Shaw, etc.).
- 7 comédias musicadas.
- 2 revistas.
- 10 peças em língua estrangeira.
- 10 espetáculos variados.

Segundo a tradição, uma peça que a crítica condena, é logo retirada do cartaz, pois as despesas são enormes e não compensa uma carreira curta.

Os autores recebem a percentagem de 7 e meio a 11 por cento sobre a receita. Para uma peça de relativo sucesso, as receitas variam de 20 a 30 mil dólares semanais.



A capa e o chapéu de três bicos de Dick estavam atrás da porta da estalagem de George, em Huntingdon, enquanto ele tomava uma caneca de vinho, mas a polícia chegou, ele safu apressadamente, e a capa e o chapéu continuam lá até hoje.

MISTÉRIO

RECONHECIDO O FANTASMA DO BANDIDO DICK TURPIN

DOIS VELHOS MORADORES de Hempstead, Essex, "reconheceram o fantasma de Dick Turpin correndo sobre a neve numa estrada deserta que corta um bosque próximo da cidade, em uma noite de fevereiro" passado. Eles disseram que ouviam, desde crianças, as histórias de Turpin, que passavam de boca em boca desde que o bandido, há mais de duzentos anos, assaltava carruagens nas florestas da região e corria uma noite inteira sem parar, montado num cavalo negro, para escapar a seus perseguidores.

Quase ninguém acreditou na história dos dois velhos, mas não faltou alguém que dissesse ser mesmo de Turpin o simpático fantasma que costuma aparecer naquelas estradas, em noites de estrêla e neve. E houve uma senhora, Victoria Mc Allen, de 87 anos, que disse ter ouvido de seu avô, quando era menina, uma descrição "do rosto de Turpin" e que a descrição "coincidia perfeitamente com o rosto do fantasma, que ela mesma tinha visto uma vez, há dez anos, numa noite perto do Natal".

Mas, desta ou daquela maneira, há muito romance em torno da figura de Dick Turpin, cuja verdadeira história é a seguinte:

Para John e Mary Turpin, caseiros da estalagem "Rose and Crown", em Hempstead, no Essex, a vida parecia boa naquela noite de setembro de 1705. Dormindo num quarto acima do bar com travejamento aparente, estava seu primeiro filho, um menino, que naquele dia havia sido batizado "Ricardus Turpinus", na igreja paroquial de St. Andrew. Não sabiam eles que alguns anos mais tarde seu filho seria descrito como "o mais desalmado e depravado vilão que já existiu", que ele se tornaria um dos mais temidos e odiados homens de toda a Inglaterra.

O jovem Richard Turpin cresceu como um menino normal e aprendeu a ler e a escrever na escola da aldeia. Com a idade de nove anos foi mandado para Londres, onde se tornou aprendiz de um açougueiro, em Stepney.

Não demorou muito e o rude rapaz descobriu que precisaria de mais de uma vida de trabalho honesto para fazer fortuna como açougueiro. Havia meios mais fáceis e rápidos de ficar rico — roubando a carne do seu patrão, por exemplo, e vendendo-a a dinheiro nos mercados das ruas de Londres.

Mas Turpin tornou-se demasiado ambicioso e foi apanhado em flagrante, quando roubava três cabeças de gado de um matadouro próximo. Teve, então, de tomar uma decisão rápida: fugir ou ir para a força. Sem hesitação ele derrubou o seu captor com um gancho de segurar carne, pulou um muro e rumou em direção da floresta de Epping.

Uma vez refugiado na floresta, Turpin associou-se com um bando de ladrões e assassinos, que viviam atacando diligências e viajantes solitários, na estrada que cortava a floresta, vinda de Londres.

De noite visitava a estalagem de seus pais, em Hempstead, situada na margem

da floresta e muitas vezes se escondeu no quarto onde havia nascido. Com um buraco no soalho podia observar as atividades que se desenvolviam no bar.

Com o correr dos anos cresceu a lista dos crimes de Dick Turpin. Há muitos episódios registrados, provando que ele não foi a cavalheiresca e romântica figura que os livros de narrativas querem nos fazer acreditar. Ele foi, de fato, um assassino cruel e vicioso, um covarde que atacava e roubava os fracos, que fugia ao menor sinal de perigo.

Um dos seus mais revoltantes crimes foi cometido em Buckhurst Hill, aldeia situada nas margens da floresta de Epping. Turpin penetrou na casa de uma velha solitária e, apontando-lhe a pistola, forçou-a a lhe preparar uma refeição. Depois exigiu que lhe desse suas economias. Ela lhe disse, sinceramente, que não tinha dinheiro algum. Mas Turpin queria divertir-se. Amarrou a velha numa cadeira, meteu mais lenha na lareira e tratou de assá-la viva. Deixou a casa sem ter ficado mais rico do que era, mas outro horrível assassinato foi levado à sua conta.

No começo do século XVIII os mantenedores da lei e da ordem não eram muito apreciados na Inglaterra e Turpin, como outros bandidos, gozava de uma certa dose de prestígio entre as pessoas do povo. Mas à proporção que foram sendo conhecidos seus crimes a simpatia popular desapareceu, e Turpin verificou que aqueles junto aos quais encontrava auxílio e abrigo já não lhe eram tão favoráveis. Compreendendo, também, que o preço da sua cabeça era bastante alto para tentar o mais dedicado amigo, decidiu deixar a floresta de Epping, transferindo-se para uma região da Inglaterra onde o seu rosto e o seu nome não fossem tão bem conhecidos.

Rumou para o norte — escondendo-se de dia e cavalgando de noite — e eventualmente chegou ao Lincolnshire.

Deve-se assinalar, aqui, que em tempo algum Turpin teve um cavalo chamado "Black Bess" — e que, certamente, não viajou de Londres para York numa só noite. O crédito dessa proeza cabe a um salteador de estrada chamado John Nevison, que estabeleceu um falso "alibi" em 1681, fazendo a jornada num só animal, no tempo incrivelmente curto de 15 horas. Ele foi enforcado em York.

No Lincolnshire, Turpin usou o nome de John Palmer e estabeleceu-se como negociante de cavalos, em Long Sutton. Mas não tardou a ter atrapalhões com a polícia local. Como "John Palmer" atravessou o rio Humber, passando para o Yorkshire, onde ficou, durante curtos períodos, em Ferry House, Brough e North Cave. Finalmente instalou-se em Welton, a oito milhas de Hull.

Turpin continuava a ser conhecido como "John Palmer — um bom cavaleiro e negociante correto" e como tal poderia ter morrido pacificamente, em Welton. Mas o aprendiz de açougueiro e assassino provocou sua própria morte com um ato de pura estupidez — a espécie de estu-

pidez normal a um homem do tipo de Turpin.

Tinha estado caçando com um grupo de pessoas do local e dessa vez atirou mal. Um dos homens do grupo caçou dele, dizendo que não podia acertar numa galinha mansa. Por isso Turpin atirou num galo de briga que na ocasião ia atravessando a principal rua da aldeia.

A ave pertencia ao senhorio de Turpin. Informado da sua tolice por um tal Mr. Hall, Turpin perdeu a calma e declarou que atiraria sobre seus companheiros, se não estivessem fora de alcance quando voltasse a carregar a arma.

O resultado de tudo isso foi que Turpin — ou "Mr. Palmer" — recebeu intimação para comparecer perante os magistrados, em Beverley, onde recebeu ordens de dar garantias pelo seu futuro bom comportamento. Mas "Palmer" não pôde encontrar quem quisesse ser seu fiador e por isso ficou preso, dependendo de outras indagações judiciais.

Desesperado, compreendeu o perigo da sua posição e redigiu uma carta, pedindo auxílio ao seu irmão, residente em Hempstead, no Essex. A carta foi parar no correio de Hempstead e o funcionário que devia distribuí-la havia sido professor

da escola local. Reconheceu no envelope a letra de um seu antigo aluno — o jovem Richard Turpin, do qual não havia notícias há muitos anos. Lembrou-se, também, do alto preço que era oferecido pela cabeça de Turpin.

Os Bow Street Runners logo se puseram a caminho para o Yorkshire, onde "Mr. Palmer" estava prisioneiro, no castelo de York, acusado de roubar cavalos, pela polícia do Lincolnshire. E no castelo de York ficou acusado de ser "Richard Turpin, ladrão de estrada, do Essex". Aí foi julgado e condenado à morte, em março de 1739.

Um mês depois Turpin subia à fôrca, em York — e dessa vez agiu como a gente romântica gostaria de acreditar que tivesse levado a sua vida. Durante nada menos de 45 minutos falou à multidão, pilheriou, atirou beijos às moças, escarneceu do carrasco. E então, de repente, precipitou-se de cabeça para baixo, indo bater no chão, depois de uma queda de 30 pés.

Pela sua última atitude Dick Turpin tinha roubado à multidão o espetáculo de vê-lo morrer lenta e dolorosamente na fôrca. Tinha enganado até o fim. (B.T.H.A.).



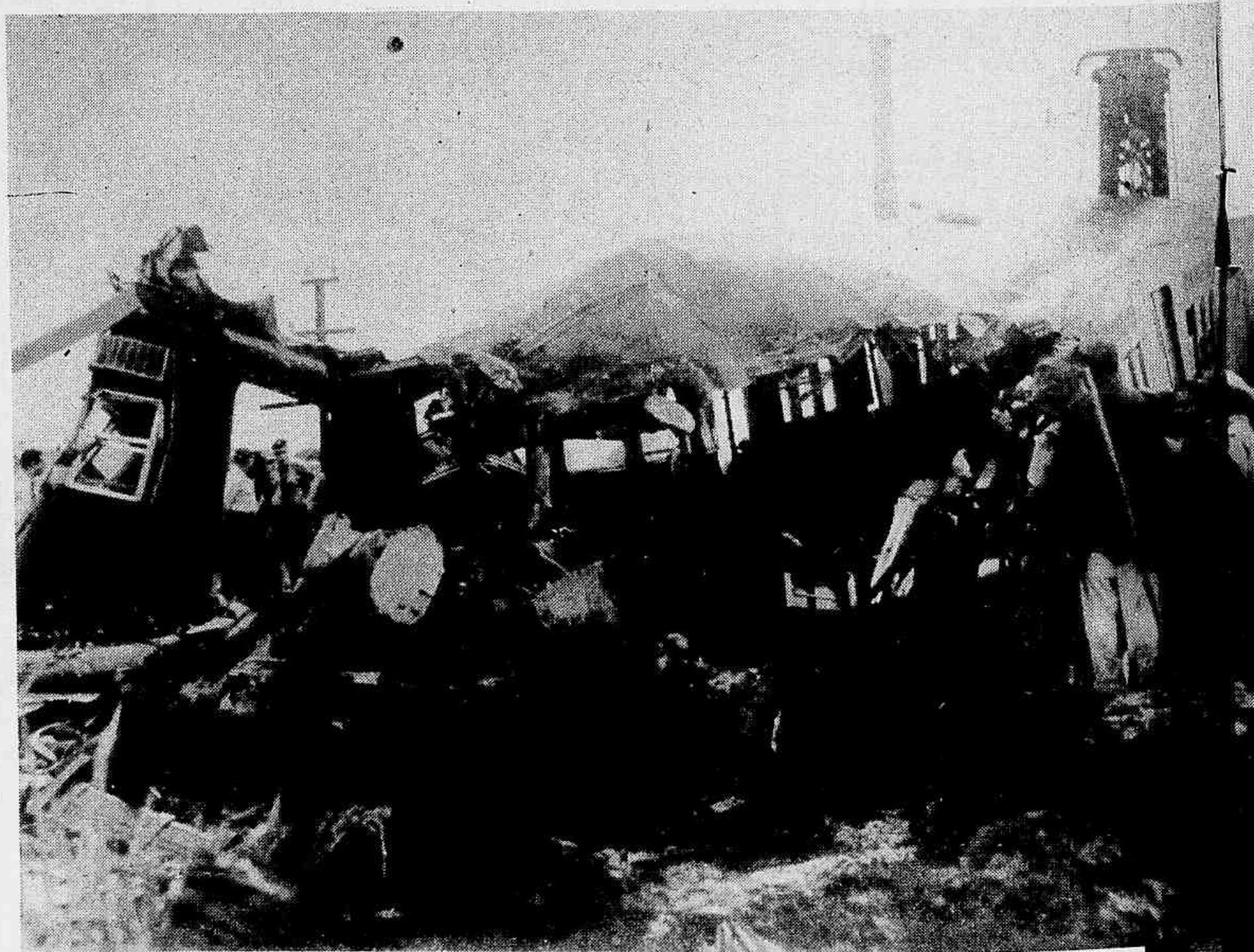


Os objetos dos mortos foram empilhados na beira da estrada e a polícia tomou conta de tudo por causa dos ladrões, que eram muitos.

SUPER-HOMEM SALVOU DONA MARIA



O trem chamado Cofap, porque a passagem nêle custa mais caro, não respeita a chuva de granizo e a neblina do dia 7. R





sultado na foto.



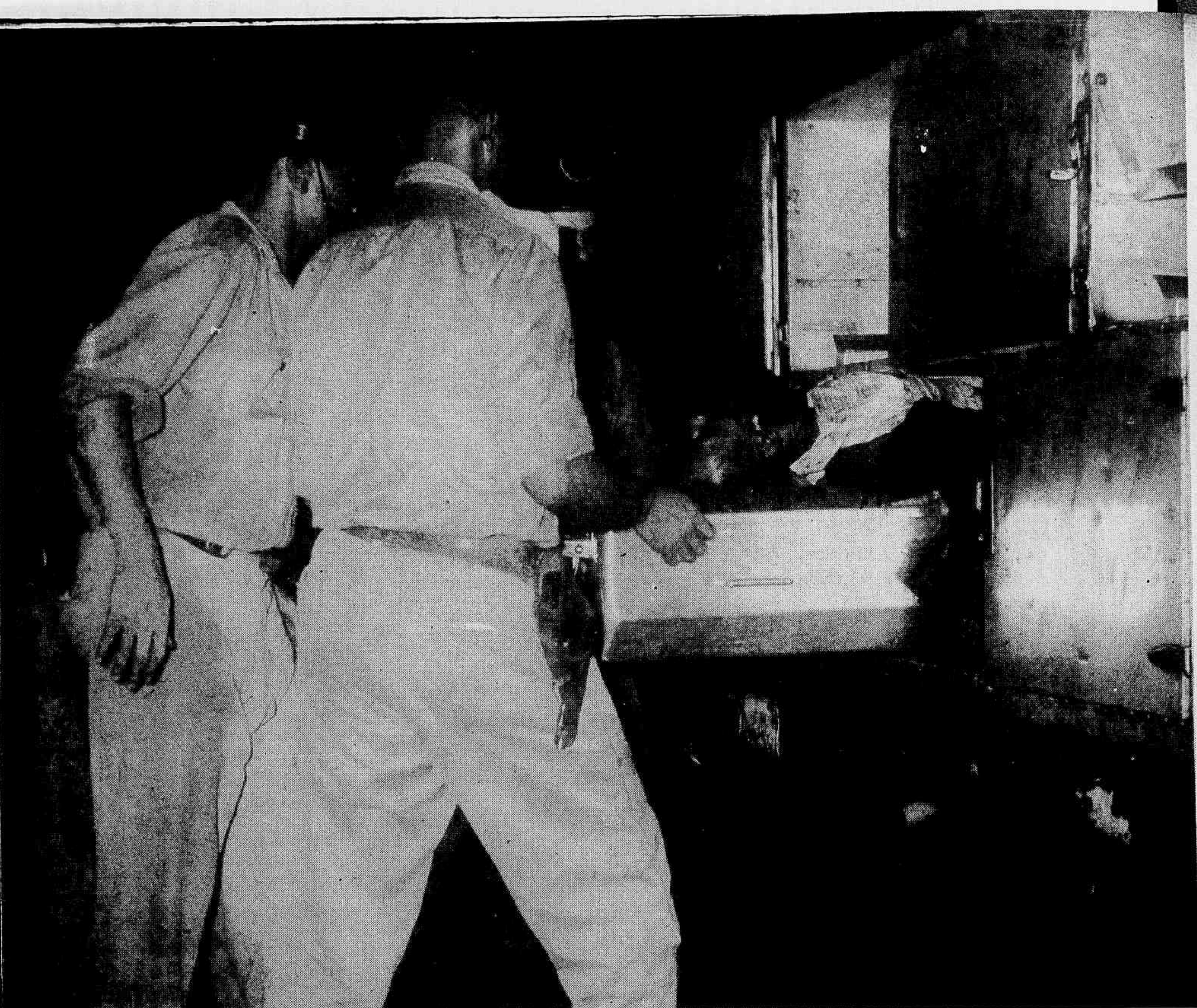
Bombeiros e soldados usaram muita morfina para acabar com dores dos feridos que estavam presos nas ferragens.

Depois a Central ofereceu entêrrro de primeira

MARIA DA CONCEIÇÃO BARRÊTO (53 anos, casada, lavadeira, pernambucana que mora em Santa Cruz) bateu no filho de 11 anos (Severino) porque êle desapareceu de perto dela na Central do Brasil. Severino, encontrado lendo histórias em quadrinhos do Super-Homem numa banca de jornaleiro, foi salvo de uma surra pelo guarda Olavo, da Central, que ameaçou prender d. Maria.

Ela disse ao guarda que batia no filho que lhe fêz perder o trem direto (Cofap) na sexta-feira, dia 7.

UMA SENHORA CHAMADA LUIZA CAMPOS (41 anos, casada, doméstica, residente em Santa Cruz) estava sentada num banco do trem parado na estação de Paciência quando



Três cadáveres para cada vaga no rabeção.

No Cofap a passagem para a morte é de Cr\$ 5,00 mais cara

um senhor a seu lado disse: "Essa chuva, o tempo ruim, tá chovendo até granizo, o diabo dêsse trem parado, vem outro de lá, é um perigo". D. Luiza olhou o homem, levantou-se, saiu por uma porta que estava entreaberta.

Dois minutos depois, d. Luiza subia as escadas da estação quando ouviu um barulho muito grande. Era um trem que vinha da Central (o Cofap) e batera nos outros três que estavam parados na estação, inclusive no SS-7, onde ela estava pouco antes.

NESSE DESASTRE MORRERAM 62 pessoas (oficialmente) e ficaram feridas (extra-oficialmente) 86 e a Central do Brasil, em nota oficial, culpou o granizo e a falta de atenção do maquinista do US-73, que não atendeu à ordem de andar devagar, e ofereceu enterro de primeira às vítimas. Mas as famílias recusaram: enterraram seus mortos de segunda classe mesmo.

COMO ACONTECEU: sexta-feira, dia 7, às 18,20 horas, chovia muito na cidade, principalmente nos subúrbios mais distantes onde o céu estava completamente nublado e umas pedrinhas de gelo caíam nos telhados das casas e partiam os vidros das janelas. O carioca estava gostando muito daquele

dia, porque estava sofrendo com o calor e não chovia há um mês.

Três trens da Central do Brasil estavam parados na estação de Paciência, perto do subúrbio de Santa Cruz. Motivo: não podiam andar porque as linhas estavam cheias de granizo, quase meio metro de pedrinhas. Os passageiros reclamavam a demora e os fiscais do trem diziam que só depois que a chuva de granizo parasse é que os trens poderiam sair dali.

As 18,20 horas um trem direto, que tem o nome de Cofap e o prefixo US-73, vinha em alta velocidade, apesar do granizo: seu maquinista não atendeu à ordem de andar devagar e aumentou a velocidade do trem. De repente o Cofap bateu nos três trens que estavam parados em Paciência, houve um estrondo muito grande, tudo virou pedaço de ferro retorcido, muitos gritos, muito sangue.

Resultado: durante três dias bombeiros, soldados da Aeronáutica, da Marinha e do Exército passaram em Paciência retirando dos escombros dezenas de cadáveres e mandando em ambulâncias para os hospitais dezenas de feridos.

Os jornais cariocas deram manchetes no dia seguinte, mas cada um deles tinha o seu número particular de mortos e feridos.

LEUCEMIA

DOIS BACTERIOLOGISTAS norte-americanos viram, pela primeira vez no mundo, com um microscópio eletrônico (aumento de 200 mil vezes), o vírus da leucemia, numa amostra de sangue humano.

A descoberta foi comunicada pelos drs. Leon Dmochowsky, de Houston, Texas, e Joseph W. Beard, de Durham, Carolina do Norte, a 100 médicos especialistas reunidos numa conferência, em Nova Iorque.

Os médicos pediram cautela na difusão da descoberta do vírus, afirmando que a vacina da leucemia ainda não será fabricada neste nem, provavelmente, nos anos próximos. Assim também pensam médicos brasileiros ouvidos pela REVISTA DA SEMANA.

Sobre a descoberta, o cancerologista Osolando Machado disse que "ela trará certamente um progresso muito grande no tratamento da leucemia".

O dr. Ugo Pinheiro Guimarães, diretor do Serviço Nacional do Câncer, disse:

"Um grande passo se terá dado para a cura do câncer se de fato tiverem sido confirmadas as suspeitas de que a leucemia, um tipo de meuplasia, é causada por vírus e que esse vírus tenha sido observado".

"Sou meio pessimista, mas faço votos de que seja uma realidade a anunciada descoberta", disse o professor Mário Kroeff, "mas é preciso cuidado na apreciação dêsse noticiário, porque a observação microscópica, às vezes, engana: pensamos que se trata de uma coisa e, na realidade, é outra. Não se sabe se os pesquisadores observaram um único vírus ou diversos. Se repetir-se esse achado em outras pesquisas de sangue leucêmico, o acontecimento será importante quanto o diagnóstico, a origem e o futuro tratamento da moléstia. Representará um importante fator no estudo do câncer, já que a leucemia é um câncer especial do sangue, diferente dos outros, dos tecidos".

Quanto à vacina, disse que "terá de ser fabricada uma adequada ou lançar mão da terapêutica própria relativa ao vírus, em geral, com base em outras tantas que já existem quanto a doenças provocadas por vírus, como a varíola, poliomielite e raiva".

RELIGIÃO

MILHARES DE CARIOCAS vão representar no Estádio do Maracanã, no primeiro dia da Semana Santa, a entrada de Jesus em Jerusalém, numa festa promovida pela Arquidiocese do Rio de Janeiro para obter um espetáculo de fé semelhante aos realizados durante o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional.

D. Helder Câmara, arcebispo-auxiliar do Rio de Janeiro e um dos principais organizadores da festa, disse à REVISTA DA SEMANA que "a tarde de 30 de março próximo, quando se inicia a Se-

mana Santa, será a Tarde Sagrada, concentrando-se no Maracanã milhares de fiéis e todos aqueles que, embora afastados da prática religiosa, se sintam dispostos a uma atitude de respeito diante de um grande espetáculo religioso".

A exemplo do que se faz em Oberammergau e outros lugares onde a Paixão de Cristo é revivida pelo povo, "será realizado no Rio", prosseguiu D. Helder, "um belo espetáculo, com aspecto quase idêntico ao das cerimônias litúrgicas, onde a participação do povo permitirá sentir melhor o início da Semana Santa, com a tradicional bênção dos ramos, que recorda a entrada triunfal do Mestre em Jerusalém".

Disse D. Helder que "a Tarde Sagrada será uma dramatização monumental, de que participarão cerca de mil figurantes, além de milhares de pessoas, que dialogarão em cântico com o sacerdote. Esta será a primeira parte da cerimônia popular e se denomina "Encontro com a Misericórdia Divina".

Enquanto se for desenvolvendo o diálogo, irão entrando no campo grupos de cem jovens, representando cada um deles



um dos sete pecados capitais, com indumentária colorida e movimentos coreográficos referentes a cada pecado. Reunidos os sete grupos, será cantado o Hino da Contrição, quando os setecentos prisioneiros se libertarão das cadeias do pecado, graças à misericórdia divina e sete balões subirão ao céu, como símbolo da vida nova que todos estamos desejando.

A segunda parte da cerimônia é "Participação da alegria da entrada de Cristo em Jerusalém", quando os presentes reviverão o início da Semana Santa, com a festa dos ramos e das palmas, agitados pelo povo, para saudar a chegada do Filho de Davi.

Todos os assistentes erguerão então os ramos que tenham levado, e que serão espargidos pelo cardeal D. Jaime de Barros Câmara. Entrará depois um pobre montado num jumento, que percorrerá a pista, até ao altar, onde Jesus, na pessoa do pobre, será recebido pelo cardeal.

Em seguida, o cardeal celebrará Missa, explicada. E a Paixão de Cristo será lida em português. Serão cantados salmos em cântico, encerrando-se o cerimonial.

D. Helder disse que em várias paróquias estão sendo realizados os ensaios

para a solenidade. Grupos de fiéis estudam o diálogo para que tudo seja realizado com acerto, orientando as outras pessoas que dêle participarão. Alunos da Escola Nacional de Educação Física estão treinando em alguns ginásios as jovens que formarão os sete grupos que representarão os pecados capitais.

ROBSON

SE O CÂNCER do menino Robson não estourar em outra parte de seu corpo, agora que os médicos lhe tiraram os dois olhos (focos da doença), ele poderá continuar vivendo, cego.

Atacado de câncer no olho direito, o ano passado, Robson foi operado no Rio, evitando-se que a doença se propagasse ao nervo ótico, o que lhe seria fatal. Com ajuda das Pioneiras Sociais e a contribuição de populares, foi com seu pai (o motorista do SAMDU, Luiz Carvalho de Freitas) tratar-se na Inglaterra.

Mas os médicos brasileiros já diziam que Robson estava ameaçado de câncer também no olho esquerdo.

Quase um ano após seu tratamento em Londres, Robson teve câncer na vista esquerda. Internado a 14 de janeiro no Hospital do Serviço Nacional do Câncer, foi operado poucos dias depois pelo dr. Ataliba Bellizi, que lhe retirou o outro olho.

Agora, médicos e pais de Robson esperam que o câncer não surja em outra parte do seu corpo.

Robson é filho de pais pobres. Mora com eles e mais cinco irmãoszinhos à Rua 8, Quadra S, casa 22, fundos, da Fundação da Casa Popular, em Marechal Hermes.

Alimenta-se bem, ainda brinca com os irmãos, mas já não se espanta mais quando o fotógrafo de jornal ou revista queima o "flash": não enxerga nada.

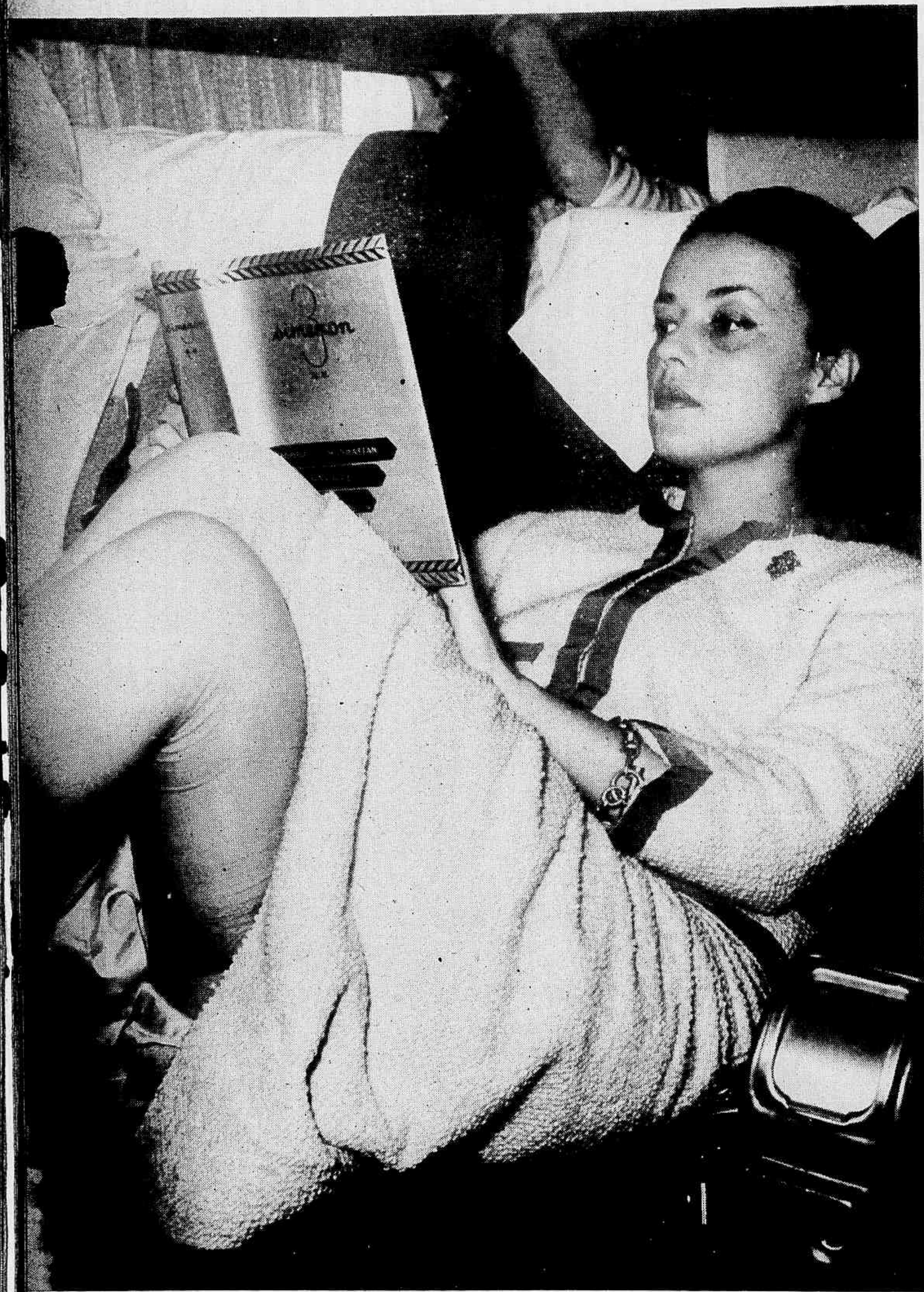
D. Cremilda Freitas, mãe de Robson, diz que "tem passado muitas e terríveis amarguras com a doença do filho".

"Além das dificuldades financeiras, estamos mal acomodados na casa onde moramos. Meu marido paga dois mil cruzeiros de aluguel e as crianças são obrigadas a dormir no chão. D. Sara Kubitschek prometeu que iríamos morar na Casa Popular, mas a burocracia ainda não permitiu que Robson tivesse um pouco mais de conforto. Apelo novamente para d. Sara, pedindo-lhe que se interesse mais uma vez pela sorte do meu filho; ela também é mãe e tenho certeza de que sabe o que estou passando", diz d. Cremilda.

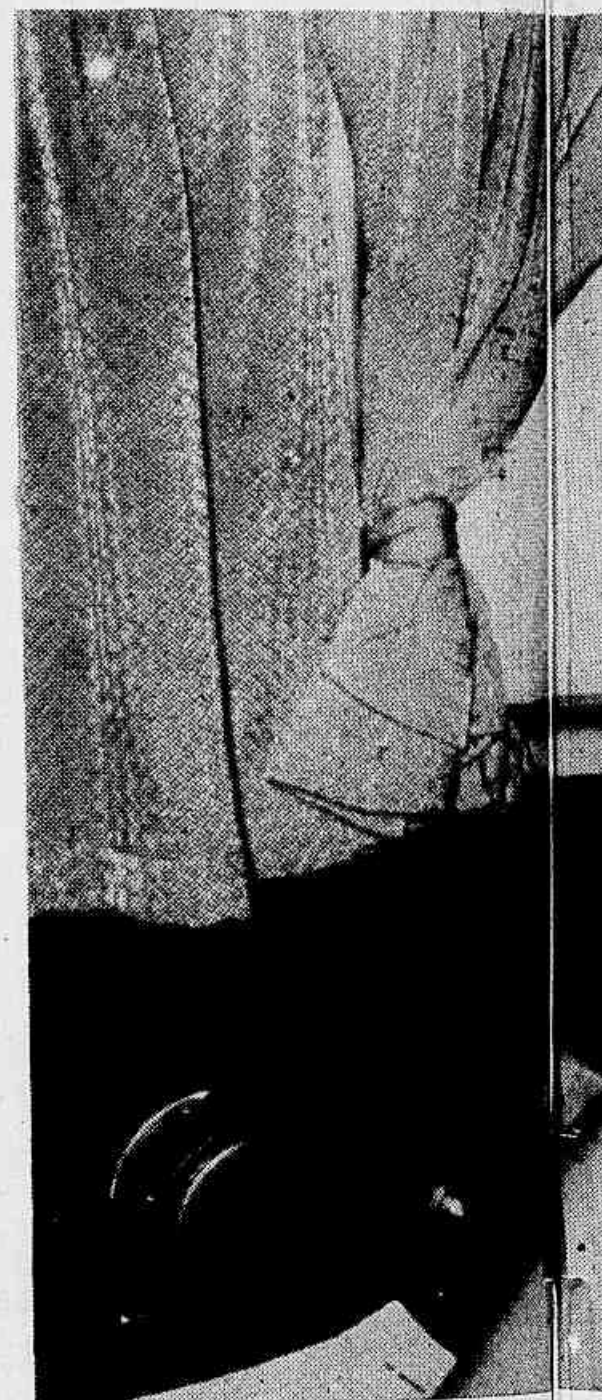
Após a operação de Robson, a papeleta médica dizia o seguinte sobre ele: "O paciente apresentava uma invasão neoplástica, enucleação do globo ocular esquerdo, com incisão longa do nervo ótico".

Os médicos-assistentes de Robson dizem que "ainda é muito cedo para prognosticar os resultados que serão obtidos com essa nova intervenção".

Robson, com três anos de idade, não sabe de nada.



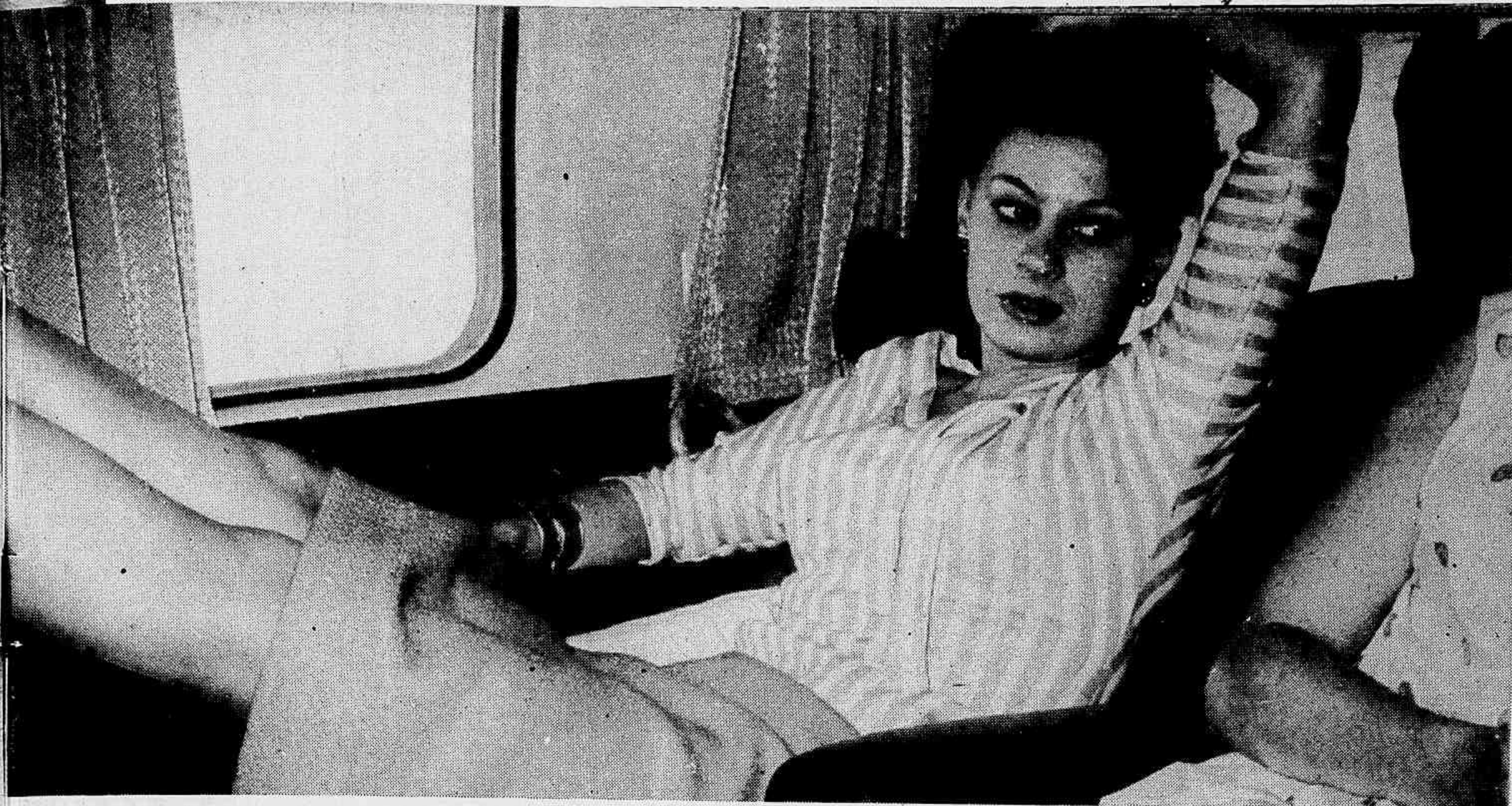
Pernas A : de Jeanne Moreau lendo romance policial de Georges Simenon.



Pernas B : de Sté B

VOANDO DE PERNAS PRO AR

PARA PUN



Pernas C: de Magali Noel achando que os homens (apesar de gostar muito dêles) são egoístas em excesso.



Sté Blain, pensando no seu amor que ficou na Europa.

PARA O FESTIVAL de Cinema em Punta del Este (7-14 de março) passaram pelo Rio num DC7-C da Panair do Brasil as delegações de artistas franceses, italianos e alemães, figurando Yves Montand, Rossana Podestá e Antonella Lualdi como os nomes mais destacados.

Mas a "vedette" da viagem foi mesmo a jovem atriz Antonella Lualdi porque Rossana Podestá pareceu preferir viajar sem cuidado no vestir e na "maquillage" para fugir a manifestações dos fãs.

Só a delegação italiana ficará dois dias no Rio (19-20) quando voltar de Punta del Este.

As delegações francesa e alemã (três artistas, Gardy Granass, Sonja Ziemann e Sabina Bethnam) seguirão direto para a Europa.

Por ser um tipo másculo e ter sido conquistado pelas comissárias Eva e Marília, do DC7-C da Panair, o ator francês Yves Montand, considerado o melhor cantor moderno da França, mereceu de um passageiro o comentário:

"É o primeiro artista francês que não tem cara de melindrosa".

Sem pernas: olhando o Rio por todos os lados.



PUNTA DEL ESTE



Para Rossa

Ros
car

O marido de Rossana Podestá toma conta dela até de olhos fechados: ouve.



Principal artista do famoso filme "Salário do Medo" e já tendo se exibido no Rio várias vezes na "boite" do Copacabana-Palace, Yves Montand diz que adora a paz em tôdas as formas e que se lhe fôsse possível escolher os filmes para trabalhar preferiria os que têm conteúdo realista e humano. Não tem preferência pelas artistas porque "tôdas as boas me agradam".

Diz que sua mulher, a artista Simone Signoret, com quem está casado há nove anos, foi a artista que mais gostou de beijar.

"Descobri isso quando trabalhávamos em "As Diabólicas". No cinema norte-americano gostaria de trabalhar com as Hepburn : Katherine e Audrey. Ele detesta três coisas : guerra, hipocrisia e maus espetáculos.

Gosta de comer "spaghetti", mas não escolhe muito : come de tudo.

MAGRINHA, DE BAIXA estatura, sem cuidado no vestir e na "maquillage" e dando a impressão de que temia qualquer manifestação dos fãs, Rossana Podestá não pôde ser conside-



na o melhor galá é o seu marido.

No aeroporto do Recife, Rossana Podestá e Antonella Lualdi (de salto quebrado).

sana e Antonella dividiram o taz: metade maior para Antonella

rada um tipo real de beleza por todos os que a viram passar no Rio com destino a Ponta del Este.

Assessorada continuamente pelo seu marido e sem qualquer sintoma de autêntica "vedette", a Podestá disse aos repórteres que seu marido foi, é e sempre será o galá preferido para seu filmes.

Falando à REVISTA DA SEMANA, enquanto seu marido dormia numa poltrona a seu lado no DC7-C da Panair, que levou os artistas para Punta del Este, Rossana Podestá disse que gostaria de trabalhar no cinema norte-americano com Henry Fonda e que quando voltar do Uruguai passará dois dias em Copacabana, "para mostrar meu corpo ao Sol".

Ela está casada há cinco anos e tem um filho, Steffano. "Helena de Tróia" foi o filme de que mais gostou de fazer, no cinema italiano, e "Vento Selvagem", com Jeff Chandler, o melhor no cinema norte-americano.

Detesta passar um ano sem viajar e fazer um filme, cujo argumento lhe desagrade. Admira nos homens a sinceridade, força-de-vontade e inteligência. Se tivesse de morar em outro país que não fôsse a Itália preferiria a França.

Quando Marco Vicario, seu marido, abriu os olhos, Rossana Podestá fechou a boca, mas disse logo em seguida: "Eu sabia que ele estava ouvindo tudo".

A MAIS BELA passageira do avião dos artistas foi a atriz italiana Antonella Lualdi, que viajou com seu marido (o ator Franco Interleggenchi) e desceu no aeroporto do Recife com o salto do sapato direito quebrado.

"Isto acontece com as modelos mais elegantes", disse, rindo, Antonella Lualdi, que vestia uma saia preta e uma blusa branca e trazia soltos os cabelos quase pretos fazendo moldura para seu sorriso completamente branco.

Antonella Lualdi também ficará dois dias no Rio, sempre acompanhada de perto por seu marido.

Disse que o cinema italiano está progredindo muito e que a concorrência da televisão obriga as empresas a produzir filmes de qualidade.

JEANNE MOREAU é uma artista que obriga os fãs a conhecê-la de qualquer maneira porque tem personalidade, beleza, inteligência e simpatia.



A beleza suave de Antonella surpreendeu os cariocas: ela era igual à da tela.

Antonella (neo-realista)
desceu de salto quebrado



O salto direito de Antonella quebrou no Recife, mas ela não se incomodou e trocou o sapato quando voava para o Rio.





Antonella também veio com o marido, mas para a R.S. falou à vontade.

Depois de surpreendida pelo nosso repórter Hélio Polito quando lia, de pernas p'ro ar, um romance no avião que a levava a Punta del Este, Jeanne Moreau não quis informá-lo sobre suas medidas físicas e respondeu séria:

"I don't like this way" ("Não gosto desses assuntos").

Mas disse que já trabalhou em teatro com Jean Marais ("Pigmeleão", "La Chasse") e que em 1960 excursionará pelas Américas do Sul e do Norte com uma companhia teatral.

Respondendo a todas as perguntas com desembaraço e só parando de ler para almoçar ou atender aos jornalistas, Jeanne Moreau disse que é desquitada e tem um filho, Jerome, com 8 anos, e acredita que, "se Deus quiser", casará novamente, mas não tem ninguém em vista, no momento.

Do que mais gosta: trabalho, do filho, e do amor.

Do que menos gosta: trabalho em geral, barulho e frio (razão por que quis vir à América do Sul).

Está contente por ter nascido mulher; pôde, com sua experiência, estudar os homens em todos os sentidos, mas três coisas não admite nêles: egoísmo, preguiça e futilidade.

"Para merecer minha atenção", disse, "um homem tem de ter inteligência, força moral e bom coração".

Ela é uma cozinheira ótima, sabe fazer tudo, adora qualquer tipo de comida e gosta muito de dormir.

PORQUE SEU ÚNICO e constante desejo é amar os homens, a atriz francesa Magali Noel sente-se feliz por ter nascido mulher e disse ao Departamento Especializado da REVISTA DA SEMANA que ainda não sabe qual o seu tipo ideal de homem "porque é tão perfeito que jamais poderia criá-lo".

Magali, que é uma das atrizes mais "sexy" da delegação francesa e usa sempre seu olhar e seu físico exóticos para atrair os fãs, teve seu vestido rasgado por vários "play-boys" durante um Festival de Cinema em Bruxelas.

"Os fãs, às vezes, são exagerados, mas assim mesmo tenho muito boas relações com eles", disse Magali, que não gosta de se lembrar do seu filme de maior sucesso: "Rififi", onde apareceu nuazinha para uma quadrilha de assaltadores de bancos.

Para ela, o melhor galã é Rock Hudson ("Ainda farei um filme com ele em Hollywood"), mas no cinema francês acha bom mesmo o ator Jean Gabin.

"Se os homens não tivessem defeitos não poderia amá-los", disse Magali, "acabaria me aborrecendo com a perfeição".

Dos homens ela só tem uma mágoa: egoísmo absoluto.

"O que não deixa de ser provocante", concluiu.



Magali Noel sente-se feliz porque nasceu mulher e pode amar os homens, mas Yves Montand acha que a mulher que mais Signoret. Por isso, contou só um segredo para Magali.





MAGALI NÃO PODERIA AMAR UM HOMEM PERFEITO: ENJOA

A ARTISTA BRASILEIRA Fiorella Mari, que foi para a Itália com dez anos de idade, também viajou na delegação italiana que foi para Punta del Este e disse à REVISTA DA SEMANA que "apesar de sentir-se orgulhosa de minha origem sou italiana de coração".

Trabalha também para televisão e teatro em Roma e na sua opinião o melhor galã do cinema italiano é Marcelo Mastroiani e do norte-americano é Glenn Ford.

"Apesar de ter trabalhado em muitos filmes, minha oportunidade ainda não chegou", disse Fiorella, que fala cinco línguas, é inteligente e espera que os brasileiros a conheçam um dia como das maiores estrelas do cinema.

MUITO ACOMPANHADA de perto e carinhosamente por um rapaz brasileiro que trabalha em rádio e televisão, a atriz italiana Irene Cefaro impressiona pela suavidade de traços e de pele.

Ela tem um constante olhar melancólico e já foi motivo de inspiração para um pianista francês que uma noite, num bar de Paris, compôs para ela um "blue" dos mais sentimentais.

A MAIS DESCONHECIDA artista francesa para os brasileiros é Stella Blain que, na opinião das estrelas que a acompanharam será um grande cartaz do cinema muito brevemente porque tem talento, beleza e inteligência.

Ela tem muita coisa que as outras não têm: "sexy".



gostou de beijar até hoje foi sua esposa, a artista Simone





OLGA BENARIO PRESTES — que volta agora ao noticiário — foi quem salvou a vida de Prestes, atravessando-se entre este e a metralhadora de Galvão.

Esse Galvão era chefe da Polícia Especial e foi repreendido por ter fracassado na sua missão de matar Prestes.

Galvão acabou assassinado por um dos seus subordinados, que suicidou-se depois.

Olga quase foi presa com Henry Berger na casa deste, na rua Paulo Redeffern — Leblon. Prestes também estava na casa, mas fugiu pulando o muro. Olga, ao chegar perto da casa para visitar o marido, pressentiu a polícia e não entrou.

O SR. AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR — cujos palpites sobre o suicídio de Getúlio causaram tanto barulho — disse, em sua entrevista, que Getúlio se admirara de seu catolicismo e da conversão de seu pai.

Essa conversão foi atribuída, na época, a Santa Teresinha, graças à interferência de seu irmão, o sr. Bernardino de Lima.

Augusto de Lima Jr. foi diretor de "A Batalha" e trouxe para o Brasil os restos mortais dos inconfindentes.

O ALMIRANTE GAGO COUTINHO está outra vez no Brasil. Gago é tão popular em Portugal que seu nome faz parte da letra do fado Mouraria:

"... há um que ainda cá mora
este herói que o povo adora,
Gago Coutinho..."

O voo de Sacadura e Gago — a primeira travessia do Atlântico Sul pelo ar — foi estudado aqui no Rio com a presença de Santos Dumont. O Pai da Aviação foi contrário, achando-o impossível.

Gago tem pavor do tráfego do Rio e almoça — sempre que está no Rio — no restaurante Bandeirantes, a preço fixo. Por um contrato verbal com os donos do Bandeirante, o almirante come o que quiser, a Cr\$ 15,00.

O raide do Jaú exaltou o patriotismo de tal maneira que terminou no apedrejamento do jornal "A Pátria", por causa de um placard. Até hoje ninguém foi capaz de dizer o que é que estava escrito no placard.

CÂMERA LENTA

Ainda outro dia um jornal publicou a fotografia do almirante ao lado do brigadeiro Newton Braga.

O brigadeiro pede que lhe devolvam os aparelhos utilizados no Jaú, que esqueceu depois de uma conferência na rua Sachet.

Newton não quis dizer onde foi a conferência, mas deve ter sido na Ação Integralista Brasileira, que era naquela rua. Aliás, ele foi integralista.

POR FALAR em raide, ainda me lembro do de Edu Chaves (Rio — Buenos Aires) e o de Anésia Pinheiro Machado pela América.

Houve um gaúcho chamado Daudt que tentou um voo a Porto Alegre. Parou em Santos, por causa de um acidente.

ESCREVENDO SOBRE a "pré-história" da aviação brasileira lembrei-me de um italiano chamado Dariolli, que levantava vôo de um hangar no Leblon e fazia acrobacias nos céus do Rio.

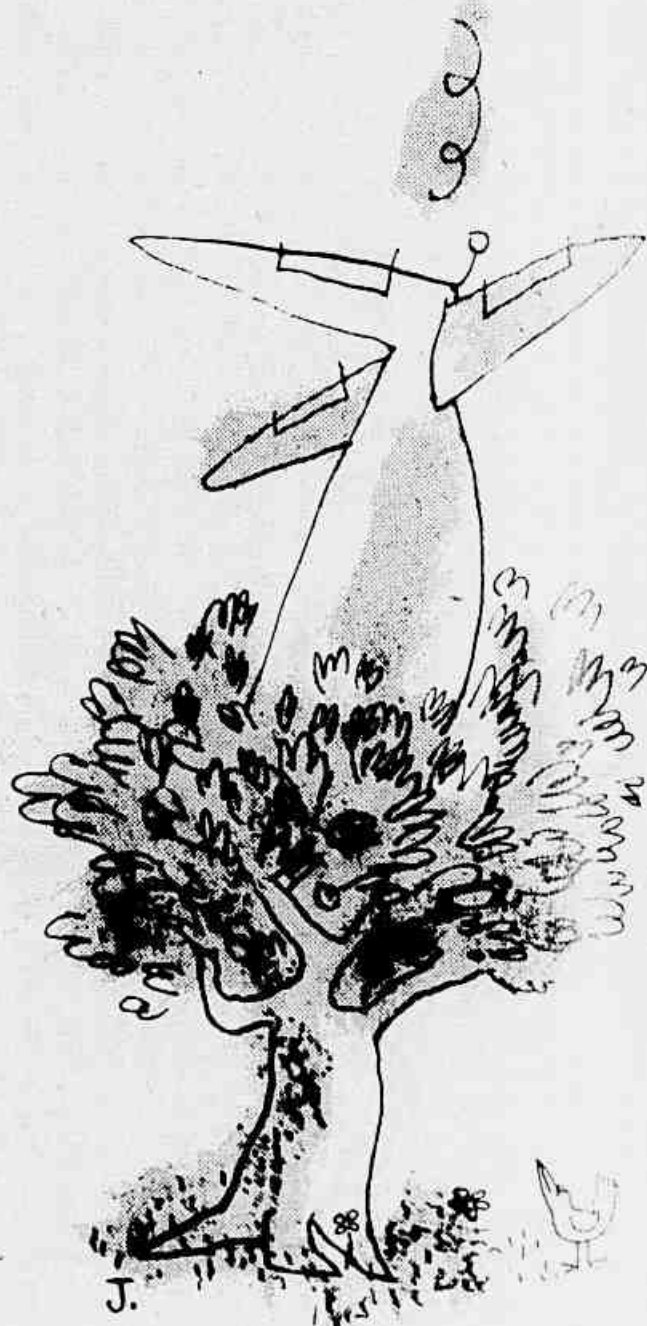
Era dele o primeiro avião com anúncio que os cariocas viram.

Voando em volta de um avião de passageiros Dariolli fez o outro piloto ficar nervoso e manobrar de surpresa. Muita gente viu, na praia de Botafogo, o choque. O italiano caiu num sapateiro ao lado do Colégio Juruena, quando o aviãozinho explodiu. O avião de passageiros caiu há poucos metros da praia e enterrou na lama, ficando com a cauda de fora. Morreram todos os passageiros.

JÁ NÃO LEMBRO nem do nome, mas houve um brasileiro que fez um vôo Nova Iorque — Rio. Acabou suicidando-se por dificuldades financeiras, esperando uma subvenção votada pelo Congresso.

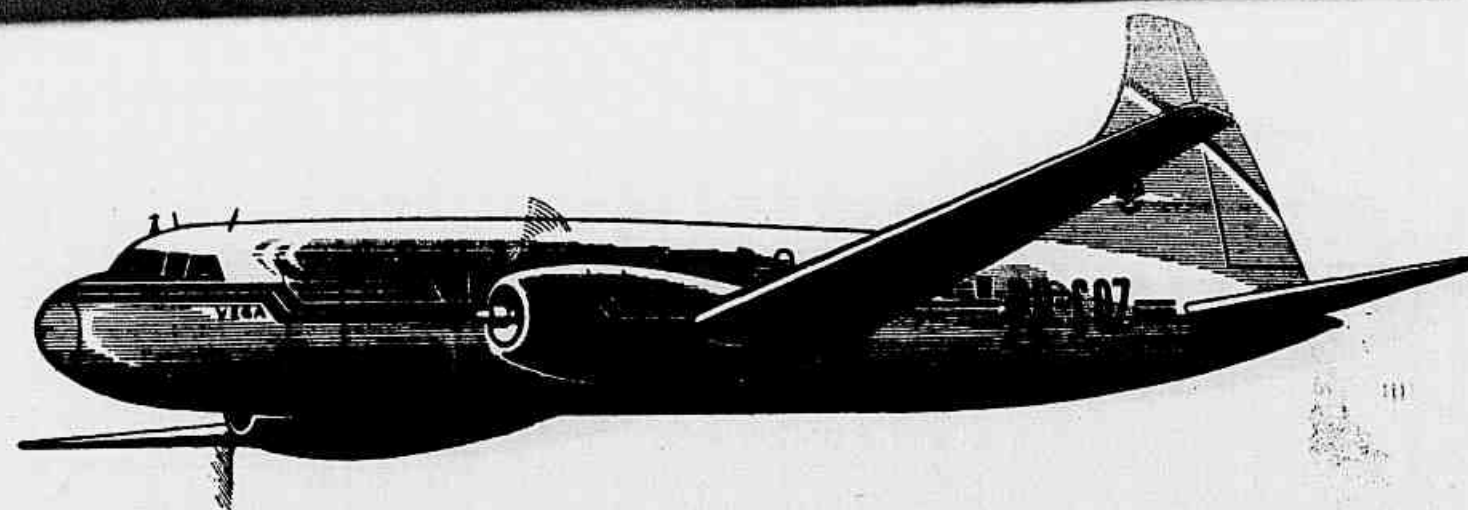
O LIVRO DO sr. Gondin da Fonseca sobre Santos Dumont só pôde ser publicado depois de várias demarches. Seu autor estava no index do Estado Novo, por causa de um artigo sobre Caxias na sua coluna do "Correio da Manhã".

QUEM MAIS DEFENDEU no estrangeiro a glória de Santos Dumont foi um francês: Alexandre Brigolle. Ele acabou vindo para o Brasil e foi diretor do Liceu Francês e professor do Pedro II.



com alguns cruzeiros por mês
faça o seu cruzeiro aéreo inesquecível
pela Cruzeiro do Sul

voando pelo



'CRUZEIRO a prazo'



O sistema ideal de crédito que facilita a sua viagem de férias ou negócios. Realize o seu grande desejo, voando para o norte ou para o sul, para leste ou para oeste, pagando suavemente, em prestações mensais pelo plano "CRUZEIRO A PRAZO".

Venha fazer conosco "um roteiro feliz de boas viagens", escolhendo os vôos e as

cidades de s/ preferência e os nossos aviões, modernos e confortáveis tornarão realidade inesquecível o seu sonho de ontem.

Faça a viagem mais feliz da sua vida, escolhendo o conforto, a rapidez, a cortezia e a pontualidade como seus companheiros de boa viagem. Prefira os



nossos aviões como cicerones perfeitos da sua excursão de férias ou turismo e de prazer nos seus negócios.

Utilize o "CRUZEIRO A PRAZO" o sistema de "crédito confortável e amigo" que o ajudará a viajar muito, pagando aos poucos.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Av. Rio Branco, 128 - Tel.: 42 6060 — Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tels.: 32-7000 e 42-6060 - R. 206

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 23

PARA VETERANOS

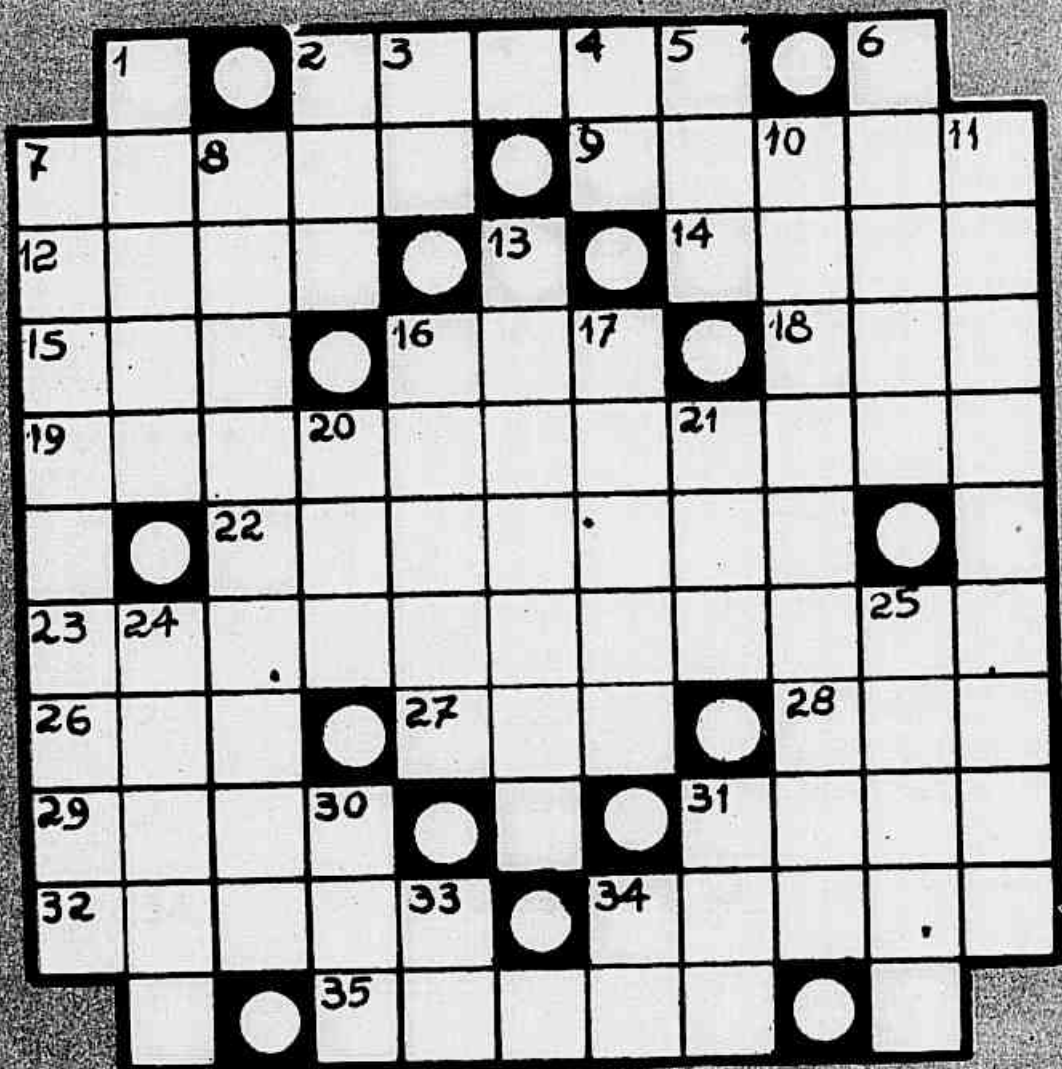
HORIZONTAIS: 01 — gabam — mi —
arper — mamar — posse — orago — ria
— ga — macalhe — concitara — fa-
coida — iri — fê — calar — apela —
asado — catar — só — arear — Sa.

VERTICAIS: capro — irol — gae —
Are — amo — mar — maga — iroso —
pauzofila — magarefas — maior — Ana
— COC — iti — Bad — ricas — amara —
raco — elas — Ada — for — aca — par.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Marte — loc — ir — cá —
marucha — la — ar — castigo — or —
A.C. — iro — orais.

VERTICAIS: al — rota — ta — rim —
— ois — ralar — carga — ras — cai —
cór — tara — oca — ir — ni.



PROBLEMA N.º 24 — PARA VETERANOS

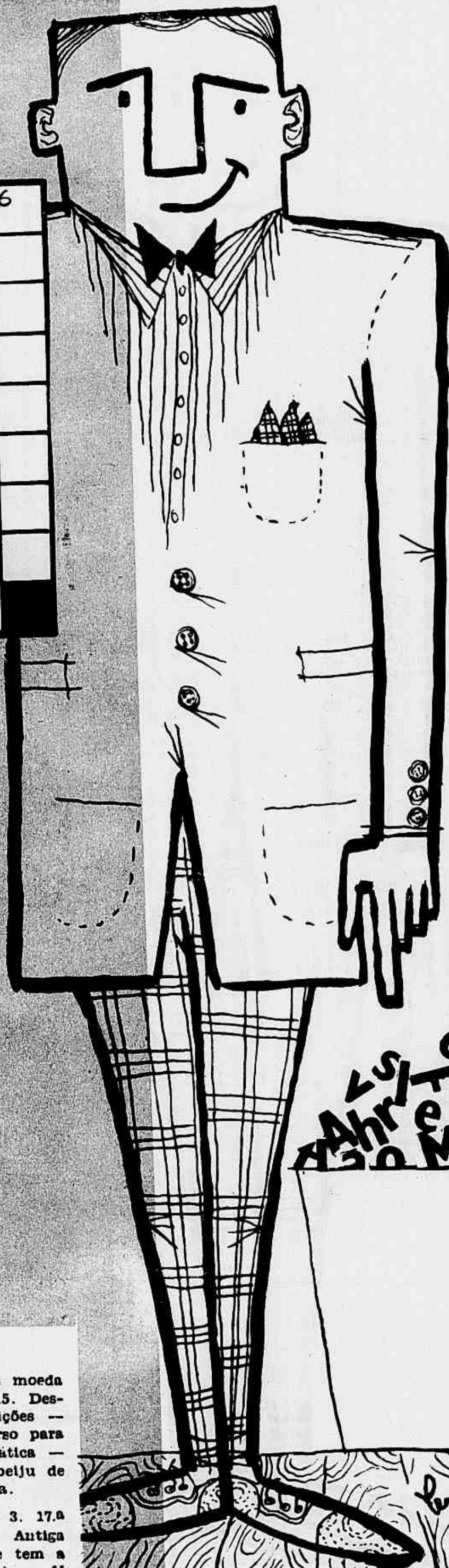
HORIZONTAIS: 2. Maluquice — 7. Circo — 9. Cór-de-rosa — 12. Pequena moeda sueca (pl.) — 14. Nome dado na índia a alguns personagens fabulosos — 15. Desfrutas — 16. Certamente — 18. Cidade da Turquia asiática — 19. Indiscrições — 22. Nome de uma ave amazônica — 23. Trancelim — 26. Composição em verso para ser cantada (ant.) — 27. Oeste-sudeste — 28. Lago salgado da Turquia asiática — 29. Poema satírico, em forma de paródia, entre os gregos — 31. Espécie de beiju de tapioca — 32. Ermida — 34. Divindades que presidiam a alegria — 35. Ousadia.

VERTICAIS: 1. Deitaria (nome) — 2. Cidade da França, na ilha de Ré — 3. 17.ª letra do alfabeto grego — 4. Símbolo do metal de peso atômico 114,8 — 5. Antiga medida de capacidade holandesa para vinho e óleo — 6. Podridão — 7. Que tem a casca muito grossa — 8. Abertura — 10. Que tem os cascos brancos (cavalo) — 11. Antigas botas de couro dito da Rússia — 13. Supressão de letras no princípio das palavras — 16. Indivíduo da tribo indígena das cabeceiras do rio Arinos — 17. Gênero de palmeira — 20. Cem metros quadrados — 21. Rede dos índios do Brasil — 24. Aplique — 25. Prestígio (pl.) — 30. Elemento grego que significa caminho — 31. Gênero de plantas umbelíferas — 33. Símbolo de um metal precioso — 34. Manga.

PROBLEMA N.º 24 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Espécie de clave usada pelos indígenas — 8. Imploram — 9. Segula — 11. Escarneceira — 12. Transpira — 14. Feminino plural da terminação "ão" — 15. Cachaça (pl.) — 16. Nome próprio feminino — 17. Rebordo de chapéu — 18. Sólido — 2. Brisa — 21. Rezara — 23. Impusera siza.

VERTICAIS: 2. Aparência — 3. Colorido — 4. Usurário — 5. Estado do Brasil — 6. Reduzira à massa — 7. Dioceses — 10. Abiurama — 13. Tolos — 19. Faz orações — 22. Aragem.



LESTICA
Ahre
58. M8f27

brandas
58.

COMO EVITAR A FADIGA E A NEUROSE

COMO EVITAR A FADIGA? Eis aqui sete regrinhas que, se forem bem aplicadas, permitirão que você trabalhe com bom-humor e nunca termine a jornada pedindo a Deus que o mundo se acabe para você ir no meio:



INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNISSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



"Mil" lhe oferece:



Ferramentas
OFICINAS
AMADORES
ESTOJOS SOCKETES
CATRACAS ESTRIAS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6194 RIO DE JANEIRO



"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"
PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brückmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, é o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

1 — Descanse antes de ficar cansado.

2 — Aprenda a repousar durante o trabalho.

3 — Se você é dona de casa, aprenda a descansar no lar: nunca "emende" uma atividade na outra, mas saiba racionalizar suas tarefas, repousando um pouco entre uma e outra, variando suas preocupações, ouvindo um minuto de rádio, sentando-se para tomar um refresco, etc.

4 — Quando você chegar ao seu escritório, faça isto: a) limpe sua mesa de todos os papéis, deixando somente aqueles com os quais você vai trabalhar; b) faça as coisas segundo a ordem de importância; c) resolva os problemas que surgem imediatamente, desde que você disponha dos dados para isso e, se não tiver os dados, peça-os logo; o acúmulo de problemas sem solução cansa a cabeça; d) organize seu trabalho, aprenda a delegar poderes a terceiros e a supervisionar o trabalho de seus delegados.

5 — Ponha entusiasmo em seu trabalho. Se você vive procurando quem inventou o trabalho para matar, então sempre estará cansado.

6 — Lembre-se de que ninguém nunca morreu por falta de sono. A preocupação com a insônia causa mais dano que a insônia.

7 — Não pense muito que suas preocupações e trabalhos podem lhe tornar neurótico.

COMO EVITAR QUE SEU FILHO FIQUE NEURÓTICO?

Eis aqui oito regrinhas que você deve adotar para evitar que seu filho fique neurótico:

1 — Atenda aos seus desejos fundamentais. Dê-lhes segurança emocional, corresponda aos seus afetos, compreenda suas falhas.

2 — Não permita excessivas mudanças de ambientes. A criança precisa ter a certeza de que o pai ou a mãe está sempre ao seu lado.

3 — Não exija demais da criança, para não sobrecarregá-la. Excesso de trabalho pode levar a criança a ficar neurótica.

4 — Dê à criança um lugar seu — um quarto, um armário, uma gaveta, onde ela possa guardar seus brinquedos e tudo o mais que é seu.

5 — Não permita que a criança durma com adultos.

6 — Leve-a a uma atitude compreensiva ante a neurose do pai ou da mãe, para que ela não odeie a um ou outro. O ódio é caminho para conflitos neuróticos.

7 — Domine-se, você que não é neurótico. A criança precisa ver as coisas alegres e sentir a alegria em torno de si. Seja alegre.

8 — Evite separações, sempre dolorosas para as crianças. O melhor é contornar as situações em benefício dos filhos. É superar a si mesmo na conquista de uma situação familiar, em benefício dos filhos.

Finalmente, uma regra extra, e muito importante: saiba dar o devido valor a certas receitas de falsos psicólogos e especialistas em "relações humanas", não se deixando impressionar pela linguagem empolada e pretensamente científica que eles usam. Saiba separar o que é realmente científico do que é charlatanice. Senão você é quem acaba ficando neurótico.

O URSO

(Continuação)

urso era um animal mortal. E que — pensou — se eles tinham partido todos os anos no mês de novembro para a caçada sem esperanças de voltar com o troféu, não era porque este não pudesse ser abatido, mas porque até aqui eles não tiveram ainda verdadeiras esperanças de caçá-lo.

— Amanhã — disse ele.

— Tentaremos amanhã — emendou Sam. — Mas ainda não temos cão.

— Temos onze. Contamos esta manhã.

— Só é preciso um. Mas não está aqui. Talvez não esteja em parte alguma. A única outra maneira é ele dar de cara, por acidente, com alguém que esteja armado.

— Não seria comigo. Seria o Válder, ou o major, ou...

— Podia ser — disse o índio. — Amanhã tenha muito cuidado. Porque ele é matreiro. É por isso que ainda não morreu. Se se vir cercado e tiver de escolher alguém a quem atacar, escolherá você.

— Por quê? — perguntou o rapaz. — Como saberá ele... Queres tu dizer que já me conhece, que já sabe que é a primeira vez que venho, que ainda não tive tempo de... — parou novamente, olhou para Sam — o velho cuja face nada revelava, senão quando sorria. Disse humildemente, sem espanto algum:

— Foi a mim que ele veio observar. Não foi preciso vir aqui mais de uma vez.

Na madrugada seguinte saíram do acampamento três horas antes do dia amanhecer. Desta vez foram montados, porque era longe demais para ir a pé. Os próprios cães foram na carripa. De novo o alvorecer pardacento o surpreendeu num lugar que nunca vira antes, onde Sam o colocou, pediu para ele ficar e o abandonou depois. Com a espingarda, que era grande demais para ele porque não era dele e sim do major e que apenas disparara uma vez — num cepo, no primeiro dia, para conhecer o coice e aprender a carregá-la — encostou-se a uma árvore de borracha, ao lado de um riacho cuja negra água tranqüila escorria sem ruído entre um canavial, atravessava uma aberta e se metia outra vez entre as canas onde, invisível, um pássaro — o enorme pica-pau que os negros chamam Senhor-Prá-Deus — matraqueava num tronco morto.

Era um pôsto como qualquer outro, apenas incidentalmente diferente do que ocupara todas as manhãs durante dez dias. Um território novo para ele, e no entanto não mais estranho do que esse outro que, ao fim de duas semanas começara a acreditar que conhecia ligeiramente — o mesmo isolamento, a mesma solidão que seres humanos apenas atravessaram sem alterar, sem deixar marcas, sem deixar cicatrizes, que se mantinham exatamente como a devia ter encontrado o primeiro dos antepassados índios de Sam ao subir a ela e olhar em

volta, de cacete ou machado de pedra ou zagaia de osso em riste; diferente apenas porque acorrido ao pé da cozinha, sentira o cheiro dos cães encolhidos e acovardados diante dela. E porque vira em tiras o ombro e a orelha do que fôra obrigado a ter coragem para merecer (segundo Sam) o nome de cão. E porque na véspera vira na terra úmida, ao lado do tronco riscado, a marca da pata do animal vivo.

Não ouviu os cães. Não chegou a ouvir o latido deles. Ouviu apenas o matraquear do pica-pau parar de repente, e soube que o urso estava olhando para ele. Não viu. Não soube se ele estava à sua frente ou nas costas. Mas não se mexeu. Nas mãos a inútil espingarda, que nem sequer armara e que agora não valia a pena armar, sentindo na saliva aquela travo metálico que conhecia agora porque sentira o cheiro do urso quando espreitara os cães encolhidos debaixo da cozinha.

FIFI E A TRUFA...

(Continuação)

de dezesseis ambulâncias, cada uma conduzindo um diplomata soviético, de sirena aberta pelo Quai d'Orsay, foi rapidamente substituída pelo quadro mental de dezesseis cadáveres distintos em dezesseis carros fúnebres a descer interminavelmente os Champs Elysées no que, sem dúvida nenhuma, ficaria como o mais concorrido funeral da história. Cada comunista na Europa lá estaria a marchar em procissão; haveria uma greve geral e aí...

No salão de festas outro camarada comissário se levantara para um novo brinde. — Pela Revolução Francesa! — dizia ele.

Isso, respondeu o ministro, é exatamente o que teremos. — Com dezesseis convivas da República, mortos a sangue frio num jantar oficial, uma revolução serviria apenas para um começo: o resultado final seria a guerra!

A sobremesa já ia ser servida quando um médico de confiança, comprometendo-se a guardar segredo sob o mais sagrado dos juramentos, foi contrabandeado no Ministério e começou a trabalhar com Henri na cozinha. Segundo parece, existem apenas dois antídotos contra o envenenamento pela trufa, mas nenhum dos dois bastante insípido, para poder ser introduzido na "Bomba-Surprise". Evidentemente os antídotos teriam de ser administrados sem dar na vista e, se a paz do mundo devia ser preservada, isso só poderia ser feito com o café.

— Café turco — insistiu o primeiro subsecretário — Café Diable, acompanhado de uma pesada dose de álcool. Henri tem de tratar disso.

O cozinheiro, ciente das suas responsabilidades pessoais como bom comunista, trabalhou com afinco.

— Experimente um môlho picante de

omentação — sugeriu o ministro — ou uma pitada de caril.

— Excelência — retrucou Henri, cuspidando longe uma colherada de mistura — num certo período da Ocupação fui implicado na fabricação de um patê de gatinhos recém-nascidos. A gente conta com recursos, mas nós esgotamos tudo o que havia: o gosto do remédio persiste. Mande buscar bombas de estômago e um padre... Conheço as minhas limitações!

E o pobre homem desatou em lágrimas de desespero.

Nesse instante negro apareceu o terceiro subsecretário. Nada sabia do presente contratempo diplomático, pois seu cargo não era tão alto que lhe desse entrada na sala de banquetes.

— Estive falando com madame pelo telefone — disse ele. — Ficou transtornada com as notícias a respeito de Fifi...

O ministro interrompeu-o com um gesto de impaciência:

— Nós todos estamos transtornados. Na verdade tal perda nos atingiu duramente.

— Madame manda lhe pedir que desça o assistente de jardineiro.

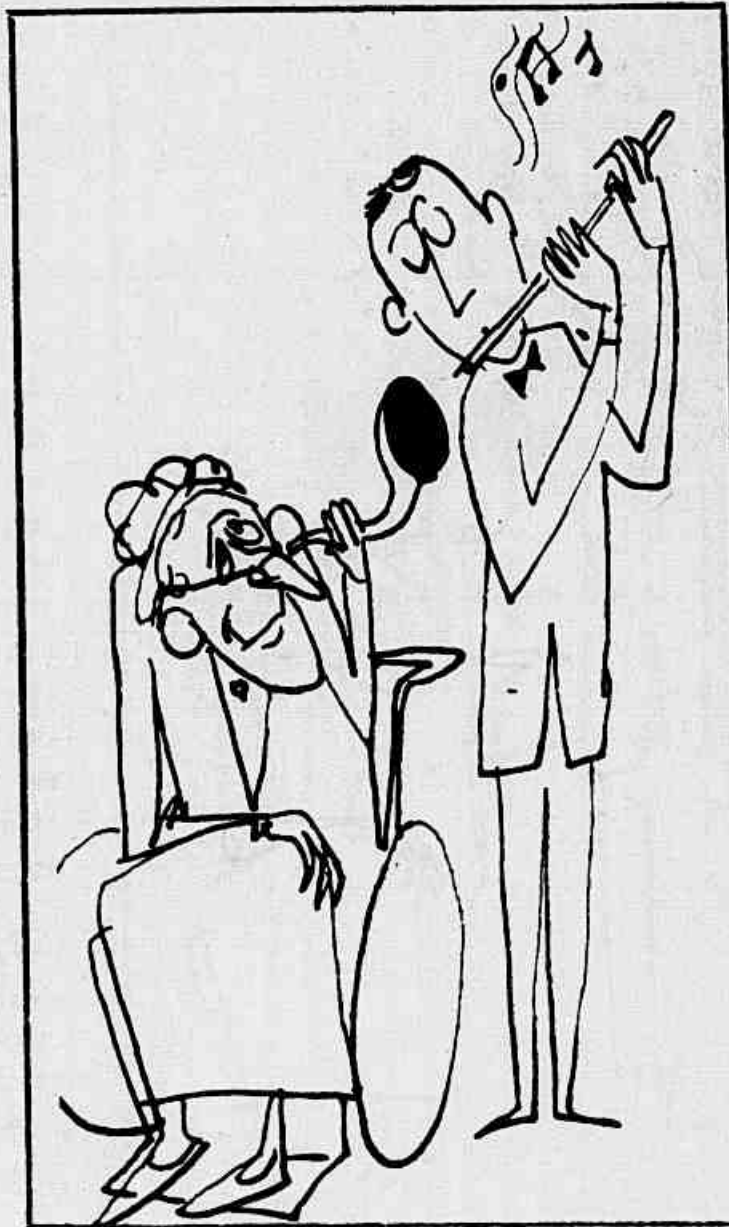
— O momento não é próprio para discutirmos trivialidades domésticas. Santo Deus, homem, não vê que estamos à beira...

— Mas o jardineiro deixou o portão aberto e o senhor sabe que Fifi sempre gostou de correr atrás dos automóveis...

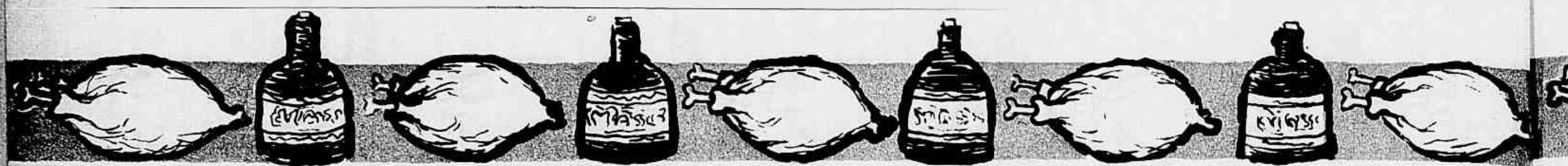
O ministro pegou o terceiro subsecretário pela lapela do casaco, lapela que dentro em pouco seria enfeitada com a roseta da Legião de Honra.

— Quer dizer? — murmurou o ministro.

— Sim, o pobre animalzinho desta vez não teve sorte. Um enorme caminhão de entrega. A morte foi instantânea. Coisa muito triste.

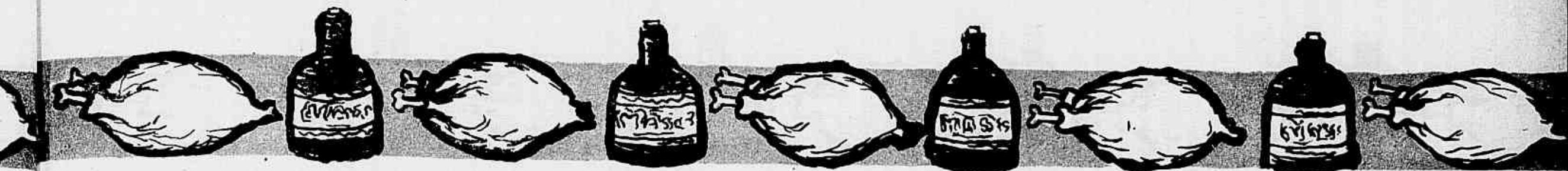


OLATI



LUÍS,
DIÁRIO DE UM GASTRÔNOMO





COLOCANDO PEDRAS de gelo dentro de um copo de **Château Laffitte**, Jean Narcejac foi desafiado para um duelo no **Café Le Duc**, pelo **maitre Ronsard**.

Ronsard, que atingiu Narcejac (sem gravidade) com um tiro de pistola, foi absolvido, depois de declarar às autoridades judiciárias que agira "em legítima defesa, defendendo uma das poucas coisas boas e sérias que ainda resta ao Homem — o direito de beber bem".

O duelo foi a 22 de dezembro de 1946 e o julgamento a 25 de fevereiro de 47, sendo considerado "o julgamento da gastronomia".

Agora, exatamente onze anos depois do julgamento, Jean Pierre Aubri de Narcejac foi recepcionado no Clube dos Cordons Bleu, onde recebeu o título de "membro de 1.ª classe" e a respectiva fita azul.

Quem o recepcionou foi o sr. **Edgard Liege Ronsard**, o **Ronsard do Le Duc** (que já acabou). Ele disse em seu discurso:

"Sou hoje um homem feliz por ter decidido, num dia 22 de dezembro, atingir apenas de leve ao cavalheiro Narcejac. Se eu o houvesse morto a Humanidade perderia um futuro grande homem e um futuro grande coquetel".

Narcejac publicou, esta semana, seu "Diário de Um Homem Feliz", onde conta (Prefácio, p. III):

"Impressionado com a defesa que M. Jacques Frutelle fez do "direito de beber bem e comer com dignidade", resolvi — ainda no Tribunal — dedicar-me à gastronomia e à arte de beber com decência".

E mais (p. V):

"Meus estudos, minhas observações, meus sucessos, minhas derrotas, tudo que vivi nesses onze anos (os melhores de minha vida) conto a você, meu caro Luis, para que sejas tão feliz quanto eu, conhecendo os segredos de bem viver".

Luis é como ele chama o seu diário.

"Fev. 16 — à noite.

Luis.

Você sabia que mexer, bater e sacolejar uma bebida são coisas diferentes? Pois são. E se você bate o que deve ser mexido ou mexe o que deve ser sacudido, compromete — irremediavelmente — o sucesso da pequena obra de arte que deve ser um coquetel. E assim por diante.

Assim que saí do Tribunal pedi ao senhor Frutelle (depois de lhe dar meus cumprimentos) algumas indicações sobre a maneira de me iniciar no assunto. Ele pensou que eu estivesse brincando.

Finalmente, acabou por me levar à sua casa, onde fui apresentado — formalmente — a M. Ronsard.

Este senhor me presenteou com um pequeno almanaque, qualquer coisa no gênero americano de "Aprenda a beber sem mestre em dez lições". Não era grande coisa, mas, como disse M. Ronsard, os analfabetos não devem começar tentando ler Albert Camus.

O almanaque me ensinou os primeiros passos:

Primeiro: deixar de beber durante seis meses, para recuperar o paladar;

segundo: beber as bebidas certas, às horas certas;

terceiro: **beber e não engolir as bebidas.**

Durante seis meses passei tomando coquetel de tomate, sem álcool, o primeiro que aprendi a preparar:

250 gramas de tomate bem vermelhos. Mergulhe-os, rapidamente, em água fervendo para pelar a casca. Retirar os caroços e peneirar. Juntar uma colher de sopa de ketchup, uma colher de chá de molho inglês e uma xícara de caldo de laranja que não seja azêda. Gêlo. Mexer um pouco. Sirva em copinhos que estejam com a borda molhada em caldo de limão e passada em açúcar.

Hoje eu lhe aconselharia mais dois: o de frutas e o de creme.

O de creme:

Uma porção de creme, uma de caldo de laranja, uma de caldo de abacaxi e meia de xarope de groselha. Gêlo. Sacolejar bem.

O de frutas:

Uma porção de caldo de laranja, meia de suco de maçã, meia de caldo de uvas e meia de xarope de framboesa. Gêlo. Sacoleje.

Talvez, Luis, você seja como eu, que nunca preparou um coquetel por preguiça e por não entender muito bem as medidas e expressões das receitas.

Você não sabe, como eu não sabia, que fazer um coquetel pode dar um prazer tão grande quanto bebê-lo. E o mistério pode ser desfeito com relativa facilidade.

A medida é tudo aquilo que você quiser chamar de medida: um copinho, um cálice, a tampa da coqueteleira ou um dedal de prata. O que importa é que as proporções determinadas pela receita sejam cumpridas e que uma medida ou uma porção signifiquem a mesma coisa.

Salpicos são os pingos que caem quando se toma uma garrafa com um furo na rôlha e sacoleja-se uma só vez para deixar pingar. Dois salpicos serão duas sacodidas na garrafa. O número de gôtas a cair deve regular seis.

Quando a receita fala em gôtas, sem determinar número, ponha seis.

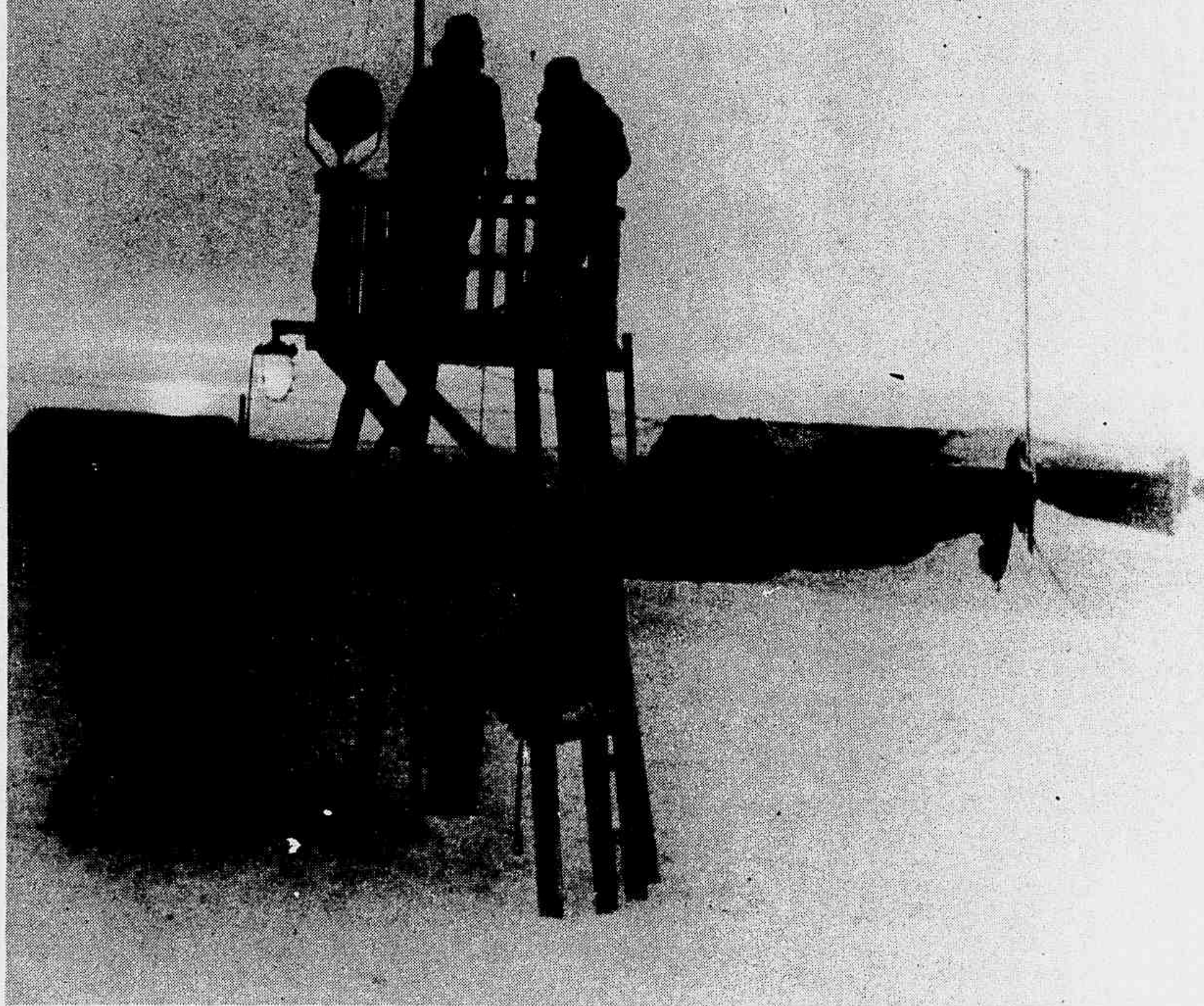
Em geral as receitas são calculadas para uma pessoa e você não deve preparar mais que dois coquetéis para cada um. O coquetel que demora na coqueteleira corre o risco de "queimar", como, por exemplo, um caldo de cana. Quando acabar a rodada, faça mais.

Evite, Luis, fazer coquetéis em grandes quantidades, de uma vez só. Se você for obrigado a servir mais de 12 pessoas, faça duas coqueteleiras, separadamente.

Não sirva os copinhos muito cheios.

Boa-noite

Jean".



Todo mês aviões chegam ao Pólo para levar suprimentos para a missão russa.

PÓLO NORTE - 6

As noites no

Pólo

Um cientista
enfrentar o

deix
frio



Pólo duram mais que cem dias e a escuridão dificulta muito o trabalho.



deixa sua cabana quente para
frio no trabalho.



Estação de força elétrica chegando para a missão
científica.

UMA MISSÃO científica russa está no Pólo Norte para investigar a teoria científica que prevê o desequilíbrio da Terra dentro de poucos anos (uns 10 milhões), pelo excesso de peso que o gelo está trazendo a uma das pontas do eixo da Terra.

A missão russa quer saber se será preciso degelar um pouco o Pólo Norte para evitar que ele passe a ser o Equador.

Ela foi denominada "Pólo Norte — 6", número da base onde os cientistas russos estão estudando as condições do Pólo Norte e procuram encontrar as relações de estrutura da Terra junto à neve e o gelo.

Suprimentos para o "Pólo Norte — 6" chegam de avião, assim como todos os materiais que permitem aos cientistas construir suas cabanas e forrá-las devidamente para defenderem-se do frio.



GENTE



O HOMEM QUE INVENTOU FERDINANDO

UM POUCO MAIS ALTO do que o tipo médio brasileiro, 48 anos, forte, simpático, inteligente, riso alegre e natural, usando perna mecânica por causa de um desastre de bonde, Alfred Gerald Caplin (ou Al Capp) fugiu dos Estados Unidos quando resolveu casar Ferdinando e Violeta porque estava com medo da reação do povo norte-americano.

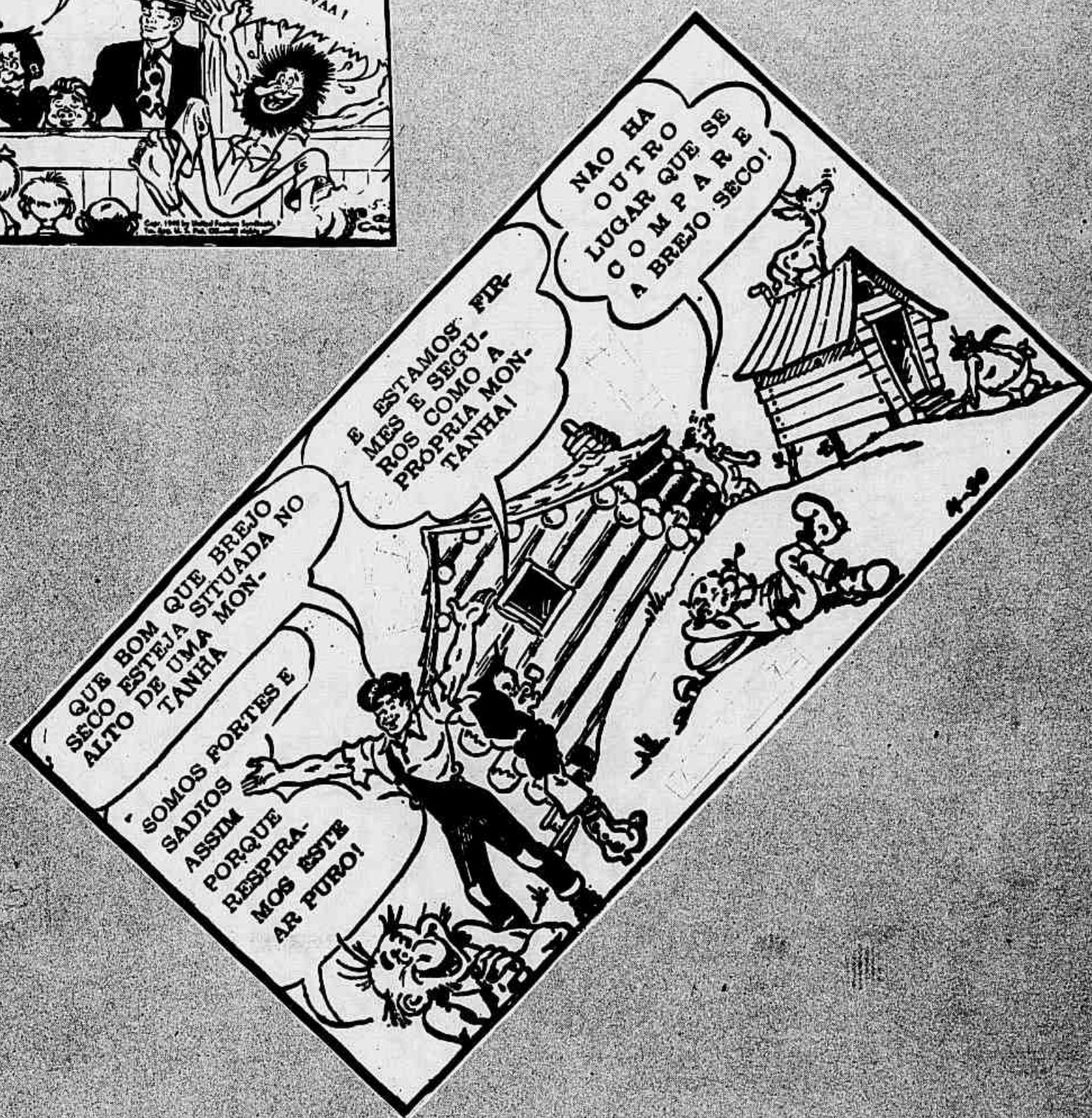
AL CAPP É UM DOS MAIS famosos criadores de histórias em quadrinhos dos Estados Unidos, seus personagens são universais mas alguns deles se identificam com pessoas e até com personalidades americanas (La Guardia, prefeito de Nova Iorque, é o Samuel Casamenteiro) e diz que tem uma filosofia: se um seu personagem não se torna logo independente ele o mata.

124 BRATTLE STREET, Cambridge, Massachussets, USA, uma sala confortável, com rádio, televisão, vários telefones de uso interno, um sofá e várias poltronas, na parede um boneco de lã, que é o bicho-careca: aí vive e trabalha Al

Capp e nessa sala ele conversou com a correspondente da REVISTA DA SEMANA em Massachussets.

AL CAPP NÃO SABE se é popular no Brasil, mas tem idéia de ser lido aqui. Nunca esperou que Ferdinando se tornasse figura conhecida no mundo inteiro e quando começou a escrever histórias em quadrinhos, há 23 anos, não esperou boa reação, principalmente dos sulistas, mas eles, para sua surpresa, começaram a adorar as histórias de Dogpatch (Brejo Sêco).

ATUALMENTE AL CAPP está surpreso com a popularidade de que gozam os seus personagens na Europa, principalmente na Escandinávia, onde o povo não gosta muito de rir. Acha que cada país tem o seu Ferdinando ou melhor, Ferdinando passa a representar uma figura nacional em cada país onde aparece. Disse que apenas os ingleses, por motivo que considera muito natural, não apreciam nem aceitam a agressivi-



Quando, depois de 18 anos, Al Capp casou Ferdinando e Violeta, o "Life" colocou a "foto" do casamento na capa.

BUSCAPÉ

dade de violeta a Ferdinando, ela sempre insistindo para casar com êle. E acabaram casando, após dezoito anos de luta.

COMO COMEÇOU? Al Capp começou a escrever histórias em quadrinhos porque sentiu que seria fácil escrever e desenhar ao mesmo tempo, mas atualmente já se dedica a outro tipo de literatura.

Acha que escrevendo e desenhando de uma vez só pode ganhar dinheiro mais facilmente. Ferdinando foi criado quando os Estados Unidos sofriam séria depressão econômica. Dizem que o negócio foi muito bom para os americanos e para o govêrno, pois o povo, que estava em má situação financeira, começou a rir um pouco.

OS PRIMEIROS PERSONAGENS: Ferdinando e Violeta e o que Al Capp considera o "back-ground": Brejo Sêco. Diz que eles não mudaram até hoje e que Ferdinando continua tão simplório como antes. Para idealizar Violeta, Al Capp pensou num tipo **mignon**, mas descobriu depois que o seu



Quando Ferdinando e Violeta se casaram Al Capp fugiu

tipo preferido de beleza é mulher alta e loura. Mas não é por isso que Violeta é loura.

AL CAPP ACHA QUE MAMA IOKUM ou Chulipa Buscapé (figura dominante nas suas historietas) pode representar tôdas as mães e avós norte-americanas que são as mais sábias e as que decidem realmente na família. Embora saiba que o americano começa a ficar independente aos 16 anos de idade, Al Capp ainda considera que a mulher é a figura dominante na literatura americana, a verdadeira soberana da família.

VAI DAÍ, PAPA IOKUM ou Lúçifer Buscapé representa o comodismo do indivíduo idoso que já reconheceu há muito tempo a inutilidade de discutir e aceita simplesmente as situações. Já Ferdinando ainda luta desesperadamente para libertar-se, embora inconscientemente aceite a influência da mulher, aceitando sem hesitação as decisões de sua mãezinha, Chulipa.

O DIA DE MARIA CEBOLA COMEÇOU ASSIM: Al Capp acha que a mulher toma conhecimento da importância do homem logo aos 15 anos de idade e aí então todos os seus movimentos se orientam no sentido de arranjar um namorado, um noivo, um marido, um amante. Mas quer continuar sendo lady. O homem reluta sempre, embora também dê importância à mulher. Mas sempre foge ao casamento. Por isso Al Capp fez de Violeta (Daisy) uma mulher agressiva, sempre insistindo para que Ferdinando case com ela. Ferdinando agüentou 18 anos.

AS VEZES AS CARICATURAS de Al Capp são levadas à extremos e foi aí que surgiu a idéia de Maria Cebola, cujo dia é hoje comemorado festivamente nas Universidades americanas. Diz Al Capp que o dia de Maria Cebola é um fenómeno autêntico, a moça atrás do rapaz, querendo casar com ele que foge, reluta, se esconde, e nas brincadeiras das universidades se a moça consegue apanhar o rapaz ele está frito: casa mesmo.

POR QUE FERDINANDO E VIOLETA se casaram: Al Capp diz que o casamento não foi imposto pelo código de moral norte-americano, que já não estava olhando com bons olhos para aquela eterna brincadeira de amor entre um rapaz e uma moça que se divertiam. Não foi qualquer liga de moral que fez o casamento dos dois personagens. Al Capp diz que em 18 anos nem pensou em casar Ferdinando com Violeta, e recebeu milhares de cartas reclamando o casamento, uns acusando-o de enaltecer o celibato, coisa que americana não gosta.

UM DIA AL CAPP PENSOU: vou casar Ferdinando e Violeta, eles já estão na idade de construir um lar. E fez o casamento. Logo partiu para a Europa para esperar lá a reação do público americano que para ele não seria favorável. Foi o que aconteceu: muitos protestos americanos e os jornais europeus não quiseram acreditar no casamento, pensando que aquilo fôsse um novo truque do caricaturista americano.

DEPOIS VIOLETA FICOU GRÁVIDA 16 meses e o público americano protestou indignado em cartas e telefonemas contra o fato considerado antinatural porque afinal Violeta era mulher e nessa qualidade não poderia ficar 16 meses grávida, sob pena de ser acusada de fenómeno. Al Capp não respondia às cartas: ria muito com os protestos e as observações do público americano. E o menino nasceu, mas até hoje não sabe falar.

AL CAPP RECEBE CARTAS de gente de tôdas as idades, mas o maior número vem de adultos. Ele acha que são os

adultos que lêem suas histórias e não as crianças e esclarece que suas histórias não são escritas especificamente para crianças e sim para adultos.

BREJO SÊCO NÃO é para Al Capp caricatura de algum lugar da terra ou de outro planeta. Quando a repórter lhe disse que Brejo Sêco ficava no Tennessee ou em alguma cidade perto de Nova Iorque ele protestou surpreso, dizendo que Brejo Sêco pode ser em qualquer lugar do mundo porque é cidade puramente imaginativa e não tem relação com qualquer lugar que ele conheça.

AL CAPP ACHA que os repórteres são muito curiosos porque a opinião de cada um é diferente sobre o mesmo indivíduo depois da entrevista. E lembrou: uma entrevista na Alemanha, com 20 jornalistas, quando ficou muito espantado ao saber que cada um deles o viu de uma maneira diferente. Surpreende-se quando inventam coisas a seu respeito, com as teorias que inventam para ele, o significado que dão às suas historietas e a seus personagens.

Não sabe por que ainda não veio à América do Sul sendo tão viajado, e perguntou à repórter quantos dias leva um navio para o Brasil. Disse que não viaja de avião há quatro anos, pois ficou com medo uma certa vez. Nunca sofreu desastre e não sabe a razão do medo. Nos Estados Unidos conhece poucos brasileiros, apenas uma família que mora em Nova Iorque. Perguntou o nome do presidente do Brasil, o motivo por que falamos português em vez de espanhol ou inglês e em quem a repórter votara.

AL CAPP NÃO TOMA CONHECIMENTO das adaptações que no estrangeiro fazem de suas historietas, principalmente de Ferdinando. Não sabe se as suas histórias chegam com rapidez aos outros países porque isso não é problema seu. Quem cuida da distribuição de Ferdinando e outros é a **United Feature**. Al Capp não tem muitos colaboradores: apenas alguns desenhistas o auxiliam porque há muitos Ferdinandos a fazer. Al fica nos seus dois estúdios até 2 ou 3 horas da manhã. Seus desenhistas desenharam alguns personagens, mas há um em quem ninguém mete a mão. Trata-se de Ferdinando, historieta especificamente de Al Capp.

AL CAPP É CASADO, tem três filhos e uma filha estudando num colégio de Wellesley, perto de Boston, mora em Cambridge, mas tem uma casa de campo em New Hampshire. Conta que teve uma infância pobre e, ao contrário de muitos ricos, não se orgulha de ter sido pobre. Diz que a maior miséria é economizar no inverno e isso ele já fez um dia, dormindo num **subway** por cinco centavos de dólar. Frequentou vários cursos de arte e hoje muitas escolas se orgulham disso. Diz que essas escolas têm toda razão em se orgulhar.

E MAIS: gosta de viajar, de guiar automóveis, adora ir de Boston à Nova Iorque de madrugada, muda sempre de "ambiente familiar" e sobre sua mania de viajar conta: um dia foi de automóvel para Viena, onde deveria fazer uma conferência. Não acertou o caminho, continuou dirigindo, foi parar em Salzburgo, ficou lá duas semanas sem dizer a ninguém, mas um dia o descobriram e lá se foi "a minha libertação". Gosta imensamente de ser irresponsável, mas não pode porque tem de fazer Ferdinando.

FINAL: Al Capp disse à correspondente da **REVISTA DA SEMANA** que se considera bom repórter porque fez muitas perguntas interessantes à ela e que dariam boa reportagem. E mais: quando a jornalista foi fotografá-lo ele tomou a máquina e fez ele mesmo as fotografias. Mas não quis fotografar o desenho do **bicho careca** que estava na parede, dizendo que só um grande fotógrafo pode fazer isso. Ele não.

Rafael Corrêa de Oliveira



14 anos depois o general Falconeri recebia, na Itália, a rendição de um general alemão. A seu lado o correspondente de guerra Rubem Braga.

O DRAMA DE JOÃO ALBERTO

NOS ÚLTIMOS DIAS de março de 1931, o coronel João Alberto, interventor federal no Estado de S. Paulo, recebeu a seguinte carta escrita em papel timbrado da Secretaria da Segurança Pública:

"Meu caro João:

O Falconiere esteve hoje aqui na Secretaria a fim de receber quinze contos destinados a despesas de transporte dos oficiais do Exército que vão ocupar as Delegacias Regionais da Polícia no interior do Estado. Por essa providência vejo que V. insiste em fazer tais nomeações, que reputo um erro grave neste momento de agitação contra o seu governo. E como não posso nem devo, por uma questão de consciência e lealdade, colaborar num erro, venho pedir-lhe demissão da Secretaria Geral da Polícia. Não preciso dizer-lhe que é irrevogável a minha deliberação.

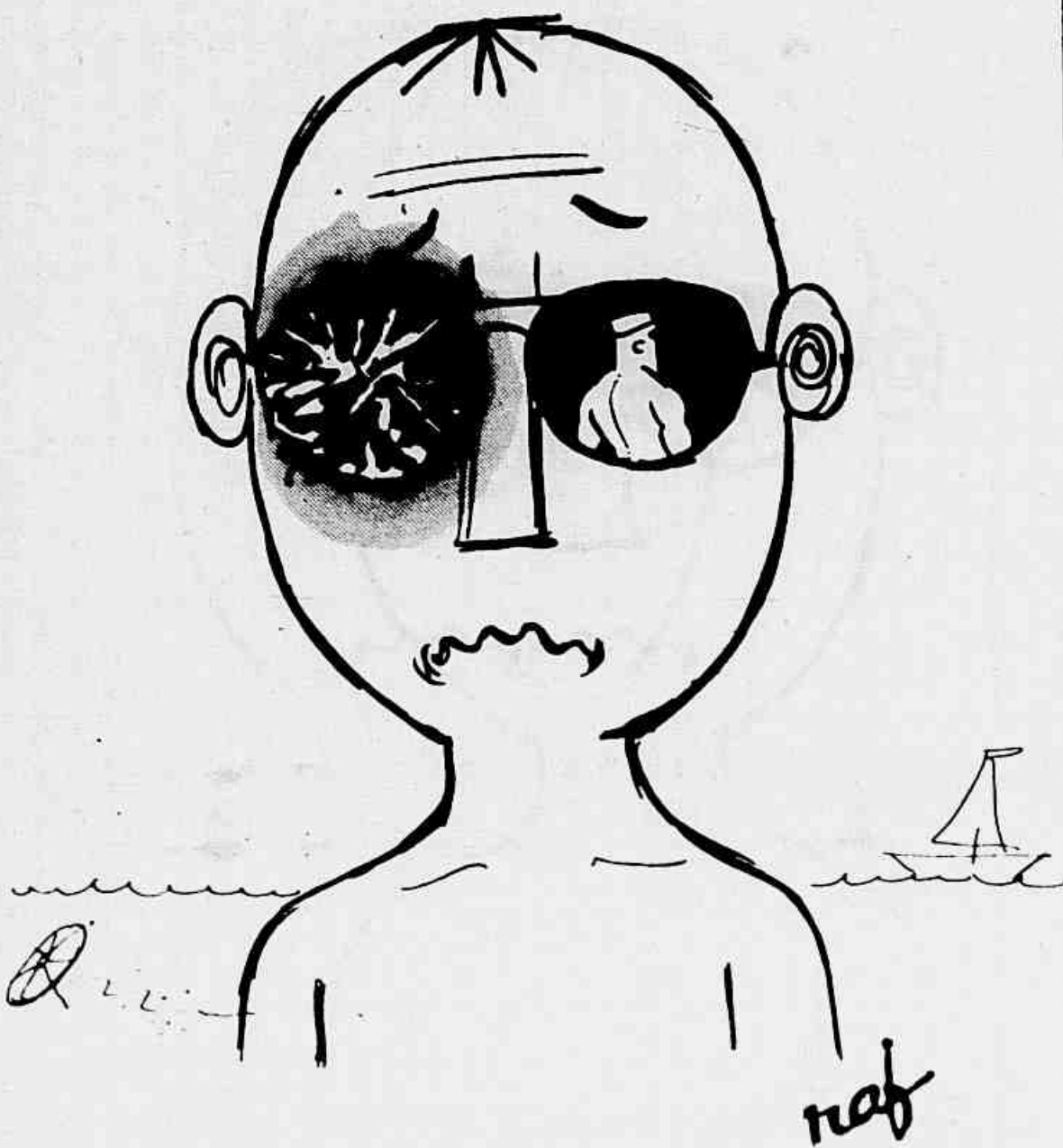
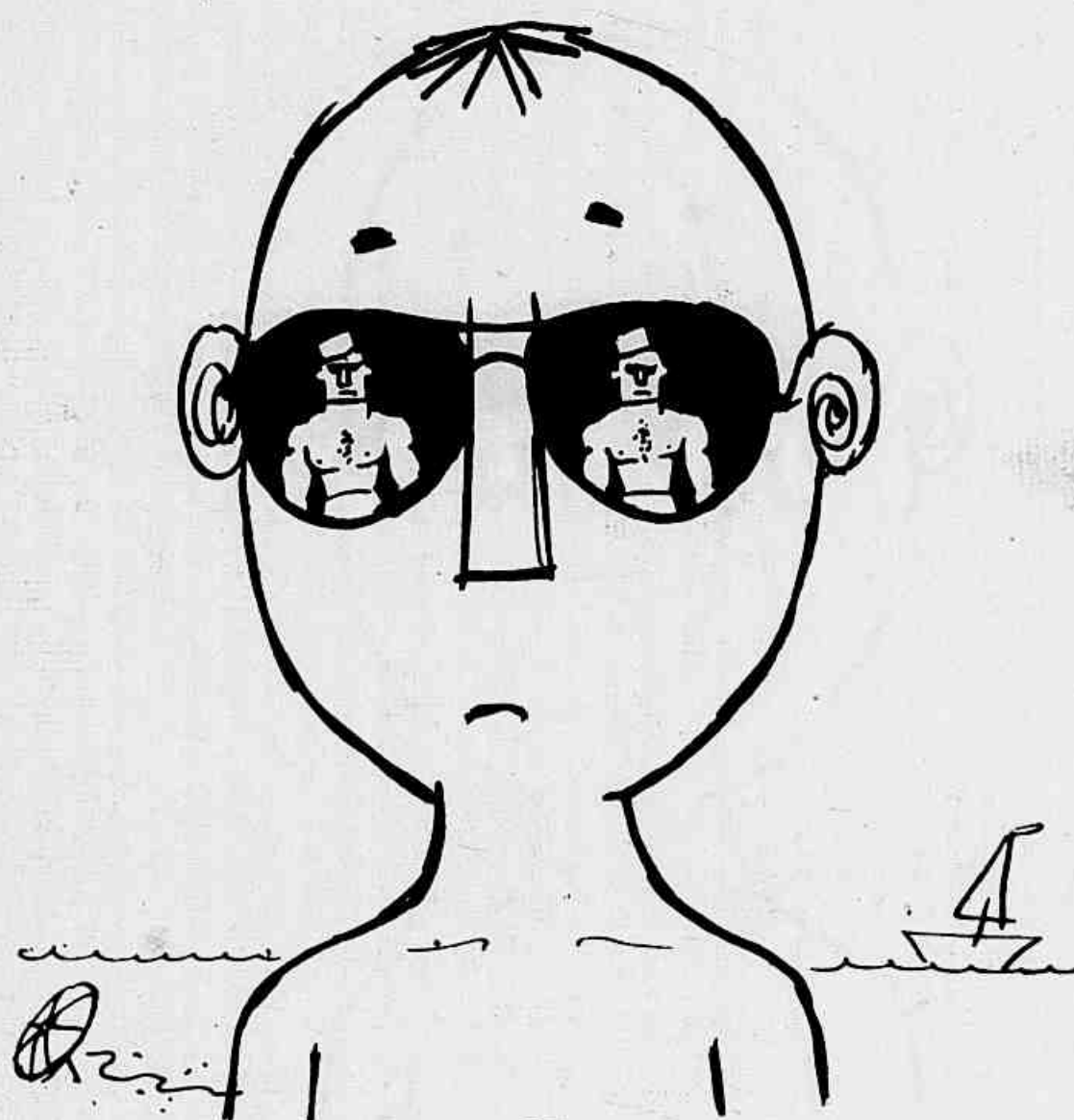
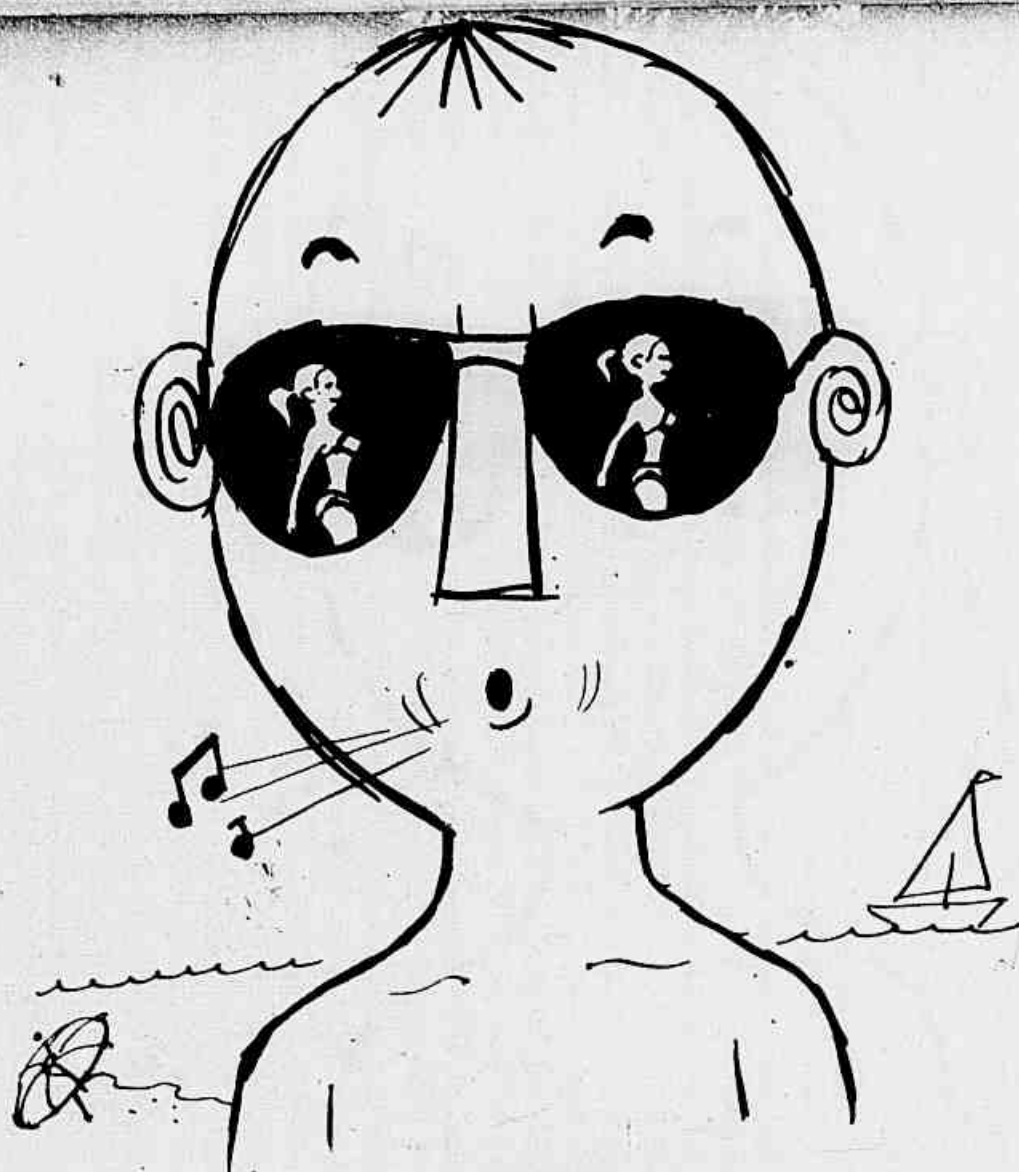
Quero, todavia, como seu amigo e companheiro de revolução fazer-lhe algumas considerações que me parecem oportunas. A sua presença no governo de S. Paulo provocou reações fortes nos meios civis. Os elementos políticos que haviam conspirado conosco e animado a revolução não se conformam com a situação atual, pois se consideram preteridos. Na Região Militar as dificuldades são grandes porque o general Isidoro está francamente ao lado dos políticos paulistas. O apoio do "perrepismo" não servirá de muito ao seu governo. Resta-lhe, portanto, como base de força

e ação popular, o general Miguel Costa. No dia em que este se enfraquecer, v. estará liquidado. Ora, a nomeação de militares do Exército para Delegacias Regionais anulará inevitavelmente a influência do general Miguel na Secretaria da Segurança, porque v. sabe muito bem que esses novos funcionários, por espírito de casta, não aceitarão como superior hierárquico um "oficial de polícia". Mas o desprestígio do secretário da Segurança, no setor administrativo, se refletirá desastrosamente na Força Pública, onde já se conspira também.

Por outro lado a inflação de oficiais do Exército na polícia civil, pelo interior do Estado, servirá admiravelmente à propaganda generalizada de que o seu governo é, de fato, "uma ocupação militar de S. Paulo".

Nunca lhe pedi qualquer função pública. Aceitei a Secretaria Geral da Polícia porque v. me fez um apelo no sentido de "ajudar" o general Miguel Costa, já sobrecarregado de responsabilidades com o Comando da Força Pública e a Secretaria da Segurança. Não posso, contudo, "ajudar" um homem, traindo-o.

E ESSA TRAIÇÃO ao seu velho companheiro e comandante da Coluna Prestes é um erro político fatal para o seu governo.



Convicto de que estou agindo dignamente, prefiro ficar com a opinião pública de S. Paulo a mergulhar na aventura que representa a nomeação desses capitães para autoridades policiais, como processo ingênuo e provocador de intimidação. Você me concederá a liberdade de publicar esta carta. Seu amigo e companheiro sinsero

a) Raphael Corrêa de Oliveira".

A carta impediu a imediata nomeação dos delegados-capitães. Conservando-a em seu poder, o general Miguel Costa evitou que ela fôsse publicada. Mas a crise transpirou, repercutiu nos jornais e teve uma inegável influência nos quartéis da Fôrça Pública, onde a conspiração cresceu. Todavia o "impasse" continuava, com os capitães-delegados à espera de nomeação, e o secretário geral da Polícia à espera de demissão.

No dia 21 de abril, porém, o tumor rebentou. Dois batalhões da Fôrça Pública se revoltaram. E não fôra a ação rápida e enérgica do general Miguel Costa, o interventor João Alberto teria sido deposto naquele dia, mesmo porque, na Região Militar se esperava, apenas, o momento mais oportuno a uma intervenção incruenta em favor dos rebeldes.

A lição era contundente. E confirmava as sombrias previsões de minha carta. Mas João Alberto que tinha sido um dos mais bravos e serenos comandantes da Coluna Prestes ficou estonteado com os acontecimentos. As cenas que se passaram no Palácio dos Campos Elísios, naquele dia da revolta, merecem um capítulo destas memórias.

Ao interventor parecia que a única solução para o novo problema que se criara, era a imediata nomeação dos capitães-delegados. Contava, através destes, obter o apoio da Região Militar. E sobretudo lhe parecia imprescindível o efeito moral de uma intimidação.

Dominada a revolta, na mesma noite de 21 de abril, João Alberto me disse textualmente:

— "Você viu o que aconteceu. Não me crie dificuldades. Eu preciso nomear êsse pessoal do Exército para a Polícia".

— Não lhe criarei dificuldades. Pode nomear seus capitães. Mas eu de modo algum ficarei na Secretaria.

— "E aquela carta? Dê outro motivo para sua saída..."

No dia seguinte o general Miguel Costa me pedia para não publicar a carta. E ofereceu-me as suas razões que eram as de um grande coração na hora do próprio sacrifício.

Diante dessa disposição para o suicídio, que eu não podia mais evitar, escrevi algumas linhas protocolares restituindo ao governo de João Alberto o cargo que êle criara expressamente para mim.

E voltei ao meu jornal. Voltei para dizer uma série de verdades que acabaram sendo transcritas no "Estado de São Paulo" como documentação dos erros que o interventor e o governo federal vinham praticando na mais importante unidade da Federação.

JOÃO ALBERTO NÃO conseguiu agüentar-se além de sessenta dias no cargo que lhe fôra dado em consequência de uma imperdoável manobra do sr. Getúlio Vargas. De nada lhe valeram os delegados-capitães distribuídos pelo interior. Nenhum benefício lhe trouxe o enfraquecimento, e conseqüente destruição, do general Miguel Costa.

Os assomos do drama paulista começaram exatamente no dia em que João Alberto foi chamado ao Rio e ouviu do sr. Oswaldo Aranha a sentença de morte. Sem apoio civil, hostilizado pela Guarnição do Exército, e "forçando" a queda de Miguel Costa, — com quem finalmente pretendia governar o jovem e bravo tenente revolucionário perdido no labirinto das intrigas, competições e velhacarias de novas e antigas rapôsas políticas em franca atividade?

O fato, porém, é que João Alberto continuava tonto. E julgando-se traído pelos seus companheiros quis vingar-se deles com a nomeação do sr. Plínio Barreto para interventor... Dêsse modo queimou as mãos e os pés na hora da saída. Entrara mal. Saiu pior...

No entanto êle merecia um destino bem diferente.

NO ESPAÇO



**COMO É A LUA
QUE O HOMEM
VAI CONQUISTAR**

Na lua não há vermelho, verde ou azul; quase tudo

PERGUNTA

Há mapas da Lua? Em que partes se divide o nosso satélite? Quais os mais importantes acidentes geográficos lunares?

RESPOSTA

Aos poucos foram os astrônomos descobrindo e assinalando os diversos acidentes lunares, cartografando-os. O mais completo trabalho, a respeito, deve-se à Sociedade Selenográfica Britânica, que fez minucioso levantamento do solo lunar.

O critério inicial para traçar a carta da Lua consistiu em dividi-la em duas metades ou hemisférios, ligando por linha em cruz os pontos cardinais. É assim que apresenta o mapa da Lua 4 regiões naturais, denominadas quadrantes, nesta ordem: 1.º quadrante — noroeste lunar; 2.º quadrante — nordeste lunar; 3.º quadrante — sudeste lunar; 4.º quadrante — sudoeste lunar. É óbvio que os dois primeiros quadrantes ficam no hemisfério norte e os dois últimos no hemisfério sul.

Quanto aos acidentes selenográficos (esse o termo exato), diferem por demais dos geográficos, tão nossos conhecidos. Os principais acidentes lunares são: as montanhas, os vales, as planícies e as crateras. Não há oceanos, nem mares, nem rios, nem lagos. Também não há atmosfera, pois esta não passa, na Lua, de tenuíssima camada gasosa.

A Lua, dizem os astrofísicos, não pôde reter ou conservar atmosfera densa pelo fato de sua pequena massa não exercer suficiente força de atração para fixar envoltório gasoso. Os gases da Lua, no passado selenológico, escaparam à ação de sua insignificante gravidade e diluíram-se no vácuo sideral. É o que ocorre com todos os astros de massa pouco ponderável.

O que há, pois, na Lua, são montanhas, vales, planícies e crateras. Mas formam paisagem diversa da terrestre, em face da ausência da ação da água e do vento, por um lado e da atmosfera densa, por outro. Sem nuvens nem ar, cai-lhe o sol diretamente na superfície, durante 14 dias terrestres consecutivos, aos quais se seguem outros tantos dias de trevas noturnas. A consequência é que a temperatura, no longo dia lunar, ultrapassa de muito 100º centígrados e desce muito abaixo de zero, na equivalente noite lunar. E dada a ausência de atmosfera, calor e frio chegam de chofre, sem graduações, embora no subsolo lunar a temperatura possa se manter tolerável e constante. Calor e frio são os agentes naturais modeladores da Lua, contando-se ainda, entre tais fatores, os meteoros em queda quase contínua, desde que, sem atmosfera, fica a Lua exposta aos tremendos impactos meteoríticos, que lhe cavam e escavam o solo, gretado e fendido.

PERGUNTA

Se na Lua não existe água, como se diz que há nela mares, enseadas e lagos?

RESPOSTA

A denominação de mar, na Lua, não implica na presença d'água. Foi dada pela semelhança que têm certas regiões lunares com esses acidentes geográficos tão nossos familiares. Diga-se o mesmo das enseadas e lagos. Os mares são planícies escavadas e secas, geralmente amplas, cuja superfície lembra o mar por ser lisa e igual. São mares, sim, mas de lavas. Atualmente solidificadas e espalhadas, outrora líquidas e incandescentes.

Mais numerosos no 4.º quadrante, entre o sul e o oeste lunar, receberam os mares da Lua os mais poéticos nomes. Eis alguns, traduzidos do latim, língua da terminologia selenográfica: Mar da Fecundidade, dos Vapores, das Crises (Crisis por corruptela), das Chuvas, do Néctar, da Sereni-

dade. Há ainda o Oceano das Procelas e as enseadas do Arco-íris, do Orvalho e do Verão; sem faltarem o "Lago dos que dormem" e a "Lagoa do Sono"...

PERGUNTA

E os nomes das crateras? E que são estas?

RESPOSTA

As crateras lunares são formações em círculo, às vezes pequenas, extensas e profundas outras, todas abundantemente espalhadas no solo lunar. Dão-lhe a "face de bexigas" de todas as fotografias lunares. Simples ou duplas, chegam as crateras a formar cadeias. No aspecto, porém, diferem totalmente das terrestres. Sua origem é, em parte, vulcânica e, em parte, meteórica. São algumas clarorraiadas.

As primeiras crateras assinaladas na Lua tiveram os nomes dos mais ilustres representantes da antiguidade clássica, na filosofia, na ciência e nas artes. Há as crateras de Aristóteles, Anaxágoras, Arquimedes, Aristarco, Pitágoras, Euclides, Eratóstenes, Heródoto, Hesíodo, Tales, Platão e Xenofontes. As descobertas por último foram brindadas com nomes de sábios modernos, tais como: Copérnico, Darwin, Gauss, Faraday, Humboldt, Gutemberg, Le Verrier, Newton e Piccard.

PERGUNTA

E as montanhas lunares? Têm, por sua vez, belos e expressivos nomes?

RESPOSTA

Acham-se as montanhas da Lua, em sua maioria, no hemisfério sul, abrangendo os dois últimos quadrantes. Resultaram, como as da Terra, de intensa atividade vulcânica. São, porém, muito mais altas e escarpadas. Quanto às denominações, ao Himalaia lunar deu-se o nome de Leibnitz. E há os Alpes, os Apeninos, o Cáucaso... dez cadeias ao todo, das quais os Apeninos são a mais extensa. Os nomes, em geral, reproduzem os da nossa própria orografia.

Abruptas, íngremes, como nenhuma formação rochosa terrestre, são, contudo, fáceis de escalar, dada a pequena gravidade lunar. Essa também a razão pela qual acidentes na escalada oferecerão menor perigo. O alpinismo lunar será, no futuro, das mais eletrizantes aventuras esportivas, ultrapassando, em peripécias e emoções, a própria ascensão do Everest.

O S. Jorge da Lua, seu corcel e dragão, não passam de montanhas, do conjunto das montanhas lunares com seus picos numerosos e altaneiros.

PERGUNTA

E o outro lado da Lua? Não há geografia dele?

RESPOSTA

Janais foi visto pelo homem o lado oposto da Lua, porquanto nos mostra esta, sempre, a mesma face. Decorre isso, primeiro, da lentidão do movimento da Lua, que faz em 28 dias o que faz a Terra em 24 horas, isto é, leva quase um mês para girar em torno de seu eixo. Segundo, gasta esse mesmo tempo para dar uma volta completa em torno da Terra, sendo, portanto, iguais, no tempo, os seus movimentos de rotação e revolução. Claro, assim, que só nos pode apre-

é cinza e pardo, morto e silencioso

sentar a mesma face, por mais que gire em torno da Terra.

O hemisfério oculto deve ser, entretanto, semelhante ao visível. Pelo pouco que dêe vemos (cêrca de 9% graças aos movimentos de libração da Lua), apresenta-se com as mesmas características topográficas. Ainda não puderam ser denominados nem cartografados os acidentes físicos invisíveis. Sê-lo-ão, com certeza, após as primeiras viagens de circunavegação lunar, quando o homem, dentro de 5 anos, senão antes, terá visto e fotografado a recôndita face da Lua.

PERGUNTA

E o céu lunar? E a côr da paisagem, na Lua?

RESPOSTA

Como faltam ar e água, na Lua, pouco se difunde a luz. É negro, em consequência, o céu lunar. O solo não ajuda, por sua vez, a difusão da luz, constituído, como é, de lavas e rochas escuras. Não brilham na Lua côres vivas, quais o vermelho, o verde e o azul. Só sombras escuras e os matices do cinza e do pardo. Só côres mortas... Não há vegetação.

Denomina-se "albedo" a capacidade de reflexão de um corpo celeste iluminado. É muito fraco o albedo lunar, atingindo só a 7%. É tôda a luz que emite a Lua. E para felicidade nossa. Fôsse de 20% ou mais o albedo lunar, não

teríamos, envolvendo a Terra, suave manto de pálido luar. Cintilaria a Lua como um pequeno sol, perturbando o repouso noturno dos viventes terrestres.

Na Lua não há aurora nem crepúsculo. Desolada e triste é a paisagem. Ela que, vista da Terra, inspira tanta poesia, em si mesma é um mundo morto, silencioso e obscuro. Valham-lhe, ao menos, os poéticos nomes dados aos seus "mares"...

PERGUNTA

Onde descer na Lua, nas futuras "alunissagens"?

RESPOSTA

Evidentemente, não sôbre as escarpadas montanhas nem dentro das profundas crateras. Será nos vales e "mares" da Lua que terá o astronauta de descer. E uma das primeiras preocupações será procurar, ao sopé das montanhas, grutas que o abriguem tanto das intensas variações de temperatura como dos temíveis meteoros.

Começando na terra como troglodita, na Lua será também o honiem "habitante das cavernas". E se um dia ali construir cidades, serão estas subterrâneas, a menos que consiga, de futuro, dotar a Lua de atmosfera artificial, eletromagnetizada, que sirva de véu protetor contra as irradiações solares, os raios cósmicos e os meteoros.

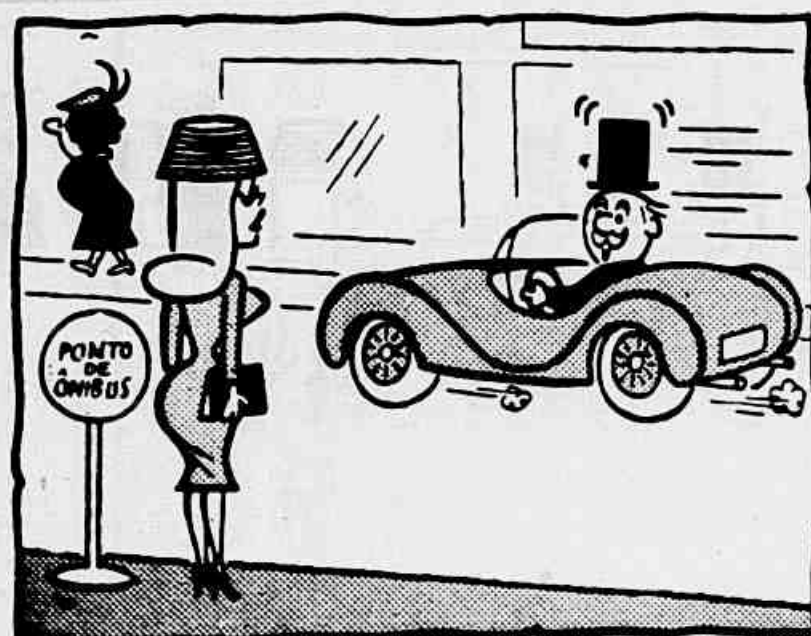
NOSSO PRÓXIMO NÚMERO

**OUTRA
APRESENTAÇÃO
DO
DEPARTAMENTO
ESPECIALIZADO**

CILENE



MR. ABERNATHY



CARVALHO PINTO QUER TIRAR COELHOS DA MANGA NOS CAMPOS ELÍSEOS

"Mestre.

Hoje, no despacho, escapou-me um pedido: o equilíbrio êste ano é ponto de honra. Tire todos os coelhos da manga.

São Paulo, 30 de outubro de 1957.

As.) — Jânio Quadros".

"Governador.

Atendido. 201 milhões.

São Paulo, 2 de fevereiro de 1958.

As.) — Carvalho Pinto".

* * *

Entre um bilhete e outro o secretário da Fazenda assegurou, com uma política

"OPERAÇÃO CEGO"

Este é o esquema da "Operação Cego": a aliança UDN-PSP, que está sendo articulada, inclusive pelos srs. Juracy Magalhães e Ademar de Barros. Se a "Operação" fôr vitoriosa, ela fará o presidente da República, em 1960. O PSD considera que "o perigo é real".

1954

CANDIDATOS	VOTOS
Ademar de Barros	2.100.000
Juscelino Kubitschek	3.000.000
Juarez Távora	2.500.000

MENOS 500.000 VOTOS

DADOS POR JÂNIO QUADROS

1960

2.100.000

financeira elogiada por gregos e troianos, um "superavit" de Cr\$ 201.804.827,00 no orçamento paulista de 1957.

* * *

"Nunca se fez tanto em tão pouco tempo. Estes resultados têm especial significação porque foram obtidos numa fase de notórias dificuldades.

São Paulo, 5 de fevereiro de 1958.
As.) — Jânio Quadros".

* * *

"Publique-se tudo na primeira página do "Diário Oficial". O documento não recomenda apenas o magnífico trabalho do prof. Carvalho Pinto; recomenda o governo de São Paulo ao respeito da nação. Agradece o governo ao secretário, em nome dos paulistas.

São Paulo, 5 de fevereiro de 1958.
As.) — Jânio Quadros".

* * *

"Mestre.

Faço votos para que V. Ex. no próximo ano faça essa exposição a si mesmo, neste palácio.

São Paulo, 5 de fevereiro de 1958.
As.) — Jânio Quadros".

* * *

Aos repórteres.

"A sorte de minha candidatura depende dos meus amigos.

As.) — Carvalho Pinto".

Jânio vai tomando o PTB de Jango

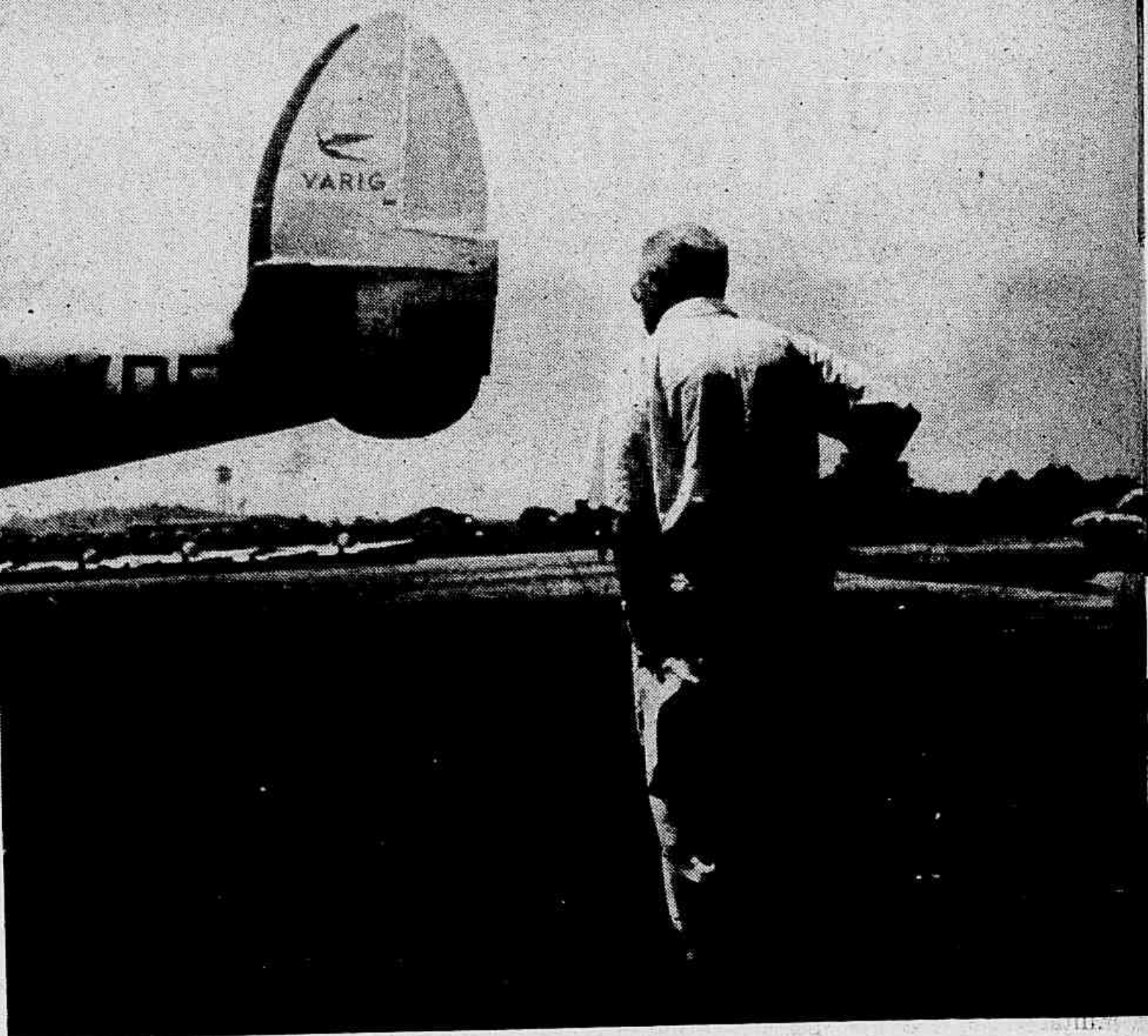
A VITÓRIA DA senhorita Ivette Vargas, na última Convenção do PTB paulista, foi uma vitória do sr. Jânio Quadros, a quem a deputada está atualmente ligada por laços de uma quase aliança política.

O triunfo do sr. Fernando Ferrari, derrotando o sr. Batista Ramos na liderança do PTB, também foi uma vitória de Jânio, a quem o novo líder da bancada petebista igualmente se uniu nos últimos dias.

Com um pé no PTB de São Paulo, o outro na seção paranaense e a mão posta agora sobre a liderança da bancada na Câmara, o governador paulista caminha realmente para empolgar certos setores antijanguistas do PTB.

São os chamados setores ideológicos, que vêem na dupla Jânio-Ferrari, com a ajuda da senhorita Ivette, a possibilidade de estruturar o PTB em bases "programáticas e imune ao primarismo janguista".

A animação é tão grande que o grupo



Na manhã do dia 5 de março, no Aeroporto do Galeão, quando jornalistas e fãs em grande número esperavam os artistas europeus que passavam para Punta del Este, um cidadão brasileiro, apesar de muito conhecido, não foi visto por ninguém. A não ser pelo fotógrafo da REVISTA DA SEMANA: era o brigadeiro Eduardo Gomes, que vestia camisa esporte branca, ligeiramente aberta no peito por causa do calor, e calça de linho também branca. O brigadeiro disse que não estava esperando ninguém, mas se soube depois que ele fôra ao Galeão para realizar um de seus dois vôos semanais que lhe permitirão completar horas de vôos. Isso é tudo quanto ele — há muito sem qualquer comissão — faz atualmente.

já está pensando em editar uma revista, que será uma espécie de "vade mecum" da nova ideologia trabalhista.

Os idealistas do partido, na Convenção de São Paulo, contaram com um apoio muito forte do industrial Olavo Fontoura, que Jango quis eleger presidente do Diretório, enviando-lhe para tanto uma carta através do sr. Baeta Neves.

Ivette conseguiu interessar o homem do Laboratório Fontoura, que viu naquela chance a sua esperada oportunidade de ingressar na política.

Deslocou-se então para um botequim da rua Barão de Itapetininga, trocou 4 milhões em notas novinhas de mil cruzeiros e ali montou o seu quartel-general. A senhorita Ivette encarregou-o de comprar todos os diretórios municipais do PTB. E o sr. Olavo Fontoura realmente comprou 137 diretórios. O grupo contrário, liderado pelo sr. Mário Aprille (cuja semelhança com o personagem de Guareschi já lhe valeu o apelido de Peppone) gastou 2 milhões e só conseguiu comprar 67. Resultado: perdeu.

Confirmou-se com esse resultado a opinião do industrial: "O problema do PTB é uma questão de barriga. E esta eu resolvo". Resolveu-o, é bem verdade, mas na última hora viu que a senhorita Ivette lhe passava a perna e candidatava-se a presidente.

No final, quem tinha razão mesmo era o deputado Agbuar Bastos, que apesar de pertencer ao grupo Aprille, assim diagnosticou a reviravolta havida no PTB de São Paulo:

"A coisa foi muito simples: o Olavo Fontoura entrou com dinheiro novo e resolveu a parada. Não para ele, coitado, que é bôbo. Mas para a Ivette, que é viva".

Realismo na área militar: pacificação

UMA CONFERÊNCIA do ministro-sem-pasta Tancredo Neves com o general Tasso Tinoco, há alguns dias, foi o começo da execução de um amplo esquema de pacificação militar, que se considera possível de chegar a bom termo, se houver concessões de parte a parte.

A conferência não foi precedida de contatos preliminares e, por isso, fracassou, mas os setores que tomaram a iniciativa do movimento (ao qual se diz

não ser estranho JK) não desanimaram: acham que dificuldades e fracassos iniciais são inevitáveis e contribuem apenas para retardar — não para impedir — um resultado positivo.

Aponta-se a atitude oficial em relação ao comandante Sílvio Heck como um indício das intenções pacificadoras do governo. O comandante Heck (a 11 de novembro comandava o "Tamandaré") fez recentemente, em Recife, violento discurso de crítica ao governo, depois de sua demissão da Capitania dos Portos e, com apoio dos sindicatos portuários, resistiu à orientação governamental no caso de uma disputa dos empregados com a concessionária do porto. Suas palavras tiveram grande repercussão, mas o comandante voltou ao Rio, foi para Petrópolis e não sofreu qualquer penalidade. Afirma-se que, no seu caso, influentes forças atuaram nos bastidores, visando a evitar que se pusesse mais lenha na fogueira dos ressentimentos da Marinha.

Por outro lado, os adversários da pacificação dizem que a convocação do general Odílio Denys e sua manutenção no comando do I Exército são indícios de que o governo — ou melhor: seu dispositivo militar — ou não quer pacificação alguma ou quer uma pacificação muito sui-generis, na qual ele fique com a faca, o pão e a manteiga — e a oposição só com a bôca (o que já tinha).

Mas os pacificadores estão animados e estão contribuindo para seu otimismo os seguintes fatores:

1 — A repercussão do caso Denys não foi além da demissão do general Hascket Hall e esta já se considera uma questão vencida pelo ministro da Guerra, não tendo a crise que se esboçava o esperado desenvolvimento.

2 — A oposição realista da UDN, expressa nesta declaração do senador Juracy Magalhães (A REVISTA DA SEMANA): "A UDN não quer fazer do general Lott cabeça de turco para pagar pelos erros de muitos".

3 — A posição do general Cordeiro de Farias, velho defensor da pacificação, que havia desanimado, mas agora recobrou o ânimo.

4 — A passagem para a reserva do almirante Pena Bôto. O almirante é geralmente considerado "muito sectário" e se afirma que ele pediu transferência para a reserva porque estava sentindo-se isolado e sem apoio, não só dentro da Marinha como até mesmo na Imprensa. A maioria dos jornais simplesmente deixou de procurá-lo ou de dar destaque aos violentos comunicados e declarações que ele distribuía.

5 — O realismo. Muitos observadores geralmente bem informados consideram que o realismo "está se tornando um estado de espírito", inclusive em muitos setores militares. Por isso estes observadores consideram que o general Tasso Tinoco foi precipitado quando disse ao sr. Tancredo Neves que a pacificação só seria possível sem o general Lott no Ministério da Guerra.

Bispo no (outro) esquema

O SR. FRANCISCO Monte não será vice-governador do Ceará, sua mulher, dona Olga, não será deputada federal e seus dois filhos talvez não sejam deputados estaduais, porque o sr. Parsifal Barroso será mesmo candidato a governador do Estado e foi rompido o acôrdo com a UDN, para eleição do sr. Virgílio Távora.

Se a família do sr. Francisco Monte chegasse a ser tudo aquilo o sr. Parsifal Barroso talvez viesse mesmo a ser governador, mais tarde, sucedendo ao sr. Távora, que deixaria o governo para candidatar-se ao Monroe, ficando em seu lugar o sr. Monte, que elegeria o genro.

Mas com a candidatura Parsifal o esquema de quatro pontos foi completamente subvertido. Por fim o bispo de Sobral decidiu ser o quinto ponto do esquema — e passou a trabalhar pelo sr. Virgílio Távora.

JK diz que não disse mas Jango diz que disse

A POLÍTICA BAIANA se agitou com as versões em torno das últimas atitudes dos srs. Juscelino Kubitschek e João Goulart.

O vice comunicou a alguns amigos que JK realmente o havia procurado para fazer-lhe um apêlo em favor de Vieira, na presença do sr. Manoel Novais, que também o tomou para si e para o PR baiano. Quem espalhou essa notícia, encarregando-se de dar-lhe a maior repercussão possível, foi o próprio Goulart, justamente interessado em colocar-se numa posição de fiel da balança no pleito baiano.

Balbino, juntamente com Juracy, foi cientificado dessa gestão presidencial. Souberam ambos que ela resultara dos dois discursos pronunciados pelo presidente da UDN no Senado, em resposta à euforia de Kubitschek nas comemorações do 2.º aniversário. Agastado com as críticas do presidente udenista, resolvera então o presidente da República criar-lhes dificuldades na Bahia.

Goulart resistiu ao assédio presidencial: "Você está hoje muito exaltado. É impossível tratar de política com exaltação", disse e foi embora para São Borja. Antes, conversou com Juracy no Senado.

Quem não gostou dessa interferência presidencial foi Balbino que, depois de conversar com o sr. Eurico Sales, resolveu ir diretamente à presença de Kubitschek. E aí teve uma grande surpresa: Juscelino jurou-lhe que não fizera

nenhum apêlo a Jango em favor de qualquer modificação na linha do PTB baiano. Reafirmou o seu firme (e aparente) propósito de não interferir nas sucessões estaduais.

Com êsse desmentido, aumentou ainda mais a confusão. Quem estaria falando a verdade? Jango ou Juscelino? O primeiro sustenta que recebeu o apêlo. E diz inclusive ter testemunha — que no caso seria o sr. Manoel Novais. O segundo declara que não fez pedido nenhum.

Dois detalhes são a favor da versão de Goulart:

1. O fato de Vieira mostrar-se particularmente eufórico na tarde em que se divulgou a notícia do encontro Juscelino-Jango.

2. A circunstância de haver uma terceira pessoa presente à conversa.

A Jango, como presidente nacional do PTB, não interessa realmente alterar a linha política que o partido vem seguindo na Bahia. E foi isto o que ele disse a Kubitschek.

O estado-maior petebista raciocina em termos realistas, para achar que Vieira já é, de qualquer forma, um aliado natural do PTB na Câmara, onde sua posição de líder da maioria não lhe possibilita agir fora do esquema das forças governistas. E tanto isto é verdade — dizem — que no caso do inquérito parlamentar do pinho, Vieira empenhou-se de corpo e alma no sentido de arquivá-lo, a fim de eximir Jango de qualquer responsabilidade nas transações com Perón.

Chateaubriand quer voltar ao Senado

VOLTOU O SR. ASSIS Chateaubriand a insistir junto ao PSD do Rio Grande do Norte para ser senador no próximo pleito. Sua viagem ao Brasil, no atual momento, tem êste objetivo concreto e pessoal.

Alguns setores do PSD do Rio Grande do Norte dispõem-se a candidatá-lo, para resolver três problemas de sua estratégia política:

1 — financiamento para a campanha, o que facilitará a eleição de suas representações à Câmara e à Assembléia Legislativa;

2 — cobertura de publicidade, em Natal, onde o sr. Chateaubriand dispõe de dois jornais e uma estação de rádio, além da sua cadeia nacional de jornais, rádios, revistas e tevês;

3 — atuação do sr. Chateaubriand junto aos órgãos do governo para prestigiar o PSD potiguar.

No PSD havia outros nomes em cogitação, como o mons. Walfredo Gurgel e o ex-governador Sílvio Pedroza, êste com mais chance. Mas o sr. Chateaubriand gostaria de ter o sr. Pedroza como seu suplente, e talvez esta fôsse uma fórmula fácil dentro do partido.



Lady Maxwell informa

LADY MAXWELL confirma: lamento informar que separou-se mesmo o conhecido casal paulista Nelson Mendes Caldeira. A elegante senhora Cristian Caldeira receberá uma polpuda soma que lhe garantirá uma vida de alto luxo.

CONTINUAM OS RUMORES do próximo casamento da sra. Nelita Alves Lima ex-senhora Pignatari com o não menos milionário paulista Francisco Sousa Dantas Forbes...

SEM DÚVIDA ALGUMA a ex-modelo Vânia Pinto deixou mesmo o cobiçado partido Francisco Eduardo Paulo Machado a ver navios. Há cerca de seis meses partiu para fazer compras em Nova Iorque e até hoje não voltou...

É REALMENTE UMA questão de gosto a vocação da cantora Maysa Matarazzo pelos rapazes noturnos. Seu último par nas noites cariocas tem sido o jovem Paulinho "Pouca Roupas" ex-maitre do "Hi-Fi"...

RUMORES DE QUE o diplomata Rodolfo Sousa Dantas está se separando de sua jovem esposa...

TAMBÉM INSISTEM nos rumores de que o casal Vinícius de Moraes está se separando. Um dos mais convincentes sintomas que o poeta está convalescendo do acidente de automóvel que sofreu na Rio — Petrópolis na casa de sua mãe.

HÁ QUALQUER COISA de misterioso na permanência do embaixador Hugo Gouthier no Rio. O movimentado diplomata é muito hábil para não perder tanto tempo longe de seu pôsto...

FINALMENTE IBRAHIM SUED subirá o altar com a srta. Glorinha Drumond no próximo dia 19 na Capela da Reitoria. Dom Helder Câmara dará a bênção nupcial. Somando as fortunas de alguns de seus padrinhos, posso afirmar que a cifra vai para mais de um bilhão (sim, um bilhão) e meio de cruzeiros...

AS SENHORITAS VERA Dolabela, He-loísa Dolabela, Ilde Garavaglia, Marina Mesquita, Sílvia Vidal continuam em disponibilidade. Isto é, sem namorados...

ESFRIOU COMPLETAMENTE o namoro da srta. Mary Jordan com o sr. Plínio de Carvalho.

O EUFÓRICO SR. Jaime Castro Barbosa perdeu completamente a euforia no Country Club depois do famoso "Affaire" da lista dos "atropeladores"...

AOS RAPAZES QUE formam a roda de pôquer com o sr. Virgílio Carneiro no Country Club, previno que ele só joga com par colado, ou rei e ás... É por isso que ele nunca perde.

EMBORA O CARNAVAL tenha acabado, o jovem marquês de Segur continua aparecendo fantasiado de marquês de Segur, com suas roupas exóticas que lhe ficam muito bem...

O MILIONARIO JORGE GUINLE, que se encontra presentemente de passagem pelo Rio, está participando aos amigos que breve partirá para os Estados Unidos...

O JOVEM DEPUTADO Olavo Drumond — de Minas, é claro — resolveu se cercar muito bem, isto é, avalizar-se, pelos dois lados... Quando não é visto em companhia do sr. Hermelino Matarazzo é encontrado ao lado do sr. Sebastião Pais de Almeida...

ENQUANTO O SR. Roberto Marinho dedica-se atualmente (com grande entusiasmo) ao seu novo "hobby", a pesca, o sr. Samuel Wainer também se entrega com grande entusiasmo ao seu novo "hobby" que é o "Café-Society"...

HOJE A CRÔNICA social ficou dividida em duas partes: Os colunistas que trabalham para cavar notícias e os colunistas que trabalham para cavar "notas"...

AO QUE PARECE o romance do sr. Jorge Pacheco Chaves com a americana que se encontra no Rio a seu convite acabará criando raízes... Todavia, a americana em questão, declara sempre: — Sómente ficarei no Brasil se Jorgito me presentear com uma belíssima residência...

O FESTIVAL DO CINEMA, que ora se realiza em Punta del Este, em matéria de conteúdo artístico, pode ser comparado ao da cantora francesa Anabelle, que está se exibindo no "Club 36"...

A FILHA DO SR. Paulo Bittencourt, que reside na Espanha, manifestou ao seu pai o desejo de voltar a morar no Brasil. O sr. Paulo Bittencourt discordou...

O SR. GUSTAVO MAGALHÃES parece ter resolvido os seus negócios com o Banco do Brasil, mudando de sócio. Em vez do sr. Cláudio de Graça Couto, será o sr. Tony Mayrink Veiga.

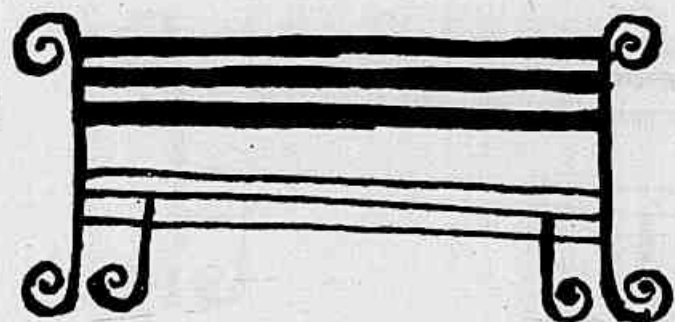
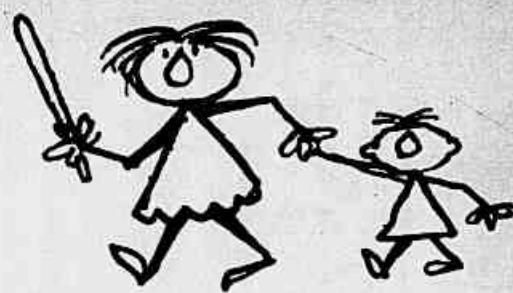
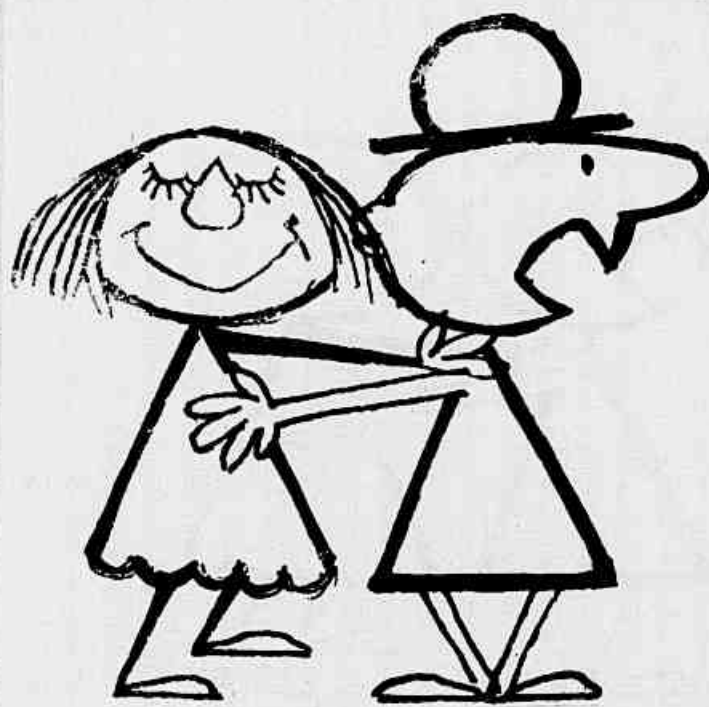
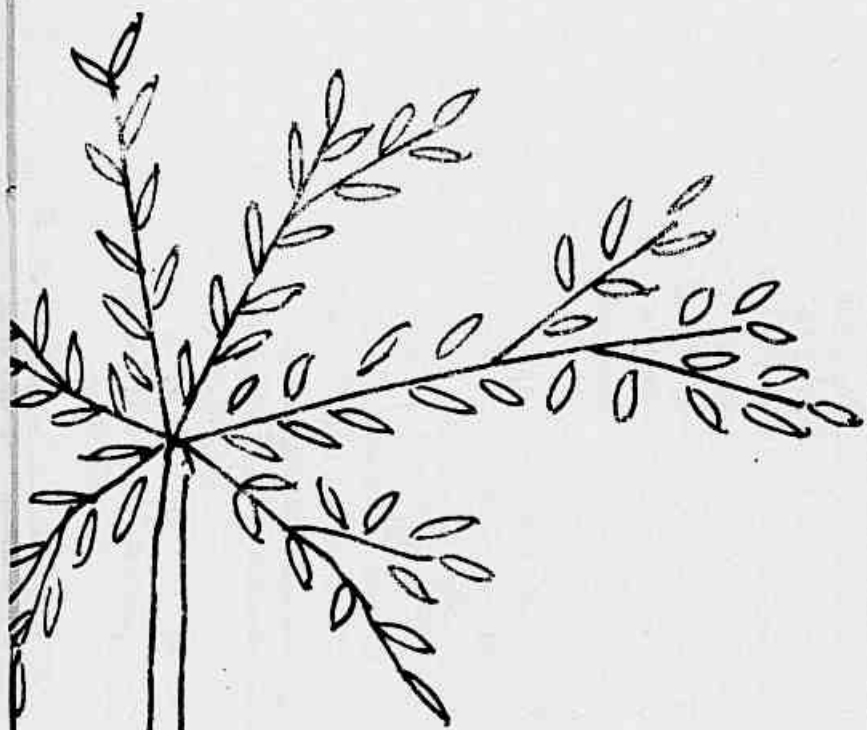
NA AUSÊNCIA DO CRONISTA social Ibrahim Sued, que vai passar lua-de-mel na Europa, a reportagem social de "O Globo" será feita pelo seu próprio diretor, sr. Roberto Marinho, com o pseudônimo de "Interino", fórmula adotada pelo sr. Samuel Wainer, na "última Hora" quando da saída da sra. Pomona Politis...

EM ANO ANTERIOR, o sr. Graça Couto proporcionou a seus amigos uma festa carnavalesca e convidou o sr. Samuel Wainer. Sua mãe opôs-se à presença do diretor da "Última Hora" e o convite foi desfeito. Neste ano, a festa foi paga, o sr. Wainer comprou ingresso e compareceu. A diferença: a festa não foi na casa da mãe do sr. Graça Couto e sim na sua própria casa de veraneio.

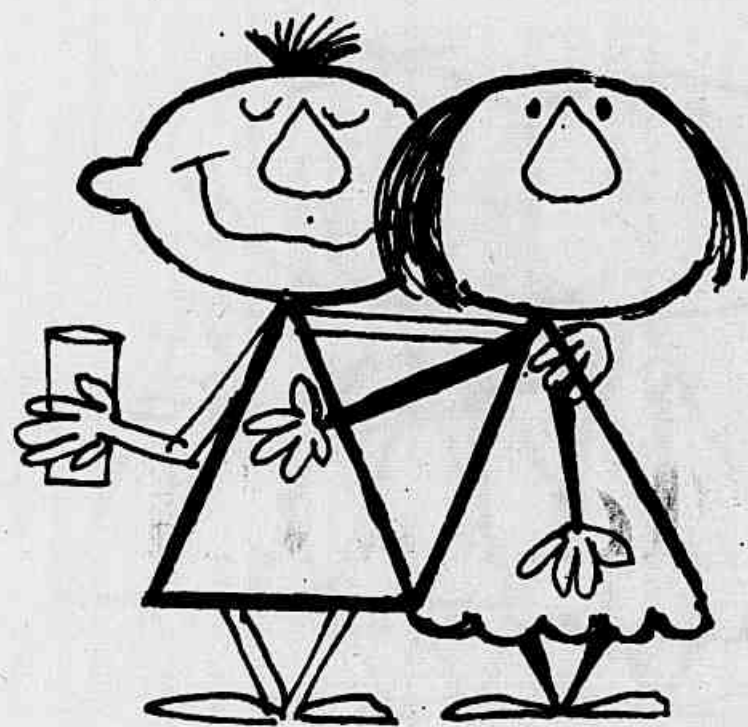
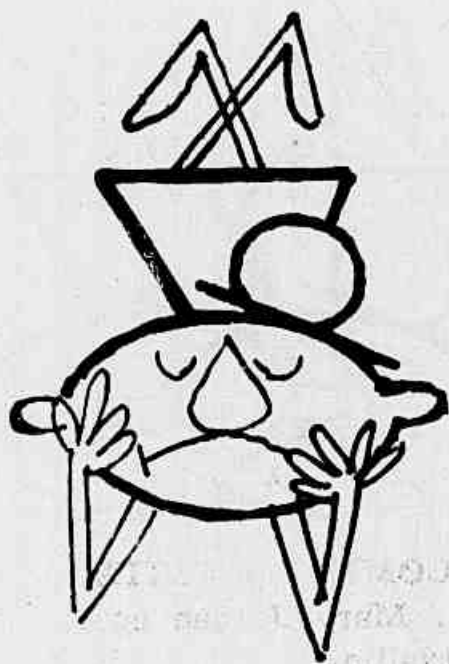
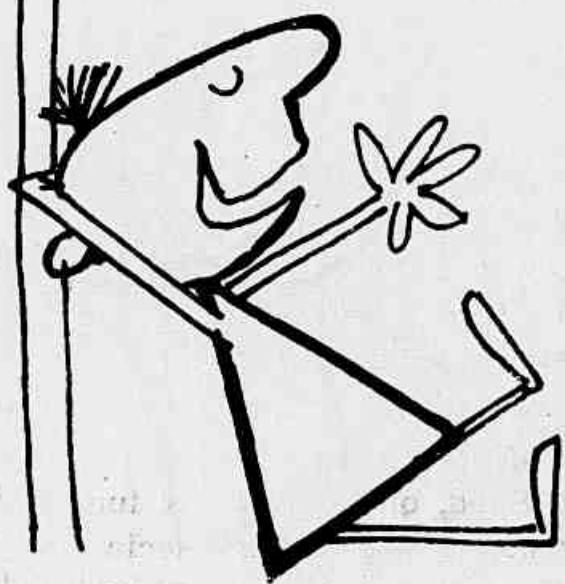
EU NAO GOSTO de me gabar, mas a verdade é que eu fui a única a antecipar para vocês a verdade: Linda Christian não casa com Baby. Agora ouçam: ela voltou pegando de surpresa até ao próprio noivo (digamos assim). Veio dizendo que não agüentava de saudades. Mas Baby comentou com amigos que "ela é muito boazinha mas cansa". O casamento não sai mesmo e o romance já vai acabar...

O SR. JANIO QUADROS revelou a um amigo que veio ao Rio chamar a atenção de Juscelino e de Alkmim para a gravidade da situação econômica de S. Paulo e do país e ficou estarelecido com a irresponsabilidade de ambos.

O NOME DE Linda Christian é Rosa Blanca Welter... E al kmim, em árabe, quer dizer a cilada.



Tá bem, tá bem; eu juro te amar eternamente, mas agora tenho de ir.

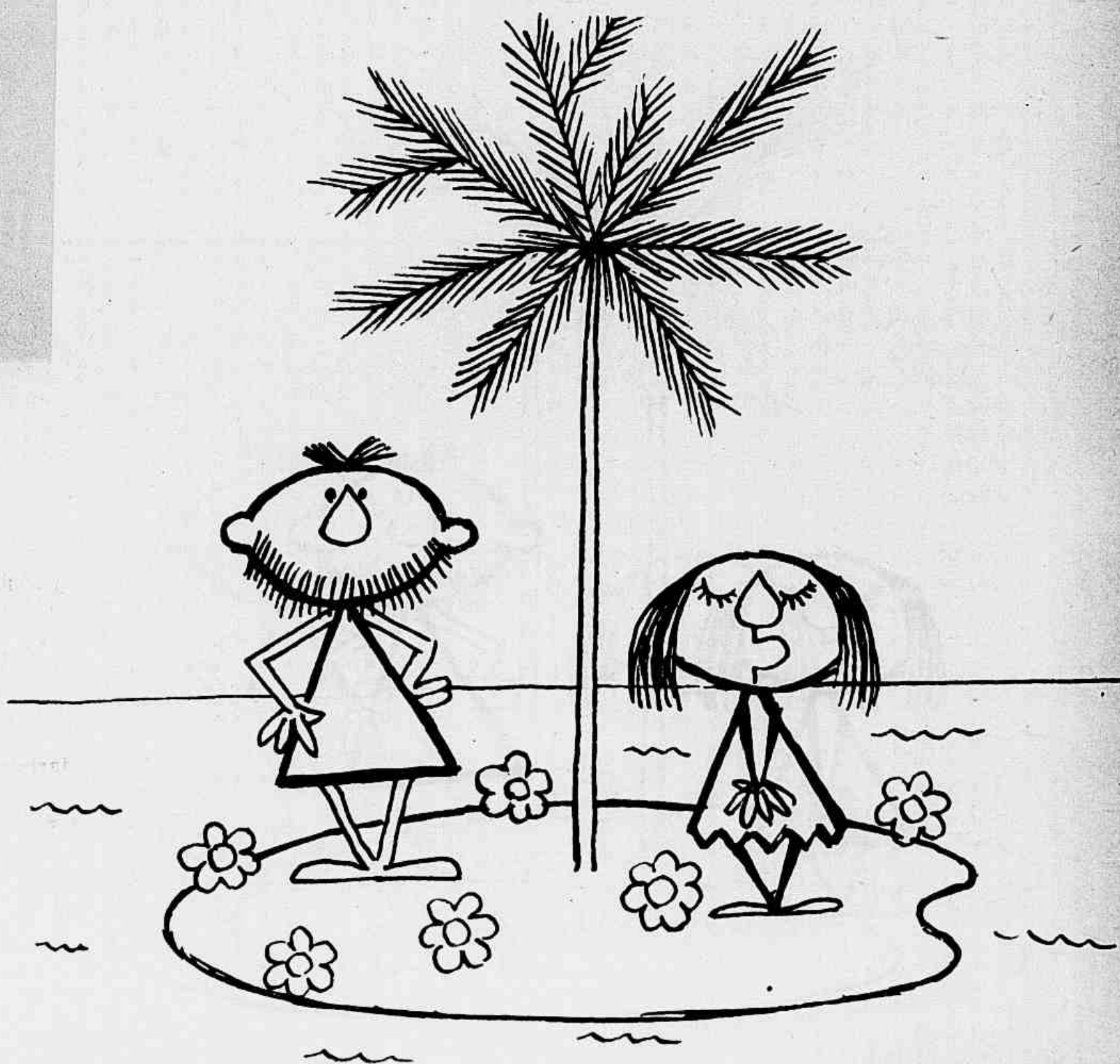


— Os americanos inventaram uma máquina que faz tudo.
Basta apertar um botão.
— Mas apertar botão dá muito trabalho...

Cuidado, Jorginho, que a Lady Maxwell pode estar nos espiando...

AMBRÓZIO

Estes cinco anos de convívio não lhe permitem a ousadia dessa proposta, sr. Silva.



DE OLHOS FECHADOS

TERMINAMOS o ano com um "deficit" financeiro de 30 bilhões de cruzeiros. As previsões para este ano são mais alarmantes. O dólar ultrapassou a barreira dos cem cruzeiros. Revela-se dia a dia a falsidade do plano de auto-financiamento de Brasília: aumentam os fornecimentos oficiais, os institutos de previdência desviam compulsoriamente os seus últimos recursos para a nova capital, e todo o país sofre restrições nas verbas destinadas a estradas, açudes, escolas, hospitais, iniciativas rurais, porque os dinheiros estão curtos e é preciso tocar Brasília em ritmo de delírio. Agravava-se a crise de trigo, sob cujas sacas se escondem grandes interesses de grupos, de par com a obsessão governamental de "fazer dinheiro" comprando fiado trigo americano de qualidade inferior, mesmo com o sacrifício da nossa produção. E o drama do café estala em proporções atordoantes: às portas da nova safra de 23 milhões de sacas, temos os armazéns oficiais abarrotados com 8,6 milhões, adquiridos a preço alto, na política de valorização artificial a que se atirou insensatamente o governo. A receita cambial, pela diminuição de nossas vendas no exterior, caíram verticalmente, e aí estão duas cifras irretorquíveis: "deficit" comercial, em 1957, de 240 milhões de dólares, e redução de nossa reserva de dólares, ao final do ano, a menos de 10 milhões. Há pânico em todos os setores ligados ao café, e como esse produto é o sustentáculo principal de nossa economia, o pavor se irradia instantaneamente, menos na área restrita de grupos especuladores que negociam a desgraça do país, ganhando somas fabulosas em aventuras dirigidas.

ENQUANTO este quadro se apresenta aos nossos olhos, com toda a força de suas consequências implacáveis, — o custo da vida se elevando semana a semana, com as emissões de irresponsabilidade e desespero, e a população do Distrito Federal esgotando suas reservas de paciência na luta por água até para beber — como reagem as nossas elites políticas?

DIAS SEGUIDOS, partidos, líderes, jornais entretêm polêmica em torno de um encontro do presidente da UDN com o presidente do PSP, para tratar de um interesse eleitoral momentâneo e restrito de duas seções estaduais dos dois partidos; a maioria governamental arregimenta-se para cochichar sobre as virtudes de múltiplos candidatos a presidente da Câmara, e fazer os cálculos do rendimento político deste ou daquele grupo que quer empalmar a direção daquela casa do Congresso; a propaganda oficial põe em funcionamento a maior cadeia de televisão e rádio já organizada no Brasil, com que verba não se sabe, para os elogios de

cada ministro ou diretor de repartição a si mesmo e ao chefe de todos, o sr. Juscelino Kubitschek, enquanto às vozes discordantes de oposição fecha-se o microfone num silêncio iníquo e poderoso.

TEMOS A IMPRESSÃO de que se a um país cheio de possibilidades se condenasse a viver perigosamente um tal espetáculo de desarvorada inconsciência, não se poderia obter melhor do que está aí, sem encomenda, nascendo espontaneamente das coisas e dos homens, uma economia perturbada, dessangrada, enlouquecida, um povo insatisfeito, as elites dirigentes despreparadas e medíocres, um governo cobrando dos seus governados o preço aniquilador de restrições, de sofrimentos, de crescentes inquietações, à base de promessas e ilusões creditadas ao futuro incerto e remoto.

ESTE É O panorama geral brasileiro nestes começos de 1958. Se alongarmos as nossas vistas para ver as minúcias, os recantos, os ângulos particulares, então, não se resiste ao desalento mortal. Vemos o Nordeste, como exemplo do que nos toca mais sentimentalmente. A idéia mais generalizada é de que se trata de uma região muito pobre mas de gente audaz, que vez por outra sofre os rigores da seca e, por isso, é preciso, nessas fases agudas, gastar algum dinheiro em socorros de emergência às populações esfomeadas. Para que saber mais?

E O NORDESTE vive, nesta hora, o momento culminante do seu drama tri-secular, sob a ameaça de uma seca, com as chuvas tardias, irregulares e dispersas, mas, sobretudo, com as suas fontes de economia estancadas, sem crédito, sem preço, agricultores e industriais em desespero inútil, gastando as últimas energias e, o que é pior, as últimas esperanças.

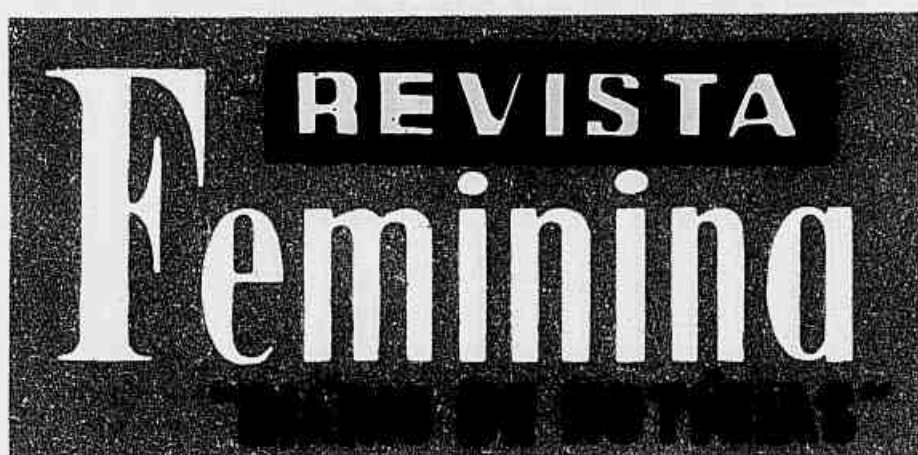
CRISES TODOS os países atravessam e vencem, dirão, e é certo. O Brasil também vencerá esta e outras, não há dúvida. Mas, o que ninguém diz é que só as grandes decisões e os grandes homens vencem as grandes crises. As nações, nessas horas, põem a funcionar o seu instinto de sobrevivência e de salvação e revelam os condutores audaciosos e lúcidos.

DESGRAÇADAMENTE, nós fechamos os olhos, deixamos que as coisas se resolvam por si mesmas, e se intervimos, é para agravá-las com a notável e própria incompetência desta medíocre geração a cujas frágeis mãos veio cair um país que está pedindo algo mais alto e digno.

ALUIZIO ALVES



ref



Um maravilhoso
presente que o
“Diário de Notícias”
está oferecendo
às suas leitoras
todos os domingos

A «Revista Feminina» do «Diário de Notícias», impressa em rotogravura e em cores, é o mais completo retrato do mundo feminino. A Moda, a Beleza, a Elegância, as últimas sugestões dos mais famosos figurinistas, tudo isso é encontrado nas páginas da

REVISTA FEMININA

que faz parte
da edição dominical do

Diário de Notícias

